

CONSUELO DE CASTRO

À Prova de Fogo



CONSUELO DE CASTRO

À Prova de Fogo

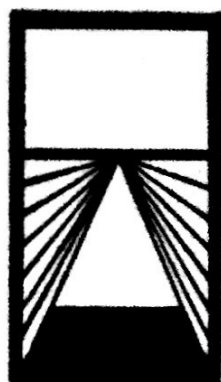
TOMBO...:56400



SBD-FFLCH-USP



48455
BIBLIOTECA
HISTÓRIA - FFLCH
USP



EDITORA HUCITEC

São Paulo, 1977

UM DOCUMENTO EXEMPLAR

A isenção é uma qualidade mais apreciável no ficcionista do que no crítico. Se o crítico pode submeter o objeto a uma perspectiva pessoal, que altera o valor segundo os seus critérios, o ficcionista vê cada personagem do íntimo dela, revelando sempre suas razões profundas, independentemente de como julgue, na realidade, o seu comportamento. Só é bom ficcionista aquele que consegue apresentar, com igual convicção, adversários inconciliáveis. E é esse mérito extraordinário o primeiro que chama a atenção em À Prova de Fogo, peça de Consuelo de Castro.

Nem se chega a acreditar que seja a primeira experiência cênica da autora, que teve um êxito merecido com À Flor da Pele. Não se vê em À Prova de Fogo nenhuma indecisão de quem se inicia no diálogo. O texto mostra, além da análise surpreendentemente objetiva dos acontecimentos retratados, a maturidade formal de quem tem a vocação inata do palco.

Como obra feliz, À Prova de Fogo é uma síntese de todas as virtudes que se requerem da dramaturgia: grandeza do tema e da situação, exemplaridade das personagens, boa arquitetura cênica e eficácia do diálogo. É difícil, aliás, apontar o que mais agrada na peça, tão bem fundidos estão todos os seus elementos.

Em pleno período do movimento estudantil, que precedeu a edição do Ato Institucional n.º 5, de 13 de dezembro de 1968, Consuelo foi capaz de fixar, com espantosa clarividência, todos os lances da ocupação de uma faculdade pelos alunos. Um raro poder de síntese traz à cena os mais variados problemas, sem que eles se tornem superficiais ou pareçam meramente exemplificativos de reações de laboratório. Aí se acompanha o estudante na relação com o mundo, com a sua coletividade e consigo mesmo. Alinham-se, com absoluta nitidez, os mais controvertidos temperamentos, que definem as diferentes facções em que se dividiu a luta política.

Consuelo não sucumbiu à tentação de exprimir uma visão idealizada ou demagógica do estudante. Ao contrário, ele apa-

rece em sua complexidade humana, que não omite as paixões, os ressentimentos, as mágoas, muitas vezes turvadores da pureza do impulso político. O "golpe" no líder Zé Freitas, explicado pelos adversários como discordância de sua tática "revisionista", se mistura a uma forte dose de vontade de ferir e se vingar, o que encorpa de seiva humana as motivações e os conflitos. Cada personagem está exposta na sua desnuda humanidade.

Sem preocupação de encontrar tipos representativos de temperamentos diversos, Consuelo movimentava uma extensa galeria de caracteres, que refletem com clareza todas as posições estudantis. O microcosmo cênico está permanentemente relacionado com o macrocosmo social, alimentando-se dele e ao mesmo tempo influenciando em sua fisionomia. Por meio dos estudantes e de seu contato com o exterior, tem-se um amplo painel do Brasil agitado de 1968.

Como a matéria era rica e de difícil resumo, Consuelo precisaria dominar como dramaturgo experiente a tarefa de distribuição dos episódios, e o que surge é uma estrutura equilibrada, num crescendo de insuportável dramaticidade até o desfecho. E o diálogo é sempre incisivo, cortante, feito de frases com freqüência lapidares.

A força incômoda de *À Prova de Fogo* está em que provocou, mesmo sem ser levada à cena, as mais apaixonadas polêmicas. Estudantes acharam que a autora os havia traído, pintando-os em sua verdade. E a Censura interditou a peça, por julgar que ela "contraria dispositivos do artigo 41, letras D e G do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946", os quais estabelecem:

"Art. 41. Será negada a autorização sempre que a representação, exibição ou transmissão radiotelefônica:

.....
d) for capaz de provocar incitamento contra o regime vigente, a ordem pública, as autoridades e seus agentes;

.....
g) ferir, por qualquer forma, a dignidade ou o interesse nacional".

Está claro que *À Prova de Fogo* não trai os estudantes nem deve ser capitulada nos dispositivos que a Censura invocou. Compreende-se que a exaltação de ânimos do momento de luta tenha provocado o repúdio ao texto, de ambos os lados. A Censura evitou que se discutisse em público, num instante em

que as feridas ainda estavam abertas, um tema tão caloroso. Mas agora, à distância de alguns anos, não há mais motivos para receios de qualquer natureza. Encontram-se na peça os motivos mais nobres do movimento estudantil, bem como não houve a intenção de subverter valores. Consuelo apenas retratou, com absoluta imparcialidade, uma situação que dizia respeito a todos.

E, a esse título À Prova de Fogo é um dos mais verdadeiros e importantes documentos do país. Quem desejar entender, no futuro, o que se passou no Brasil, de 1964 a 1968, precisará tomar conhecimento da peça. E ela não ilumina apenas um período, mas todo um processo. Deve ser encarada, portanto, como uma das obras que trouxeram uma contribuição efetiva à dramaturgia brasileira.

Sábato Magaldi

À Prova de Fogo confronta-nos com uma época próxima e remota: 1968. Os estudantes do mundo inteiro, unindo-se, como se constituíssem uma só classe política, julgaram poder destruir, nessa ordem, a estrutura da Universidade, do sistema capitalista e da moral burguesa. Através de um esforço heróico e concentrado iriam realizar em poucos meses o que dezenas de gerações revolucionárias, desde 1789, não haviam conseguido: implantar a liberdade (sobretudo a sexual), a igualdade (sobretudo a econômica) e a fraternidade (sobretudo a dos jovens).

Consuelo de Castro mostra-nos apenas uma trincheira dessa vasta sublevação: um microcosmo que talvez reflita algo maior. A parte propriamente política é simples: a eterna divisão entre direita e esquerda, que se renova dentro de cada partido ou facção, o perpétuo conflito entre realistas e visionários, entre os que, como Zé Freitas, mesmo com uma granada na mão, desejam negociar, obedecer às regras do jogo político, que comporta obrigatoriamente um adversário com o qual se pode parlamentar, em especial nas situações de inferioridade, e os heróis, os desesperados, os puritanos da ação revolucionária, os de tendências já francamente autodestrutivas, como Júlia e Cebolinha.

Em torno dessas posições, dessas opções vitais — entregar-se ou resistir até a morte —, tece-se a trama das paixões adolescentes, das relações que nem por serem ostensivamente sexuais deixam de conter um inesperado conteúdo afetivo, prendendo mais do que se pretendia a princípio. A sonhada liberdade parece favorecer antes o homem do que a mulher, como se a entrega continuasse a ser uma posse, uma vitória do macho sobre a fêmea. Terminado o brief encounter, realizado liricamente sobre os telhados, como os gatos, ou em desertas salas de congregação, sob os olhos horrorizados dos catedráticos, cujos retratos austeros pendem das paredes, resta, para ele, as lembranças agradáveis, a satisfação da conquista, a contínua disponibilidade; para ela, não raro, um vago sentimento de frustração, um apego que não ousa se chamar sentimental, quando não a carga de um filho indesejado.

O entrelaçamento desses dois planos, o afetivo e o político, o individual e o coletivo, o burguês e o revolucionário, dá à peça um caráter de tragicomédia que ela desenvolve consciente e exemplarmente, indo com igual firmeza, da tensão dramática à distensão farsesca. O final patético. A juventude rende-se não só ao inimigo, à polícia, à ameaça de tortura, à reação da sociedade apavorada, como às fraquezas que estavam, sem que eles pressentissem, dentro de cada um: a insegurança, o medo, a imaturidade, um resto persistente de ingenuidade infantil. São adolescentes chamados cedo demais às responsabilidades da política, revolucionários que brincam com a revolução, um pouco como se brincassem de mocinho e bandido, admirando-se indevidamente quando a morte se aproxima, para cobrar a sua porção. "Le jeu de l'amour et de la mort", como escreveu Romain Rolland, a propósito de outra "prova de fogo", de proporções infinitamente mais amplas do que esta.

É a mocidade, no que tem ainda de irresponsável — porque a perspectiva da peça é dura, é crítica, é implacável —, mas também com a sua generosidade, a sua inesgotável reserva de humor, mesmo em face do perigo, o seu enorme senso de solidariedade, fazendo-nos sentir vergonha da nossa estreita sensatez de adultos. A cena da mãe de Zé Freitas, proclamando, com a sabedoria do cansaço, que "o mundo nunca foi diferente", que "o mundo nunca vai mudar", enche o nosso coração de tristeza, por sua mescla de experiência e desesperança. Será essa morna resignação, no fim de contas, a súplica moral que temos a ofertar, como resposta, à indagação dos jovens? A razão estará mais ao lado de Zé Freitas, com a sua forte consciência crítica, que, como toda consciência excessiva (provou-o Shakespeare através de Hamlet) tende freqüentemente ao recuo, à acomodação, do que com Cebolinha, preferindo antes morrer que se integrar à vida vazia dos pais endinheirados e das mães amorosamente estúpidas?

A Prova de Fogo não é a resposta. Não pleiteia nada, nem contra, nem a favor de ninguém. É testemunho, com todas as qualidades de um bom testemunho: honestidade, boa fé, objetividade. O que Consuelo de Castro viu, soube transmitir, com emoção, ironia, distanciamento e imaginação dramática.

Décio de Almeida Prado

À PROVA DE FOGO: DA MEMÓRIA

Como transitar da ficção à história, e fazer o caminho de volta, sem perder o rumo, eis a lição de Consuelo.

Hoje, cicatrizando feridas, perguntamo-nos do sentido do processo (e ele existe), do significado da radicalização dos últimos seis ou sete anos — e desconfiamos. Que a tomada da Faculdade de Filosofia, pretexto do texto de Consuelo, significou um momento crucial, um marco histórico no processo histórico-cultural das últimas décadas, não padece dúvida. Mais difícil será descobrir se correspondeu a — apenas — uma radicalização da pequena-burguesia. Algumas formas de expressão não foram revolucionárias — foram, antes, manifestações de exasperação em face da mediocridade reinante e em face da compressão político-cultural que se avizinhava. Mas teriam sido, todas, o resultado da exasperação pequeno-burguesa? Não creio. A preocupação em “domar” o processo, visível num Zé Freitas, preocupação que se sobrepõe à sinuosidade resultante das forças e opiniões em conflito, parece sugerir que, à época, houve muita lucidez e algum rompimento real.

O texto de Consuelo surge, passado tão pouco (e tanto) tempo, muito lúcido e distanciado. Lendo À Prova de Fogo, pode-se verificar agora que a própria noção de processo era viva, e não uma idéia retórico-acadêmica. As salas de aula, o salão da Congregação que vetusta e nobremente assistiram a tantas defesas de teses, a tantas justas acadêmicas sobre noções como processo, sistema, estrutura, conflito, foram surpreendidas pelo próprio processo histórico — em que se radicalizaram os filhos da pequena-burguesia. Reprimidos, aliás, pelos seus filhos, porém uniformizados.

— “A classe média é que é dramática. Um drama!”, exclamava Cebolinha. Com o que estava de acordo o seu antagonista, o líder Zé Freitas, num dos raros momentos, de resto, de concordância entre os dois líderes radicais da ocupação da “Maria Antônia”:

— “A pequena-burguesia tem que se estourar. Tem que se entubar.

Eta classe besta, meu Deus! Não tem refinamento para ser alta-burguesia, nem sofrimento para ser proletariado. Ela vai se estourar de verde e amarelo”.

Vamos fechando o ciclo em que se produziram tantas e tantas revisões radicais e surgiram não poucos impasses, teóricos e práticos. Reinstaura-se a noção de processo — diminuem as reflexões, que desembocavam na idéia de descontinuidade. Diga-se, de passagem, que as teorias que valorizavam as “descontinuidades” do processo histórico, e tantas vezes se projetaram em concepções de teatro aqui, área dependente, nada mais eram que o disfarce sob o qual se apresentava a impotência política em face da própria história presente. História mais sofrida que vivida.

A pressão do processo histórico parece recolocar agora a necessidade de se recapturar, num passado não muito distante, textos como os de Consuelo de Castro para a própria fabricação da consciência histórica. Por essa razão (e o termo razão é bastante forte), À Prova de Fogo provoca um “voltar atrás” e um “ir adiante” dentro de nós mesmos. Mais que uma homenagem aos que pensaram e pensam, uma homenagem aos que agiram e agem, um gesto de amor e de coragem para os que chegam agora e sentem-se áridos e solitários. Solitários porque sem passado.

*Carlos Guilherme Mota,
São Paulo, novembro de 1974.*

À PROVA DE FOGO

CENÁRIO

Quatro andares.

1.º — Sala do Grêmio. Enormes faixas com dizeres alusivos ao governo, pregadas por todos os cantos. Cartazes do Chê, Mao, Fidel etc., nas paredes. Pichações enormes, caricaturas, papéis pelo chão. Aparência de anarquia e agitação permanentes. Apenas uma mesa enorme no centro e algumas cadeiras espalhadas.

2.º — Ligado ao primeiro praticável por uma pequena escada. O praticável está dividido em duas áreas. Uma, seria a sala da Congregação. Nela, nas paredes, quadros empoeirados, antigos, com figuras de velhos catedráticos, nobres e sérios. Uma mesa barroca e duas cadeiras altas, antigas. Tudo compõe uma aparência nobre. No entanto algumas figuras de catedráticos trazem bigodes pintados e uma velha bandeira vermelha cobre a mesa barroca. No chão há travesseiros imundos, cobertores acolchoados, tudo na mais absoluta desordem e sujeira.

A segunda divisão seria uma sala de aula. Um quadro negro, com dizeres anunciando uma assembléia-geral para o dia *x*, algumas caricaturas de políticos. Cadeiras enfileiradas. Livros espalhados. Um violão. À esquerda desta sala, há uma espécie de varanda.

3.º — É a cozinha: Pratos empilhados, latas de mantimentos, um balcão improvisado, onde os estudantes pegam seus pratos de comida ou café etc. Há também, cadeiras espalhadas pela cozinha. Uma faixa cobre o balcão. "COMA O ESTRITAMENTE NECESSÁRIO. RESPEITE O ESTÔMAGO DE SEU CAMARADA. TEMOS POUCOS MANTIMENTOS. OBRIGADO".

4.º — O telhado. Uma plataforma recoberta de telhas velhas. Uma espécie de caixa-d'água, que serve de entreposto para os

estudantes, em sua vigília noturna. Ali, vêem-se empilhadas dezenas de garrafas de bombas *molotov*, uma caixa com os dizeres: "CUIDADO, EXPLOSIVOS". Algumas poucas armas de fogo. Cobertores e travesseiros, espalhados.

NOTA: O teatro todo, inclusive as paredes da própria platéia, poderiam estar repletas de cartazes, desenhos, faixas etc. O clima deve ser de total agitação.

PERSONAGENS

ROSA PRADO
FREDERICO FONSECA
ZÉ FREITAS
JÚLIA SILVA
CEBOLINHA
VILMA

DARTAGNAN
PAULINHO
ANA
ALBERTO
LUÍS
FERNANDO
MÁRIO
TRÊS MÃES

QUADRO 1

*No escuro, o rádio em alto volume.
Uma voz fanhosa com fundo de marcha
patrioteira e heróica.*

RÁDIO — ESTA ANARQUIA PRECISA ACABAR. A JUVENTUDE ESTÁ SENDO CONTAMINADA POR IDÉIAS EXÓTICAS QUE ACABARÃO CONDUZINDO O PAÍS AO COMUNISMO, À ESCRAVIDÃO. SENHORES PAIS: IMPEÇAM SEUS FILHOS DE PARTICIPAR DESTES MOVIMENTOS ESTUDANTIS: PROÍBAM SEUS FILHOS DE ENGROSSAREM ESTES MOVIMENTOS DE TOMADA DAS ESCOLAS: PROÍBAM-NOS DE PARTICIPAR DESTAS PASSEATAS... *(toma fôlego e se exalta, procurando a palavra)* DESTAS BADERNAS: *(música de fundo. A voz do repórter torna-se exaltada.)* O GOVERNO ESTÁ TOMANDO SUAS PROVIDÊNCIAS. FORAM DESOCUPADAS À FORÇA QUASE TODAS AS FACULDADES QUE SE ENCONTRAVAM TOMADAS PELOS ESTUDANTES. APENAS UMA DELAS RESISTE: A DE FILOSOFIA. PEDIMOS... *(a voz se torna piedosa)* IMPLORAMOS A ESTES INCONSCIENTES QUE AINDA SE OBSTINAM EM PERMANECER ENTRINCHEIRADOS NO RECINTO, QUE O ABANDONEM, OU ENTÃO, ELES TERÃO O QUE MERECEM: *(exalta-se)* DENTRO DE TRÊS DIAS A POLÍCIA... INVADIRÁ ESTA... *(procura a palavra)* POCILGA DE AGITADORES... *(A voz desaparece. Fica a música patrioteira, em altíssimo volume).*

A luz se acende no cenário todo. Zé Freitas está só no palco. (No Grêmio). Ele é esguio, muito jovem, bonito, tem uma aparência de total exaustão. Joga os cabelos para trás, irrequieto o tempo todo. É uma figura desenvolta e muito agitada. Esfrega aflitivamente as magras

mãos, numa capa branca surrada. Bate furiosamente à mesa, presidindo uma assembléia. Os atores estão todos espalhados pela platéia, compondo junto a esta, uma espécie de plenário. Não há ninguém nos outros andares, exceto um elemento da comissão de segurança, no telhado, de costas para a platéia, numa atitude de vigília permanente, recostado à caixa-d'água.

ZÉ — Colegas: Peço que se mantenham em calma. Tentem não embananar. (*Tumulto*) Temos que decidir já, o que vamos fazer. Torno a repetir. A polícia nos deu um prazo de três dias para evacuar a faculdade. Isto sob pena de repreensão... violenta... (*Tumulto*). (*Ele bate na mesa*). Ou nós encerramos a ocupação, ou eles nos massacram.

MÁRIO — Um aparte, colega.

ZÉ — A mesa não permite apartes.

FERNANDO — Quem a mesa pensa que é?

MÁRIO — Isto é ditadura do colega Freitas!

ZÉ — Não permito apartes e acabou. (*Bate na mesa. Murmúrios. Tumulto*). Pois bem, colegas. O *ultimatum* da polícia não é invenção minha, nem sensacionalismo da imprensa. (*Mostra o papel sobre a mesa*). É um fato concreto. (*Tumulto*). Silêncio.

MÁRIO — Quero o meu aparte. A mesa não pode...

ZÉ — Não vou permitir apartes nem embananações de espécie alguma, enquanto não desenvolver meu raciocínio. (*Torna a bater na mesa por causa do tumulto*). Continuando... Se permanecermos aqui, colegas... (*Tem gestos didáticos*) Eles nos massacrarão...

CEBOLINHA — (*Exaltado*) Ninguém sai daqui!

FERNANDO — Nós ocupamos isto aqui sabendo que a polícia um dia ia acabar invadindo!

MÁRIO — Questão de ordem... Questão de ordem...

ZÉ — Silêncio no plenário! Por favor!

TODOS — Conciliador! Ditador!

— Não deixa ninguém falar!

— Para de esmurrar a mesa, burocrata!

— Burocrata! Revisionista!

ZÉ — (*Furioso, batendo ainda na mesa*) Isto é uma assembléia, companheiros, não é um programa de televisão: Repito: em calma, em ordem (*tumulto*) agindo como animais racionais (*mais tumulto*) a gente poderá chegar a alguma conclusão. Mas esta baderna, nunca...

TODOS — Enrolador!

— Chega de blá-blá-blá.

— Ninguém sai daqui...

— Vamos resistir à polícia, e pronto, oras!

LUÍS — (*Berrando*) Zé... A polícia não vai massacrar ninguém, eles vão no máximo levar a gente em cana. (*Luís levanta-se e anda até bem próximo do palco*) Termina isto aqui, Zé... Já esta mais do que votada a continuidade da ocupação. Todo mundo quer resistir...

ZÉ — (*Não escutando o que Luís falou*) Silêncio: Quero advertir os colegas que sei de fonte bem informada... que haverá violência da parte deles.

JÚLIA — E da nossa parte também! (*Murmúrios. Júlia se levanta, agitada. É uma jovem muito magra, vestida de blue-jeans desbotada, blusa surrada. Usa óculos enormes e tem o ar decidido, quase masculino, de um líder*). Aqui ninguém tem medo de milico. Quem é carneiro que fique em casa.

CEBOLINHA — (*Enquanto Zé bate na mesa furiosamente, agita os braços, fazendo um sinal qualquer para os outros estudantes. Cebolinha é esguio e tem um ar exaltado. Também ele parece ser um líder, pela maneira como se comportam os estudantes quando ele agita as mãos*) Vamos responder à altura: Eles invadiram mais de dez escolas: Prenderam os nossos companheiros... (*Faz um gesto satírico*) Sabe-se lá o que fizeram com eles... (*Exalta-se. Todos se calam para ouvi-lo. Júlia assente com a cabeça. Zé, desalentado, joga os cabelos para trás*) Colegas... Se não resistirmos, eles nos massacram de outras maneiras... Acabam com o nosso Grêmio, mandam os professo-

res de esquerda pro olho da rua. (*Exalta-se. Todos batem palma, Zé continua atirando os cabelos para trás. Desalentado, exausto*) É... (*ri*)... É isto mesmo. E depois... O governo e aquele filho da mãe do ministro da educação mandam para cá um bando de gringos para cagar regras por cima da gente. O acordo Mec-Usaid. (*Ao ouvir as palavras Mec-Usaid o alvoroço aumenta*).

TODOS — Abaixo o Mec-Usaid...

— Fora os gringos...

— A reforma educacional é nossa.

ZÉ — (*Furioso, tentando se conter, bate na mesa*) Não pedi aparte. Aliás... (*Tentando ser irônico*) Não concedi aparte ao colega. Tem que haver uma certa organização nos trabalhos desta assembléia... Senão é o caos!

CEBOLINHA — Burocratinha cretino!

ROSA — (*Rosa é bonita. Veste-se sobriamente, mas vê-se que destoa do resto dos estudantes. Tem uma voz calma, educada, suave*). Não deixe baixar o nível do debate, por favor... As acusações pessoais só atrapalham o andamento dos trabalhos.

JÚLIA — Nós ocupamos esta escola conscientemente. Não saímos dela nem com dez tanques de guerra. O *ultimatum* da polícia? O *ultimatum* da polícia (*ri*). Que é que tem isso? A polícia vai mandar *ultimatuns* pra gente a vida inteira... A não ser que nós entremos num acordo com ela, bolas. (*Risos gerais*).

ZÉ — Silêncio no plenário, por favor.

CEBOLINHA — Passou o tempo da oposição consentida, colega Freitas: (*Palmas*) Passou o tempo da (*rebusca as palavras com ironia*)... luta "parlamentar" (*Palmas*).

JÚLIA — É... Acabaram-se os conchavinhos com a burguesia nacional. (*Gesticula, ironizando*)... O imperialismo... O latifúndio...

ZÉ — A colega Júlia acabou de proclamar a República Socialista do Brasil neste momento? (*Ri muito*).

JÚLIA — Largue de bancar o palhaço e presida a assembléia que temos pouco tempo (*olha o relógio*).

ZÉ — Se vocês deixarem... eu presido: (*Bate na mesa*) Bem, colegas... O problema é que em três dias (*mostra o papel*) não vamos conseguir nem a reforma educacional que propusemos nem coisa alguma. E não temos como reagir ao aparato militar, que vem aqui arrancar a gente na marra. A coisa é simples como água.

TODOS — Ele quer dialogar com o governo.

— Ninguém sai daqui.

— Não podemos recuar: recuar é dar vitória ao governo.

ZÉ — Mas a reforma...

CEBOLINHA — A reforma quem faz somos nós. E aqui estamos para garantir isto.

ZÉ — Apenas uma perguntinha. Se o governo não topa a reforma que a gente quer, o que é que o colega Cebolinha propõe? hein?

CEBOLINHA — Por que esta pergunta? Você pretendia aceitar a reforma do governo, então?

ZÉ — Quem perguntou primeiro fui eu. Apenas para saber se, no caso de o governo não topa, quais são os elementos (*irônico*) de que o colega dispõe pra fazer... o governo topa? (*Tumulto, embananação geral. Júlia se agita mais que todos apontando Zé com ódio. Cebolinha tenta fazer com que os estudantes se calem, mas apenas ao som de uma violenta bofetada que Zé desfere sobre a mesa é que a confusão cessa*).

ZÉ — Quem é que enfia na cabeça do ministro, por exemplo, que Marx não é bicho, não morde, e pode perfeitamente ser ensinado nos cursos de Filosofia?

CEBOLINHA — Na cabeça do ministro ninguém enfia NADA.

JÚLIA — E o negócio não é enfiar coisa nenhuma na cabeça de ministro nenhum.

LUÍS — O negócio é acabar com o ministro.

JÚLIA — O problema não é só enfiar ou não o Marx no *currículo* da escola, Freitas: (*Pausa*) Pergunte aos milicos onde eles enfiam a verba que devia vir pra educação? (*Palmas*)

CEBOLINHA — Eles compram mais fardas e mais trabucos pra defender o imperialismo contra o nosso povo!

TODOS — Abaixo o imperialismo!

— Abaixo a ditadura!

— Abaixo a ditadura!

(Enquanto os estudantes batem palmas para Júlia e Cebolinha que mais ou menos comandam a situação em pé, Zé continua tentando manter a ordem batendo na mesa).

ZÉ — Os colegas estão fazendo metafísica. *(Aponta o papel, exaltado)* O problema é urgente. Mais urgente que decidir se a reforma sai ou não. O problema é de vida ou morte: Vocês não entenderam ainda? Dentro de três dias se esta bodega não estiver vazia vamos virar presunto. Eles vão dinamitar tudo: e se tentarmos resistir, é capaz de nos fuzilarem, sei lá.

JÚLIA — Violência gera violência: Nós reagiremos à altura.

ZÉ — À altura como? Você tem tanques? Metralhadoras? hein?

TODOS — Violência!

Violência!

Violência!

ZÉ — Precisamos pelo menos uma vez na vida agir com a cabeça fria. O romantismo, o quixotismo, a mania de herói que sempre tivemos nunca deu em nada. Colegas: é um momento de decisão. Sejamos lúcidos: sonhar não adianta. Nós não temos condições de manter uma guerra com a polícia. Entendam isto, companheiros, pelo amor de Deus *(Atira os cabelos para trás)*.

TODOS — Revisionista!

— Afição!

— Conciliador!

— Russófilo!

CEBOLA — Colegas! Abandonar a escola é dar vitória a eles! E quando o ministro da educação declara por aí que nós não saímos das fraldas, que somos uns afinados etc. e tal... Aí é que ele tem razão.

JÚLIA — Resistiremos até o fim!

ZÉ — Faço uma pergunta ao plenário: (*Pausa longa. Ele consegue dominar os ânimos por um momento*) Se permanecermos aqui, e dentro de três dias eles invadirem, com que vamos reagir?

JÚLIA — Com o que pudermos: na marra.

CEBOLA — Na marra!

ZÉ — Com estilingues?

JÚLIA — Estilingue... bombinhas de São João Molotov...

CEBOLINHA — E idéias... E idéias...

JÚLIA — O colega Freitas esqueceu que nós temos uma ideologia?

ZÉ — Muito bem. Nós com idéias, estilingues e Molotov que falham na maioria das vezes. E eles com tanques; é preciso fazer uma análise política da situação e ver se esse mesmo "combate"... (*ironiza*) interessa... a longo prazo. Se nosso suicídio não será em vão.

(*Murmúrios, tumulto, Cebola e Júlia controlam a massa*)

CEBOLINHA — Freitas!

ZÉ — Não aceito mais os apartes do colega Cebolinha!

JÚLIA — Aparte! Aparte! Quero um aparte!

ZÉ — ... Muito menos da colega Júlia! Isto é pura em-pu-lha-ção! Companheiros! Estes dois estão conchavados para embananar nossa assembléia. Se eles querem se suicidar, que se suicidem sozinhos! Nós temos uma luta! Uma perspectiva em política inteira pela frente. Não é brincando de bandido e mocinho com a polícia que estaremos travando uma luta... real... contra o governo... e a repressão.

JÚLIA — Burocrata... Qual é a sua forma de luta? Palavras? Meras palavras?

CEBOLINHA — Freitas: Você duvidava que a polícia ia invadir esta joça?

ZÉ — Não.

CEBOLINHA — E quando nos conduziu até aqui para ocupá-la, tinha plena consciência disto?

ZÉ — Tinha. Não sou idiota nem cego. Eu sei o que faço. Só que como já disse, não estou a fim de comandar um ataque de mocinho e bandido. Estou cheio de porraloquice.

MÁRIO — Aparte... Aparte...

ZÉ — Não concedo.

MÁRIO — Ditadorzinho palhaço.

ROSA — *(Sempre muito fina e suave)* Olha o nível... Tome um calmante, Mário, e depois venha discutir politicamente.

JÚLIA — Conceda o aparte ao colega Mário, ou nós evacuamos isto aqui. Quem você pensa que é? *(ri)* Cohn Bendit subdesenvolvido...

FREDERICO — *(Também destoa do resto dos estudantes. é delicado, veste-se bem. Está de mãos dadas com Rosa. Sua voz é igualmente suave)* Olha o nível...

ZÉ — Agradeço a comparação que a colega Júlia fez. Não sou Cohn Bendit. Tenho a cabeça no lugar. Coisa que a colega Júlia parece que não tem. *(Tumultos)* Colegas... A função do movimento estudantil é manter a agitação política. Certo? Estudante não é vanguarda de revolução nenhuma. Correto?

LUIS — Então vamos ficar quietinhos, estudando como o governo quer, nos livros que o governo quer, e vamos aceitar tudo... a repressão, as passeatas, a prisão dos companheiros, a repressão às greves operárias... a censura artística. Tudo. Só porque o Freitas disse que nós não somos vanguarda. Tá bem?

ANA — Se a gente não se mexe primeiro, ninguém se mexe. Se não somos vanguarda, não sei. Mas quem põe fogo na coisa é sempre a gente.

ZÉ — Justamente o que eu disse. A função do movimento é manter a agitação política. Mas virar bucha de canhão aqui dentro, bancando o mártir subdesenvolvido, isto não é fazer política. Nem é fazer história. É fazer palhaçada a troco de banana. *(Pausa, tumulto. Ele continua)* O operário não está querendo saber de derramamento de sangue. Faz greve. Protesta. Mas sangue, nunca! Não. Sangue, só

nós mesmos, que temos clareza política, estamos a fim de perder. O operário ainda não tem esta clareza. E por isto, não é com a nossa morte coletiva, aqui, como ratos, que vamos clarear a cabeça de ninguém. Me explico melhor. . .

JÚLIA — Acho bom. Está meio. . . (*irônica*) complicadinho. . .

ZÉ — Ninguém vai querer saber de perder sangue, salário, merda nenhuma, por causa de nossa linda reforma educacional. . .

ANA — Não são eles que têm que botar fogo. Já disse. Somos nós que devemos ir até eles, mostrar que o negócio não é pedir coisas ao governo. É *impor!*

ZÉ — Até aí muito bem. E ficando aqui, para ser massacrada, você vai conseguir transmitir ao operário isto que acabou de dizer? Ele vai é se assustar: Assustar de uma vez por todas. Sangue não é com ele. E vocês podem até atrapa-lhar a greve dos caras com esta atitude ridícula de suicidas.

JÚLIA — Vamos discutir nós. (*Ela e Cebola viram-se para os estudantes que estão aglutinados*) Deixemos o Freitas com o medão dele. Conchavos nunca mais. Um presidente que só serve pra emperrar as coisas, depõe-se. Fim de papo.

ZÉ — Continuo reafirmando. A permanência aqui, depois deste *ultimatum*, é contraproducente para os nossos objetivos. É suicida, irresponsável e até mesmo reacionária.

JÚLIA — De que objetivos o colega fala? Tenho a impressão de que está havendo uma confusão de objetivos.

ZÉ — A reforma educacional. Ou não é mais este? (*Ri*)

MÁRIO — Freitas: Você perdeu a noção das coisas?

JÚLIA — Como é que pode haver uma reforma educacional, ou outra reforma qualquer, real, dentro do sistema capitalista podre em que vivemos? Zé, você acha possível?

ZÉ — Não acho. Como já repeti várias vezes, não sou cego nem idiota. (*Murmúrios. Júlia gesticula e ri como querendo comprovar que Zé é "cego e idiota". Todo o comportamento da jovem é de extrema agressividade com relação a Zé*) Acontece o seguinte: O processo é um pouco complicado, para quem tem os nervos à flor da pele. . . Como Júlia. . . A luta pela reforma educacional. . . deve ser a meta inicial dos estudantes. (*Pausa*) Sim. Porque é uma luta

deles. Assim como a luta por um aumento de salário é uma luta dos operários. Uma... reivindicação apenas. E neste momento tanto nós como eles estamos pedindo ao governo. *(Tumulto. A agitação vai recomeçar encabeçada por Júlia e Cebola. Mas Zé contém a massa, bate na mesa, quase desfalecido de cansaço)* Quando se percebe que a reforma ou aquilo que se *(frisa bem a palavra)* pediu ao governo é impraticável... Quando se percebe não só que o governo não dá o que pedimos, mas reprime violentamente quem se arroga o direito de pedir... Então é que...

CEBOLA — Então é que se deve *impor*... a ele! Então é que se deve parar de tentar dialogar com quem falar sozinho.

ZÉ — Não falei em diálogo! Não falei em diálogo e não concedi aparte ao colega Cebolinha! *(Bate outra vez na mesa)* Continuando: Quando fica claro que o governo não vai dar nada do que se pediu e reprime quem o fez... Então é que as consciências se esclarecem. Aí é que o cara que, antes pedia resolve impor... Como bem disse o colega Cebolinha. Só que esse processo é demorado. E só que o colega Cebolinha ainda não percebeu, que só nós aqui, dentro dessa escola mesmo, sabemos que a Reforma que pedimos... na verdade é impraticável e é preciso impô-la. A maioria dos estudantes, principalmente os que entraram agora... Não sabe disso.

JÚLIA — E daí? É provando pra eles que a Reforma é um sonho que nunca vai se realizar, porque vivemos numa ditadura... que você vai botar ele na rua, protestando contra o governo?

ZÉ — Exatamente, brilhante colega Júlia! Vejo com alegria que a colega ainda não perdeu a capacidade de raciocinar. *(Ri)* É exatamente isto! Uma reforma impraticável, irrita os nervos da pequeno-burguesia acomodada que compõe a maioria dos estudantes. Depois de irritar bem os nervos deles, é que a coisa atinge a consciência. Então o pequeno-burguês começa a ver que... como dizia o colega Cebolinha, se não me engano, "dentro de um sistema capitalista podre... não pode haver reformas reais". Apenas enganos. Panos quentes. Demagogias... *(Rosa e Frederico batem palmas para Zé. Cebola e Júlia tentam responder, mas Zé bate na mesa e eles se calam).*

ZÉ — Quero continuar advertindo os colegas de que esta não é bem a hora de repetir velhas teses. (*Aponta o relógio e o papel*) O negócio é urgente.

JÚLIA — Não entendi o seu raciocínio... Por favor...

ZÉ — Tome memóriol, fosfato, calmante... Faça um tratamento para o cérebro e outro para os nervos. Depois estará em condições de discutir numa assembléia. Está bem?

CEBOLA — Olha o nível... Olha o nível... Briguinhas pessoais só atrapalham.

ROSA — (*Sempre fina e suave*) — Eu digo sempre isso.

JÚLIA — ... Não dou confiança a provocações. Responda, Freitas: primeiro a gente prova pro estudante que a universidade está falida. Depois, enfia na cabeça dele que a reforma universitária é inevitável. Depois, que ela é também... impraticável... Depois (*gesticula*)

ZÉ — Depois o cara percebe que a luta é mais ampla. Que não adianta mudar o ensino. Tem que se mudar o governo. O sistema inteiro. Aí sim...

MÁRIO — Um pouco complicado o seu raciocínio. Só que no momento não é hora de discutir a reforma. O negócio é partir pro pau. Pra violência mesmo. Esperar o tal... "esclarecimento das consciências"... Pra mim é empulhação do Freitas.

ZÉ — Que é que você propõe então?

MÁRIO — Que se deixe de lado esse negócio de reforma. Nós já sabemos que isto é utopia. E pronto.

ZÉ — (*Cínico*) E então... entendi. Vocês propõem que façamos desta faculdade uma trincheira... melhor dizendo: um Foco Insurrecional! (*Alguns riem*) (*Zé caminha pelo palco com gestos teatrais gesticula ironizando Júlia, Cebola e Mário*). Uma trincheira onde seremos massacrados... Os treze. (*Ri*) Pena que em Sierra Maestra tenham sido apenas doze... Senão dava certinho. O Fidel fez a revolução deles com doze caras, dirão Cebolinha, Júlia e Mário: Os mais exaltados. (*Ri*) Mas eu respondo. Primeiro, não fez com doze. Depois, nas condições dele, até eu fazia. (*Tumulto*)

FERNANDO — Você está recitando poesia, fazendo metafísica, bancando o palhaço, ou o quê? Não entendi esta falação toda, juro por Deus!

ZÉ — É... É isto que eles estão propondo. Cebola, Júlia, Mário... Juro como é. Eles propõem que nós fechemos a universidade para balanço. Que fiquemos entrincheirados aqui, e que coloquemos uma placa na porta com os seguintes dizeres: "A universidade está fechada até o dia da revolução socialista". (*Rebuliço. Alguns riem da piada do Zé.*)

FREDERICO — (*Muito fino, continuando o raciocínio de Zé, no mesmo tom.*)... E revogam-se as disposições em contrário...

CEBOLA — Vamos defender a escola! Colegas, não se deixem levar por estes raciocínios reacionários... pacifistas... moscovitas...

JÚLIA — Nada se consegue sem violência na ditadura! Tudo o que nasce dentro de coisa podre é gerado com violência! (*Grita*) A história é um parto! Não vai ser fácil a nossa luta. Mas não podemos recuar!

(*Palmas. Ela está dominando completamente a situação. Ao seu lado, Cebola ergue os braços, como um líder absoluto no momento.*)

CEBOLA — Vamos resistir!

TODOS — Re-sis-tên-cia!
— Re-sis-tên-cia!

ZÉ — Há duas propostas sobre a mesa. (*Parece quase prestes a desmaiar.*)

ROSA — Questão de ordem!

ZÉ — Concedida a questão de ordem para a companheira Rosa! (*Risos e vaias no plenário, Rosa se enfurece, contidamente.*)

ZÉ — Gostaria de saber a razão destas vaias.

JÚLIA — O colega não concedeu de livre e espontânea vontade aparte nenhum a plenário. Isto é panelinha? Porque com a Rosa foi na hora... ali... pediu, ganhou.

ZÉ — A colega está confundindo questão de ordem com aparte.

JÚLIA — E você está confundindo tudo com as suas ligações... *(Olha para Rosa)* afetivas... As suas paixões pessoais...

FREDERICO — Olha o nível... Olha o nível... Lembre-se... Isto é uma faculdade. Não é uma televisão.

ROSA — Questão de ordem. Quero lembrar aos colegas que a lista dos oradores inscritos já chega aos vinte e três. E são dez horas. Proponho que Freitas encerre a lista dos oradores e encaminhe a votação das duas propostas que estão sobre a mesa.

ZÉ — Aceito a proposta da colega. Está encerrada a lista dos oradores. E vou passar desde já à votação. *(Alguns estudantes começam a sair pela porta principal do teatro)* Peço aos colegas que estão se retirando que permaneçam até o fim da votação. *(Os estudantes a contragosto voltam e sentam-se em seus lugares)*.

JÚLIA — Denuncio o colega Freitas como ditador.

ZÉ — O que você alega para esta acusação, querida companheira Júlia?

JÚLIA — Você abre o regime de encaminhamento das propostas, fecha a lista de oradores, tal e coisa... e não consulta o plenário! Que é que nós todos estamos fazendo aqui então se o... negócio é entre você, a Rosa e o Frederico?

ZÉ — *(Desalentado)* Bem. Coloco para a decisão do plenário. Os que forem favoráveis a que se passe à votação das duas propostas existentes sobre a mesa... Sem mais oradores... os que estiverem a favor do encerramento da lista, levantem o braço. *(Todos levantam o braço unanimemente. Inclusive Júlia e Cebola, Zé faz um gesto que indica que ele achou desnecessária aquela votação)* Bem. Aprovada. Vou encaminhar a votação. Peço antes que os colegas raciocinem. A permanência aqui, depois disto... *(mostra o papel)* seria suicídio. Não seria uma atitude política. Nós não alteraremos nada no país com este heroísmo infantil.

ANA — Passe à votação e deixe de conversa mole.

ZÉ — O plenário pode votar por aclamação, se quiser. Bem... Vou ler as propostas: *(Abre outro papel)* Proposta assina-

da por mim, por Rosa Maria Prado e Frederico Fonseca...
(Risos)

JÚLIA — (Olhando, cúmplice, para Cebola) A panelinha de sempre. A panelinha de sempre...

ZÉ — (Começa a ler) Considerando que... a) os objetivos do nosso movimento, se restringem à reforma educacional... como tática de luta... b) que a permanência nesse recinto não teria significado político... c) que esta atitude romântica não traria resultados para os movimentos de protesto contra o governo em geral... d) e sobretudo, que não teríamos condições militares para reagir a polícia... propomos: Que se evacue a faculdade no prazo de três dias, previsto pelo *ultimatum* da polícia... (Burburinho) Peço que os colegas votem com a cabeça... (Aponta a cabeça) Pelo amor de Deus... com a cabeça... (Pausa longa, silêncio no plenário) Os que forem favoráveis... levantem o braço... (Ninguém levanta o braço, timidamente Rosa e Frederico, após um momento de indecisão, levantam os braços sob vaias estrondosas) (Cansado) Vou passar à votação da segunda proposta.

JÚLIA — Não é necessário, pô! A segunda proposta já ganhou! Está mais do que evidente.

ZÉ — (Começando a ler o papel, sem dar importância a Júlia, que meneia a cabeça furiosamente) Considerando... a) que a desocupação da escola seria um ato de covardia... b) que nossas reivindicações não devem se ater apenas às lutas estudantis, mas sim, operárias e camponesas... c) que com nossa pressão, permanecendo aqui e defendendo o que é nosso, daremos um exemplo ao operariado e camponato em geral... d) que quando ocupamos esta escola estávamos conscientes de que haveria repressão policial... propomos: A permanência aqui, venha quem vier, armado como quiser. (Palmas. Muito alarido. Clima de absoluta agitação) os que forem favoráveis... levantem o braço. (Todos menos Rosa e Frederico, levantam o braço. Zé começa a contar os votos. Vaias desdenhosas)

CEBOLA — (Sorrindo ironicamente) Freitas... Poupe seu trabalho, não é? Não está na cara que estamos em maioria? Você ficou cego... ou o quê?

ZÉ — *(Observando que fora os atores, o resto da platéia evidentemente não votará, tenta um golpe)* Peço aos colegas que observem como a maioria do plenário... *(aponta a platéia toda)* se manteve neutra. Não votou nem numa nem noutra proposta. *(Risos dos atores)* Esta assembléia não pode ser considerada deliberativa. *(vaias)* Seria anti-democrático!

TODOS MENOS ROSA E FREDI — Manobrista!

— Conciliador!

— Empulhador!

ZÉ — *(Desalentado, jogando os cabelos para trás)* A proposta de permanência nesse recinto foi aprovada. *(Palmas frenéticas)* Os colegas são responsáveis por este suicídio.

(Palmas. Os atores vão saindo dos seus postos, e se encaminham em polvorosa para o palco onde Zé acende lentamente um cigarro. A euforia é geral. Zé continua sentado onde está, imóvel e indiferente. Todos se reúnem em torno dele).

MÁRIO — Bom. Questão de organização. Quem vai pra onde?

ZÉ — Não sei.

JÚLIA — É fácil. Cadê a lista da coordenação geral?

ZÉ — Não sei.

JÚLIA — Vai ficar emburradinho, é? Se você não quer ajudar na distribuição dos postos, deixa comigo.

ZÉ — Pode ficar com o abacaxi.

JÚLIA — *(Decidida)* Bom... você, você e você... *(Aponta dois estudantes)*

MÁRIO — Pois não...

FERNANDO — Eu também?

JÚLIA — Os dois. Já pra cozinha.

MÁRIO — *(Os dois riem, fingindo indignação)* Pra cozinha?

FERNANDO — Lá não é lugar de homem.

JÚLIA — Não tem nada desse negócio daqui, mulher dali.

MÁRIO — Homem com homem, mulher com mulher, faça sem ponta...

JÚLIA — ... galinha sem pé e vocês dois pra cozinha. Tem batata e macarrão. Podem começar a fazer a sopa.

ROSA — Ai não! Pelo amor de Deus! Aquela sopa de novo? Há vinte e três dias que estamos aqui e é todo o dia a mesma coisa?

JÚLIA — Pede pro seu pai que é rico mandar tutu pra comissão de finanças, assim a gente pode fazer *strogonoff*.

FERNANDO — (*Os dois da cozinha começam a subir a escada*) Eu vou. Pelo bem da pátria. Mas que é meio humilhante homem cozinhar, lá isto é.

FREDERICO — (*Muito fino, querendo brincar*) Guerra é guerra! (*Fingindo tristeza*) Tá bom. (*Subindo lentamente*) Adeus! Minha noivinha linda... Comporte-se bem, tá? Olha... (*Mostra a aliança*) respeite essa aliança que nos une. (*Todos riem, inclusive Zé, veladamente*).

LUÍS — (*Cantando*) "Amor... eu partirei sem te dizer adeus... (*Recitando*) Nestas vetustas arcadas, jamais te esquecerei, oh".

ROSA — Tchau, Fredi!

FREDERICO — (*Já quase no segundo andar*) Camarada Júlia! Vê se não bota a minha noiva nesta maldita comissão de segurança. Não quero que ela se meta naquele telhado.

ROSA — (*Para Júlia, excitada com a idéia*) É pra lá que eu vou. Júlia! Me põe no telhado? Morro de vontade de ficar lá. Me põe lá. Tá?

JÚLIA — (*Com desprezo*) Vocês gostam de brincar de guerrilhas, não é? Calma que o dia não demora. (*Apontando Cebolinha e Dartagnan*) Vocês aí... Cebolinha!

CEBOLA — Eu?

DARTAGNAN — Fala Júlia...

JÚLIA — Os dois. Cebolinha e Dartagnan... Um em cada porta, pedindo identificação pra todo mundo que entrar.

CEBOLINHA — Naquele frio?

JÚLIA — Tem direito a pinga. Mas olhem bem: só vocês dois podem tomar esta pinga. Se eu pegar algum cururu aqui dentro de fogo vai ter.

CEBOLA — (*Animado*) E onde está a pinga?

JÚLIA — No telhado. Cuidado pra não confundir com as bombas molotov.

ZÉ — Ih... Cebolinha! Cuidado mesmo, senão você vira monge budista.

DARTAGNAN — No telhado? Por que esta pinga está no telhado? O pessoal da segurança andou se tratando, é?

JÚLIA — Não. Ninguém bebeu pinga naquele telhado. Fui eu que escondi a pinga lá.

ZÉ — Idéia de jerico, essa sua. (*Zé ri muito*) Vem a polícia. Muito bem. O pessoal da segurança joga uma garrafa neles, *crente* que era a bomba molotov, e cai justamente a garrafa de pinga. Já pensou?

ROSA — Iam pensar que nós somos todos alcoólatras.

LUÍS — E viva a resistência ética! Viva!

(*Todos riem*).

JÚLIA — Eu pus a tal pinga agora pouco lá, viu Zé? Não havia polícia por perto...

ZÉ — Desculpe... Desculpe... (*Irônico, rindo, vai subindo a escada*)

CEBOLINHA — Vamos à pinga...

JÚLIA — Repito: a pinga é a garrafa branca. As outras são molotov. A cor da molotov é amarelada por causa da gasolina.

DARTAGNAN — (*Subindo atrás de Cebolinha*) Quer ensinar ave-maria pro vigário? Estou cansado de conhecer molotov...

ZÉ — (*Irônico*) E pinga... E pinga...

CEBOLINHA (*Os dois vão passando pela cozinha às gargalhadas*) UU! UU! (*Faz gestos afeminados*) Quando é que a sopa fica pronta, hein, Marieta?

MÁRIO — *(Os dois botam a cara pra fora do balcão da cozinha)* Vá à merda, Cebola!

FERNANDO — Barbicha fominha!

DARTAGNAN — Estou com fome, heim? Mas se essa sopa não estiver igualzinha à da mamãe, não como, não como e não como.

(Sobem e começam a procurar a pinga entre as garrafas molotov). (Acham-na e descem assobiando para as portas laterais).

JÚLIA — Vocês: *(Aponta Ana e Alberto)* podem subir pro segundo andar. Ela fica encarregada do microfone. Leia de vez em quando o manifesto do Cebola. E pode ler também o noticiário do jornal. De preferência os que não forem deturpados. Tá? Se quiser variar, leia uns pedaços do livro do Guevara. Está em cima da mesa da sala 2.

ANA — Do manifesto do Cebola ao livro do Chê. . . Haja diferença.

ZÉ — O Cebola tem mesmo pretensões de parecer com o Chê, heim? *(Ri)*.

JÚLIA — Você. *(Aponta Alberto)* Fica encarregado de bater o outro manifesto do Zé. *(O casal sobe para o segundo andar. Ficam Rosa, Zé, Júlia e outro casal)* Vocês dois. *(Para o casal)* Onde é que vocês ficaram ontem?

LUIS — Bem. . . Eu fiquei no telhado. A Vilma ficou na Congregação. *(Olhando para Vilma, desconfiado)* Pelo menos foi isso o que ela me disse.

VILMA — Fiquei sim, meu bem. Quero ter um câncer na boca. Juro por Deus.

ROSA — Ei, Vilma. Não precisa exagerar. Todo mundo sabe que você é fiel.

VILMA — Dormi lá sim. Aliás aquela sala me dá um medo. . . Deus me livre! A gente não podia pelo menos retirar as fotografias dos catedráticos de lá? Parecem umas múmias! Cruz credo!

JÚLIA — Não tem nada de tirar coisas do lugar. Senão eles vão dizer que a gente está fazendo baderna.

LUIS — Vilma! Porque você não tapa as caras dos catedráticos com um cobertor, meu bem?

VILMA — Não adianta. A simples presença daquela velharia me dá pavor. Cada um mais velho e enrugado que o outro.

ROSA — Um dia você também vai ficar velha e enrugada.

ZÉ — Vai ficar? A Vilma nem precisa envelhecer. Mais feia do que ela... só o catedrático de grego.

LUIS — Ah... Por falar em grego... Você vai dormir na sala do grego de novo, heim? Porque se não for você, vou eu.

ZÉ — Vou. Depende *com quem*. Aquela sala é muito triste para um "*pobre coração solitário*".

JÚLIA — Quando mais não seja, quem distribui os postos sou eu. Bom. Vocês dois podem ir de novo para a sala da Congregação. Fiquem na varanda espiando a rua. Qualquer coisa é só avisar o cara do telhado.

(Todos olham para o telhado. O estudante que está lá acena).

ZÉ — Que foi, heim, Paulinho? Aconteceu alguma coisa?

PAULO — Vem vindo um carro estranho com dois sujeitos dentro.

JÚLIA — Que carro é?

PAULO — Espera um pouco... *(Espia a rua)* Ah... Não tem nada não. É o pai de Rosa Prado.

LUIS — De novo? Este homem vai ficar rondando a escola todo dia? Qualquer dia leva um morteiro na cuca e não vai nem saber porquê.

ROSA — É o meu pai mesmo, é? Com quem?

PAULO — Com outro velho.

ROSA — É o pai do Frederico. Paulo, dá um berro aí pra ele e diz que nem eu nem o Frederico estamos aqui.

PAULO — Como é mesmo o nome do seu pai?

ROSA — Jarbas.

PAULO — *(Olhando para fora)* Psssiu! Seu Jarbas! *(Põe a cabeça bem pra fora do telhado)* Ô! Velho patusco! Jaaarbas! A sua filha não está aqui. Como? Não, não... *(Pausa)* Nem ela nem o noivo dela. Não sei onde eles foram.

JÚLIA — Continuando...

ROSA — *(Para Paulo)* Ele foi embora, Paulinho?

PAULO — Foi. Hei... quando é que eu vou ser substituído? Estou virando pedra de gelo aqui em cima, pô!

JÚLIA — Já vai já. *(Para Luís)* Você então. Fica no lugar do Paulo. Já sabe o que tem que fazer, né?

LUÍS — Sei. Avisar qualquer coisa que apareça na rua. Depois de receber a senha atirar duas molotovs. Só usar o revólver em caso de ataque. É isso?

JÚLIA — Certo. Pode subir. Depois eu mando outra pessoa pra ficar lá. Dois é pouco.

LUÍS — De preferência mande a Vilma.

JÚLIA — Vou pensar no seu caso.

(Luís sobe. Passando pelo segundo andar, chama Frederico, que atende com um pincel enorme na mão).

LUÍS — Olha... Seu pai passou aí e disse que vai cortar a sua mesada se você não voltar hoje mesmo pra casa. O velho estava uma onça.

FREDI — Sério? E porque não me chamaram?

LUÍS — Ele estava muito bravo. Ficamos com medo de ele te dar uma surra.

FREDI — Ah... Não enrola... Sério mesmo? *(Não acreditando).*

LUÍS — Gozação, bobo. Mas que a tua mesada ainda vai pras picas um dia destes, ah isto vai. O meu velho me cortou a minha não é de hoje.

FREDERICO — *(Voltando à sala onde pintava os cartazes)*
Vai amolar outro, seu chato!

JÚLIA — *(Para Vilma)* Pode ir pra Congregação.

VILMA — Isto é crueldade, Júlia. Eu já não disse que detesto aquela sala?

JÚLIA — Mas alguém tem que ficar lá.

VILMA — Na cozinha tem dois caras. Um deles pode perfeitamente ficar na Congregação. Eu quero subir pro telhado. Quero ficar com o Luís.

JÚLIA — Vai pra Congregação. Não tem conversa. Desculpe, mas tem que ser assim.

(Vilma, a contragosto, enrola-se em seu cobertor. Sobe para a Congregação. Chegando lá, deita-se no chão. De repente, arranca o cobertor, cobre a cara de alguns catedráticos e pinta um bigode enorme num deles, depois, sentindo frio, enrola-se numa bandeira velha e deita outra vez no chão, cochilando).

ROSA — Bom. Agora sobramos nós.

JÚLIA — Rosa, você vai lá fora, arrumar as barricadas. Eu e o Zé vamos pro telhado coordenar a segurança.

ROSA — Eu? Nas barricadas? Sozinha? *(Meñeia a cabeça).*

JÚLIA — Tem uns dez caras lá.

ZÉ — Ela não vai. A Rosa não vai a lugar nenhum. E chega de brincadeira agora. Você quer fazer o favor de sumir, que eu preciso falar com ela em particular?

JÚLIA — Não vou sair daqui enquanto não resolver o que preciso resolver com você. E vai ser já.

ZÉ — Eu disse que preciso falar com a Rosa, e não tenho nada a resolver com você. Não insista.

JÚLIA — Ah... Não tem nada a resolver comigo? Não tem?

ZÉ — Não.

JÚLIA — Pois eu vou contar pra tua Rosinha, então. *(Olha friamente para Rosa)* Sabia, menina, que eu estou grávida

de três meses e que o pai desta criança chama-se José Freitas? Sabia?

ZÉ — A Rosa não tem nada a ver com isso.

JÚLIA — Claro que tem. Ela não é a próxima a cair na tua cantada? Precisa saber direito como você é.

ROSA — Por favor, por favor não fale assim... Eu sou noiva de aliança...

JÚLIA — À merda com a sua aliança.

ROSA — Me respeite. Você está com despeito porque eu sou noiva!

ZÉ — Como é? Você vai sair ou vamos ter que sair nós? (*Abraça Rosa*).

JÚLIA — Zé. Um dia você vai ter que resolver isto, não é? Você vai ter que resolver isto sim. Eu não agüento mais. O meu pai me botou pra fora de casa. Quando acabar a ocupação eu não vou ter pra onde ir.

ZÉ — Muito bem. E você quer que eu faça o quê? Que eu te compre uma casa? Que eu case com você?

JÚLIA — Não é isso. (*Grita*) Não seja cínico!

ZÉ — Fala o que você quer então.

JÚLIA — Eu... preciso resolver com a cabeça. E você precisa me ajudar.

ZÉ — Não tem nada que resolver. Só existe uma solução: o aborto. E isto eu estou te dizendo há três meses. Você não quis. Te dei até dinheiro. Agora estou duro. Só se a Rosa te emprestar. Ela tem.

ROSA — (*Abre a bolsa*) Eu empresto sim, quer? (*Procura alguma coisa*) Tenho um cheque aqui. Quer?

JÚLIA — Não quero esmola. Não quero caridade cristã pro meu lado.

ZÉ — Tá vendo? A tudo o que eu proponho você diz não. Se está pensando que eu vou casar pra satisfazer o teu pai pequeno-burguês e a tua vontade alienada e romântica de ser mãe... está muito enganada. Eu não entro nesta alienação, não senhora... Eu heim? Eu sou o presidente deste grêmio. Tenho responsabilidades políticas.

JÚLIA — Eu também tenho minhas responsabilidades políticas. Isto não impede que os meus problemas pessoais existam. Antes fosse.

ZÉ — Ora bolas. Problemas pessoais... problemas pessoais... muito bem. O mundo se arrebetando... a guerra do Vietnã no teu nariz. Milhões de operários ficaram em greve ontem. Estudantes são presos aos montes. Há imperialismo, analfabetismo, miséria... e a Julinha querida cheia dos probleminhas pessoais. Vão tomar banho. Que falta de perspectiva histórica! Que coisa nojenta! Estou cansado desta choradeira por cima de mim. Você não estava agora pouco se esbaldando de dar ordens pro pessoal aí? Por que não continua? Assim se distrai um pouco e larga do meu pé. Oras... oras... problemas existenciais... !

(Pausa longa. Rosa está desarvorada. Júlia, furiosa).

JÚLIA — Você é um covarde. Em tudo você é um covarde. Se não fosse todo mundo aqui estar cagando montes pra tua liderança, você ordenava o esvaziamento da escola. A mesma coisa com os seus problemas pessoais. Em nome da revolução você deixa o tempo passar e não resolve nenhum deles. Eu disse que fazia o aborto no começo. Disse sim. Quero que um raio me parta em duas se eu não disse!

ZÉ — Você não disse merda nenhuma. Deu uma de romântica. Ficou duas horas resmungando que “já sentia o filinho na barriga”. Ai, Ai...

JÚLIA — Eu disse que fazia o aborto! Mentira sua! Você é que deu uma de romântico. Ficou até pensan... Ficou até pensando no nome que a criança teria. DEPOIS... você mudou. Depois, quando essa grã-fininha cretina... (*aponta Rosa*) entrou na escola... Aí você caiu de quatro. Gamou nela. E resolveu me dar um pontapé. Eu sei muito bem disso.

ROSA — Me desculpe. Mas você fala como uma atriz de cinema mexicano.

JÚLIA — Fica quieta ai, menina. Não se meta.

ZÉ — Chega.

JÚLIA — Chega uma ova. Fique sabendo, Freitas, que eu estou de três meses. Não é por causa das suas oscilações emocionais que eu vou arriscar um aborto. Pra quê? Pra estrebuchar feito bicho na mesa de um charlatão qualquer? Da liberdade sexual? Do moralismo do meu pai? Da tua liberdade? (*Faz uma banana com a mão*) Aqui: Você quis o filho. Não me deu dinheiro pra fazer o aborto. Disse que ia dar. Mas acabou não dando. Agora quer que eu tire a criança? Pra te deixar em paz, por causa da Rosinha Prado... Mas isso...

ZÉ — Eu *jamais* quis ter um filho. Mentira sua. Mentira da grossa. Além de eu não querer responsabilidade desse tipo, não tenho cara de pau pra meter uma criança inocente no meio desta guerra. Está entendendo? Porque eu tenho consciência. Olha. Eu tenho uma ideologia. Tenho um papel histórico a cumprir. Não quero e não vou querer tão cedo arrumar um filho nem mulher pra me azucrinar. Compreendeu? Heim?

JÚLIA — Eu também tenho um “papel histórico” a cumprir. E é por isto que não vou arriscar a minha saúde por tua causa, ou por causa dos preconceitos pequeno-burgueses do meu pai.

ZÉ — Que é que você vai fazer então?

JÚLIA — Eu vou ter o filho.

ZÉ — Você é quem sabe. Você é livre. É maior e vacinada. Faça o que quiser, mas não me encha mais o saco. Utilize a sua liberdade. Resolva sozinha.

JÚLIA — Você é muito covarde. Muito mesmo. E não sou só eu que acho. Ainda bem. (*Começa a subir lentamente as escadas*)

ROSA — (*Para Júlia*) Pensa bem, Júlia. Olha... Não é perigoso... Eu conheço um médico... Dinheiro não é problema. Olha... Você não sabe a loucura que está fazendo!

ZÉ — (*Segurando Rosa*) Deixa ela. Cada louco com sua mania. Ela é livre pra fazer o que quiser. Faço questão de respeitar a decisão dos outros.

ROSA — Livre pra fazer besteira? Livre pra se estourar?

(Começa um barulhão na cozinha. Há um clima de animação. Júlia sobe lentamente as escadas e pára na cozinha. Luís vai acordar Vilma, na Congregação. Beijam-se. Frederico vai até a cozinha. Começa a tocar violão. Alguém desce até o microfone).

MICROFONE — Colegas: A sopa está pronta! Peço aos colegas que subam até a cozinha antes que ela esfrie. Tornamos a pedir aos colegas que comam o estritamente necessário em virtude da escassez de mantimentos. Obrigado.

(Os estudantes deixam seus postos e vão subindo para a cozinha; o clima é festivo novamente. Frederico continua tocando violão).

ZÉ — Vai jantar, Rosinha?

ROSA — Não estou com fome.

ZÉ — Então vamos pro telhado. Quero conversar muito sério com você. Tá legal? Lá ninguém amola a gente.

ROSA — Mas... A Júlia... O Frederico... Eles vão se invocar. Zé...

ZÉ — *(Abraçando-a)* Deixa pra lá.

(Vão subindo. Passando pela cozinha. Há uma algazarra).

MÁRIO — Ei Presidente. Onde vai nessa pressa?

FREDERICO — Rosa, meu bem... Venha jantar. Ei... Onde é que você está indo? *(Os dois vão subindo sem responder).*

CEBOLA — Vocês vão pro telhado?

ZÉ — Cebola, avisa aí o pessoal do telhado que não precisa mais subir. Eu e a Rosa vamos dar plantão lá.

(Vaias maliciosas).

JÚLIA — *(Para Frederico)* Ué... Você vai ficar aí parado, é?

FREDERICO — Não entendi. *(Para de tocar. Está sério)*.

JÚLIA — Na *tua* frente, a *tua* noiva com aliança e tudo sobe pro telhado com o Zé... E você nessa calma?

FREDERICO — Oras... menina! Eu tenho mais o que pensar! Além disso tenho total confiança na minha noiva. Há quatro anos nós somos noivos. Ela merece a minha confiança, a minha admiração e o meu respeito.

JÚLIA — Não devia ter tanta confiança. Pelo menos ela está com o fascinante "Ronie Von das Massas"... *(Todos riem)*.

CEBOLINHA — É... Com essa história de doutrinação política... o Zé vai comendo uma por uma. Você já viu uma coisa igual? Onde, em que país os líderes estudantis se metem a gavião deste jeito?

FREDERICO — Vocês estão fazendo uma acusação séria. Uma calúnia.

JÚLIA — Que acusação séria... Calúnia... É a pura realidade, meu camaradinha. Você é muito ingênuo. Desde que você e Rosa entraram aqui, o Zé não pára de paquerar a menina. E olha que ele é fogo. Chegou, doutrinou, comeu. Sabe como? É simples. Ele diz que o preconceito sexual atrasa a revolução.

CEBOLINHA — Esta revolução tem quebrado tanto galho pra ele!

FREDERICO — Que é que a ideologia política tem a ver com cama?

JÚLIA — São os mistérios do mundo... Marcuse explica.

FREDERICO — Vocês são muito irresponsáveis. Se eu não tivesse tanta confiança na Rosa, vocês podiam estragar o meu noivado de quatro *anos*... com esta fofoca inconsequente.

JÚLIA — Ei, vai ficar na fossa agora, é?

CEBOLA — Esse negócio de fossa é totalmente pequeno-burguês.

JÚLIA — E você precisa urgentemente perder esta mania de noivado. O casamento é uma instituição falida.

FREDERICO — Você é que fala? Não é você que enche o Zé o dia inteiro pra ele casar com você? Olha... eu entendo muito bem. Você percebeu que o Zé não quer mais saber de você. Morre de ciúme da Rosa. Mas pode ficar sossegada, os dois, ela e o Zé, são apenas amigos. (*Muito delicado*) o Zé é apenas... um líder. Para nós dois. Um líder lúcido. Capaz. Consciente e tranqüilo.

(*Algazarra de absoluta gozação a Frederico*).

TODOS — O líder? Só de vocês dois, que de política não entendem picas!

— Zé Freitas! O líder de cabelos longos!

— O Ronie Von das Massas!

— Deve ser muito bacana ser marxista-leninista, bonitão, e ainda por cima ter a lábia que ele tem!

FERNANDO — Cita Marx, Marcuse. Qualquer um. Até Walt Disney, se for necessário. Mas no fim, come todas elas. Desde as mais virgens até as mais avacalhadas!

(*Risos gerais. Frederico está nervoso mas tenta não se exaltar. Dentro de seu sempre sóbrio comportamento*).

FREDERICO — As minhas relações com o Freitas... e as de minha noiva com ele, têm um caráter menos baixo que as vossas... a coisa é noutra nível. Foi o Zé, por exemplo, que nos explicou o papel do movimento estudantil...

MÁRIO — Só por perguntar. Você é estudante DO QUÊ?

FREDI — Eu não estou estudando nada. Estou aqui para fazer companhia à Rosa, e este ano, no vestibular de literatura entrou... entrou e de cara estava esta confusão aqui. E paciência... ela teve que participar. Fiquei com ela, apenas isso.

MÁRIO — Ah... é sapo.

FERNANDO — (*Sorri*) Vai ver... é espião...

MÁRIO — Não. O cururu está protegendo a noiva.

FREDERICO — Foi o Freitas, como eu dizia, que nos explicou, por exemplo... (*sorri educado*) por alto... a conjuntura política do país... nós, eu e Rosa estávamos... por fora (*Sorri tímido*).

JÚLIA — De conjuntura em conjuntura ele vai levar a sua noiva pra cama. (*Todos riem*) E o pior... (*Gesticula*) O pior de tudo... (*Suspense*) é que é na cadeira de grego!

TODOS — *Cadeira de grego?*

— Cadeira de grego... ah... ah... ah...

FREDERICO — (*Fingindo não ligar pra avacalhação geral, tentando ser irônico também*) Que é que tem a famosa cadeira de grego?

CEBOLA — Não tem janelinha pra gente fiscalizar... a moralidade do movimento. A moralidade de que o Freitas tanto fala.

MÁRIO — Outro dia, vocês viram só? O Freitas teve a pachorra de proibir um cara de entrar com uma garrafa de pinga...

JÚLIA — Nisso ele tem razão. Mas moralidade é coisa de que ele não pode se dar ao luxo de cagar regras aqui dentro, pois todo mundo sabe o Dom Juan que ele é.

FREDI — *É porque pode.* Tem condições.

LUIS — (*Perplexo*) Não é possível... O Zé enfeitiçou esse cara. Vocês viram? Ele *ainda*... defende o Freitas. As cantadas do Freitas. As posições do Freitas. Tudo!

FREDI — (*Retomando o violão, recomeça a tocar baixinho*)
“Enquanto houver perdão não haverá pecado...”

JÚLIA — Ah... (*Cutuca Frederico*) e na cadeira de grego, não tem tranca na porta... você não vai poder tirar a tua noiva de lá.

FERNANDO — Olha... uma aliança é uma aliança. Vestido de noiva só se usa quando a noiva ainda é (*Pura*). (*Frederico lentamente desce as escadas fingindo nem ouvir as insinuações*)

FREDERICO — Vocês só sabem fazer fofoca a respeito de sexo? E fora pichar o Freitas vocês não têm outro assunto?

(Noutro andar, Fredi sozinho continua a tocar violão, baixinho, uma música triste. De vez em quando olha pro telhado, meio desconfiado).

(Enquanto Frederico, solitário, toca seu violão, a luz se apaga em todo o cenário, ficando apenas um foco em Cebola, Júlia e os estudantes, menos Zé e Rosa que continuam no telhado acomodados).

CEBOLA — Você acha que o Zé com toda essa má fama consegue chegar a presidente da UNE?

DARTAGNAN — Nunca. A posição oportunista dele é mais do que manjada. O bom mesmo, o “quente”... é o Cebola. Você mesmo, Cebola... (Cebola faz um ar de “eu heim, boi”) O QUENTE! Vai ser nosso candidato pra cabeça da UNE!

JÚLIA — Lógico!

CEBOLA — Eu, heim, boi... estou por aqui (faz o gesto) de movimento estudantil. Depois dessa, quero partir pra coisa mais séria. Estou de saco cheio da pequeno-burguesia.

JÚLIA — Se é você ou o zebedeu quem vai pra cabeça da UNE, não importa. O que importa é que não seja o Zé.

DARTAGNAN — Óbvio. A UNE ia virar uma verdadeira festa na mão dele.

FERNANDO — Festa? Ia virar uma burocracia do cão!

JÚLIA — É. Este ano o presidente da UNE tem que saber levar a coisa. Tem que ser um cara radical mesmo. Que entenda a violência como deve ser entendida. Não adianta mais votar nesses Zés Bonitinhos, com mania de legalidade, conchavos...

LUÍS — Grupo... o cara não deve esquecer que o nosso objetivo em última análise é a revolução... não a *REFORMA EDUCACIONAL!* (Todos riem, pois parece óbvio demais o que Luís fala) Vocês riem? Tem nego aí que já esqueceu o que é “ditadura do proletariado”.

VILMA — Não querendo bancar a fofoqueira, mas Júlia... “Este teu ódio pelo Zé ultrapassa a divergência puramente política”...

JÚLIA — Não entendi a insinuação.

VILMA — ... Me parece mais uma certa... dor de corno. Você estava gamada pelo Zé, não estava? Não vai dizer que não porque todo mundo viu o porre que você tomou o dia que ele te deu o fora. E esta história tua com ele é mais antiga que a própria UNE. (*Risos*)

JÚLIA — E se for ciúme mesmo? Você tem alguma coisa a ver com isso? (*Vilma meneia a cabeça*) Ah... bem. Mas acontece, Vilma, que não é. O problema é emi-nen-te-men-te político.

ALBERTO — Vocês sabiam que na última passeata do ano passado o Freitas foi conchavar o delegado e o governador pra ver se eles seguravam as pontas com a repressão? Oras... vocês não viram que *nada* aconteceu com a gente?

JÚLIA — Quero só ver agora. Agora que o negócio apertou. Agora, depois desse golpe, que não tem governador brincando em serviço e não existe mais a tal... "liberdade democrática"... quero ver o Freitas botar charme por cima da repressão... quero ver.

VILMA — Afinal, apenas um mérito o Freitas tem. Se foi lá se humilhar pro governador, ou o diabo... foi pelo bem da gente...

(*Vaias zombeteiras*)

JÚLIA — Os bons sentimentos do senhor Freitas... mais as concessões do governo não me interessam no momento, nem a ninguém aqui. (*Pausa. Vira-se para Vilma violentamente*) E... escuta aqui! O que é que te deu de defender o Freitas? Afinal quem te disse que o meu ódio por ele é ciúme, gamação, estas merdas?

VILMA — Primeiro: o porre que você tomou todo mundo viu. Você chorava feito louca de ciúme da Rosinha Prado. Segundo: todo mundo sabe que você está grávida de três meses, e que o filho é do Freitas. Você mesma espalhou. Parece até que se orgulha disso.

JÚLIA — Olha o nível... Olha o nível...

VILMA — Você não perguntou?

JÚLIA (*Após uma pausa. Vê-se que está tensa, mas tenta se conter. Olha o telhado com apreensão*) Bem... O importante agora é discutirmos...

CEBOLA — ... Discutirmos como vamos derrubar o Zé da presidência do Grêmio. Correto?

JÚLIA — Corretíssimo... (*Sorri com ar quase diabólico*) Corretíssimo, companheiro Cebolinha.

(*A luz se apaga no cenário todo. Há um foco, apenas em Rosa e Zé, que no telhado, estão atrás da caixa-d'água, próximo um do outro, se entreolhando, sorrindo com ternura, a cena é romântica.*)

ROSA — Que frio, heim?

ZÉ — Vem aqui que eu tenho uma japona. Quer? (*Puxa-a para si*).

ROSA — (*Apoiando-se no ombro dele*) Não. Assim já melhora. (*Sorri para ele. Ele corresponde. Beija-a ternamente o rosto*). Está cansado, não está?

ZÉ — Estou sim. Mas agora já estou legal. (*Ri*) Você me acalma. (*Olha-a com ternura*) Você sabe que tem os olhos mais bonitos que já vi?

ROSA — (*Rindo*) Não diga... Esta é velha...

ZÉ — (*Olha fixamente dentro dos olhos dela*) Você parece uma menina assustada. Você é linda. Linda mesmo. (*Aper-ta-a*) Eu estou apaixonado por você... Ridículo, não é?

ROSA — Ridículo por quê?

ZÉ — (*Indeciso*) Sei lá... Num momento destes... o que há por aí, é violência, sangue, agressão... (*Sorri*) Falar em amor parece meio fora de moda... (*Joga os cabelos para trás, timidamente*) Ainda mais... (*Apon-ta o cenário todo*) Nestas circunstâncias...

ROSA — (*Suave*) Amor é amor em qualquer lugar. Até no meio de uma guerra como esta...

ZÉ — (*Puxando-a ainda mais para si. Ela recosta a cabeça no peito dele*) Você não entende nada de nada. Você é uma

menininha romântica que acredita nos bons sentimentos, nas boas almas... Você não conhece a violência... Nunca viu maldade ou sujeira em nada. *(Ri)* Mas é isto que eu gosto em você... Esta burrice... *(Sorri)* esta alegre inconsciência... *(Beija-lhe o rosto ternamente)*.

ROSA — Até parece que você é um velho, vivido, com duas guerras mundiais nas costas. Afinal, você tem vinte e quatro anos...

ZÉ — E já vivi o suficiente pra endurecer por dentro. Pois é. Mas isto também não é verdade. Eu não estou tão duro assim. Imagine. Um líder estudantil moderno... apaixonado tal qual um poeta do século passado! *(Beijam-se)*

ROSA — Meu Zé... Eu tenho ciúme de você com a Júlia. Ela parece tua dona... Nunca vi!

ZÉ — *(Começa a apertá-la com mais força)* Eu estou apaixonado por você, já disse. *(Quanto mais ele a aperta, mais ela se esquiva; de repente solta-se dele com violência. Fica de costas. Pausa)*.

ROSA — Não podemos continuar com isso. Você já sabe que não vai dar certo. Eu venho de uma família, que nunca ia te aceitar, com a vida que você leva e com as idéias que você tem.

ZÉ — *(Voltando à postura fria, de sempre)* Manda à merda a família. Eu mandei a minha à merda faz um montão de tempo.

ROSA — E a gente ia viver de quê? De brisa? Você toparia trabalhar pra sustentar uma família?

ZÉ — *(Ele se levanta perplexo, olhando fixamente para ela, como se não estivesse acreditando no que ouviu)*. O quêêê? O que você está dizendo? O que você está... pensando? Não entendi este negócio de casamento...

ROSA — Um dia a gente ia ter que pensar em casar, não ia?

ZÉ — Casar? *(Ri)* Eu não, Rosinha. O casamento é uma instituição falida! Lembre-se bem do que eu vou te dizer agora. *(Olha nos olhos dela)* Eu sou contra a família, a propriedade privada... *(Abre os braços)* e o Estado! Sou pela revolução total nas maneiras de ser e agir.

ROSA — Eu sei. Você vive me dizendo isto. Mas eu não posso, por exemplo, continuar namorando você, sendo noiva do Frederico. Isto também é ser pequeno-burguesa?

ZÉ — Larga dele. Pronto. Pra que esse negócio de aliança, casamento etc. . . . Isto acabou, Rosinha. Faz muito tempo que isto acabou.

ROSA — Se o Frederico sabe, ele me mata.

ZÉ — Que mata nada! Vocês meninas vivem cheias de foto-novelas na cabeça. A coisa é tão simples, meu Deus. . .

ROSA — Simples? Muito simples. . . Se a gente continuasse a namorar. . . você ia continuar dormindo cada dia com uma? Um dia com uma na cadeira de grego, outro dia comigo, aqui no telhado, outro dia na sala 19. . .

ZÉ — São outros quinhentos. . . Primeiro a gente tem que ver se dá certo. *(Abraça-a. Os dois ficam abraçados, rindo. Uma garrafa de molotov, cai no chão. Zé arrasta Rosa para que ela não se molhe na gasolina).*

ROSA — Cruz credo. Que foi isso?

ZÉ — Quebrou uma das bombas molotov. Só isso. Mas toma cuidado que é pura gasolina. Se você acender cigarro, é capaz de pegar fogo. *(Abraça-a novamente. Ela se esquiva, preocupada com a gasolina)* Não tem problema, já te disse. Vem cá.

ROSA — Não tem perigo desta bomba explodir?

ZÉ — Já disse que não. Só se mexer muito nela.

(Pausa longa. Eles se abraçam. Se beijam. Alguém colocara a Internacional, tocando, no segundo andar. Depois da pausa, em que Zé tenta avançar nas carícias e ela sempre se esquivando, ela fala baixinho). . .

ROSA — Zé. . . *(Acaricia-lhe os cabelos olhando-o embevecida)* Você sabe que é um pão? *(Ele sorri)* O teu cabelo é genial assim comprido. . . *(Acaricia-lhe os cabelos cada vez mais fascinada)* Te apelidaram. . . *(Ri, alto)* Sabe do quê?

ZÉ — “Cohn Bendit dos pobres”.

ROSA — Não... *(Ri, mais)* Ronie Von das Massas...

ZÉ — Foi a engraçadinha da Júlia. A alegria dela é me pichar.

ROSA — Meu líder querido... *(Faz charme, abraça-o maternalmente)* Meu guerrilheiro querido... *(Aproxima a boca do rosto dele)* Me dá um beijo?

ZÉ — *(Sério)* Não. Se eu te der um beijo é pra valer. Faz um mês que a gente está nesse chove-não-molha. Hoje, se começar a mesma bolinação de sempre, não tem "medo do papai, medo da mamãe..." não senhora. Se começar é pra acabar. Entende? *(Abraça-a)* É pena que tenha que ser nestas condições precárias. O telhado não é lá muito romântico. Se você quiser a gente pega a sala 19. Uma... *(ri)* "suíte presidencial"... é lá no prédio da psicologia. Quer? *(Abraça-a novamente. Ela reluta)* Você vai ter que largar esse negócio reacionário de ser virgem. É preconceito ridículo. Fora de moda. *(Pausa. Ela está tensa).* Como é? Resolveu?

ROSA — As coisas não são tão fáceis.

ZÉ — Muito mais fáceis do que você pensa. E muito mais gostosas do que você imagina. *(Pausa. Ela continua sentada, indecisa).* Quer ou não?

ROSA — *(Decidida)* E a minha família, se souber, um dia? E o Frei Marcílio, que me confessava todo domingo? Nunca... Eu não posso largar tudo de uma hora pra outra. E o meu noivado? Não e não. Se você quiser me dar um beijo, eu quero. Mas o resto, hoje não. Não tenho coragem, estou gamada por você. Mas não tenho coragem. E já pensou se me acontece a mesma coisa que aconteceu com a Júlia? Eu não.

ZÉ — *(Virando-se para o lado)* Então boa noite.

ROSA — *(Carinhosa)* Não vai me dar nem um beijo, Zézinho?

ZÉ — Não.

ROSA — *(Pausa longa. Ela está inquieta).* Zé... Zé...

ZÉ — *(Virando-se para ela sobressaltado)* Que é? Vai dizer que resolveu?

ROSA — *(Assentindo com a cabeça, timidamente)* Acho que sim... Não sei... acho que sim...

ZÉ — Então, amanhã mesmo você vai começar a tomar a pílula.

ROSA — A minha irmã, depois que casou e começou a tomar esta pílula, engordou dez quilos.

ZÉ — Você vai ficar linda com dez quilos a mais. *(Abraça-a)* Vem cá. Esquece o teu pai, o Frei Marcílio, tudo, tá.

ROSA — Zé, toma cuidado. . .

ZÉ — Não vai doer nada, minha bonequinha linda. . .

ROSA — *(Tapando a boca horrorizada)* Não foi isso que eu disse! Eu falei pra tomar cuidado com a bomba molotov!

(Abraçam-se rindo, rolam no telhado. A Internacional continua tocando, gloriamente. A luz se apaga totalmente).

QUADRO 2

SOM OFF — Colegas! Companheiros. Intelectuais. Povo em geral! Convocamos a todos para uma passeata que terá início hoje às seis horas da tarde e sairá do pátio da escola, em protesto contra a prisão de dois companheiros... *(A luz se acende lentamente. No palco há uma intensa agitação. Os estudantes estão ocupados em suas tarefas, preparando a passeata; há um vozerio na rua, indicando multidão aglomerada. No Grêmio, Mário e Fernando preparam a segurança. Júlia enrola alguns canos em fita isolante. Mário e Fernando enfiam garrafas de molotov em sacolinhas. Há algumas armas de fogo, empilhadas numa mesa. No segundo andar, Frederico e Rosa pintam as últimas letras da faixa, onde estão os dizeres: "A VIOLÊNCIA ORGANIZADA DERRUBA A DITADURA". No mesmo andar, Ana empilha manifestos e Alberto bate furiosamente a máquina. Luís, no terceiro andar, prega cartazes em pedaços de pau, empilhando-os depois de pronto, tudo está quase em ordem, para a passeata. Vilma e Paulo distribuem panfletos, na platéia. Cebolinha e Dartagnan, na Congregação, pintam outra faixa, onde está escrito: "ABAIXO A DITADURA". Eles trabalham fervorosa e apressadamente. Entra Zé, descabelado, cansado e nervoso. Ele entra pela porta principal e pára no meio do caminho).*

ZÉ — Mas o que é que está acontecendo aqui? Que significa isto? Por que é que aqueles caras lá fora me atiraram bolinha de papel e começaram a me vaiar? E que negócio é esse de passeata, que eu não estou sabendo? *(Pausa)*. Que está havendo com vocês? *(Ninguém responde)* Convocaram uma passeata, e eu, que sou o presidente desta droga, não fiquei sabendo de nada? *(Pausa. Zé gesticula nervosíssimo)* Vocês estão armando alguma coisa contra mim? *(Zé vai subindo no palco. Para perto de Mário e Fernando)* Mário... você vai me explicar, não é? Como é que vocês, dez gatos pingados resolvem fazer uma passeata sem convocar assembleia, sem falar com o presidente do Grêmio? Sabe o que significa uma passeata vazia?

Uma passeata de dez pessoas? A desmoralização do movimento! Vocês não podiam ter esperado um dia, pelo menos, até a gente convocar uma assembléia-geral?

MÁRIO — Houve uma assembléia.

ZÉ — (*Perplexo, assustado e nervoso*) Assembléia? Mas quando que eu não vi?

FERNANDO — Hoje à tarde. Enquanto você não estava aqui.

JÚLIA — A gente não podia esperar você pra decidir. Havia urgência. Prenderam dois caras.

ZÉ — Quem é que foi preso? Foi gente daqui?

JÚLIA — Não. Não sei de onde eram os caras. Só sei que foram presos antes-de-ontem. E infelizmente só se ficou sabendo da prisão deles ontem à noite. Por isso não dava tempo de esperar você chegar. A passeata tinha que sair o mais depressa possível. E vai ser hoje.

ZÉ — (*Pausa*) Mas eu não estou entendendo nada, juro: quando é que você ficou sabendo da prisão desses caras?

JÚLIA — Foi o seguinte: Ontem de madrugada, enquanto você dormia, vieram dez caras perguntar por você.

ZÉ — Quem eram? E porque você não me chamou?

JÚLIA — Entre outras coisas porque eu não queria te acordar. Não queria... atrapalhar o teu romance no telhado.

ZÉ — Você vai me pagar isso. Vou convocar uma reunião disciplinar. Você está submetendo os interesses do movimento aos teus ciúmes neuróticos.

JÚLIA — Não foi só por causa do teu romance que eu não quis te acordar. Foram motivos essencialmente políticos.

ZÉ — Quais! (*Anda de um lado para o outro*) Me explica essa história tintim por tintim!

JÚLIA — Então me deixa falar pô! Não me interrompa! Bom. Os caras vieram aqui avisar a gente que haviam prendido dois sujeitos. O azar, como eu disse, foi que só ontem se ficou sabendo disso. Aí o tempo pra organizar a passeata era curto demais. Então eles se juntaram...

ZÉ — Mas que raio de caras eram esses?

JÚLIA — Eram presidentes de grêmio, como você. Dez presidentes de grêmio. Entendeu agora? Vieram aqui cada um pra representar a sua escola, pra convidar a NOSSA escola pra participar da passeata de hoje. Poxa! Você é duro, hein?

ZÉ — Você percebe bem a gravidade da tua atitude em não ter me chamado?

JÚLIA — Já te disse que foram motivos políticos. Bom. Eu disse pros caras que ia ser um pé no saco se a gente tivesse que convocar assembléia pra decidir se participava ou não da passeata. Principalmente com você na presidência. Expliquei pra eles que você embananava tudo, que ia achar cedo pra sair protestando por aí contra a prisão dos caras etc. Aí, diante da urgência que havia, eles disseram...

ZÉ — Entendi tudo. Você não me chamou. Deixou que eu levantasse hoje de manhã, e saísse sem saber de nada... De propósito, é claro. Você sabia que eu tinha um encontro importante e que ia ficar bom tempo fora daqui.

JÚLIA — Mais ou menos isso. Mandei os caras embora. Me encarreguei de tudo. Hoje, quando você saiu, eu convoquei uma assembléia. Veio todo mundo da escola. Foi lá no pátio. Lotou aquilo lá. Você nem imagina o tamanho da massa que havia.

ZÉ — E que foi que vocês votaram nesta droga de assembléia?

JÚLIA — Votamos duas coisas! Uma, o uso da violência na passeata. Outra, a tua destituição da presidência deste grêmio.

ZÉ — Isto é um golpe! Um golpe baixo! Um golpe nojento! Não é possível que tenham votado isto conscientemente. Eu sempre tive o maior prestígio com o pessoal da escola. Fui eleito presidente pela maioria!

JÚLIA — Mas depois acabou se destruindo.

ZÉ — Que é que vocês alegam para me destituir desse jeito?

JÚLIA — Simplesmente isso, Freitas. A maioria dos estudantes quer uma política mais radical. Todo mundo já compreendeu que o uso da violência é inevitável. É hora de agredir o governo diretamente.

ZÉ — Quer dizer que vocês vão tomar o poder hoje. Às seis horas da tarde. Munidos de idéias, estilingues e bombinhas molotov! Acho genial o romantismo de vocês. Mas será que vocês não entendem que não é que eu seja contra a violência. O problema é...

JÚLIA — Caso não é contra a violência? SEMPRE FOI! Tá voltando atrás só por oportunismo? Só pra não ser destituído?

ZÉ — Não é isso! Me deixa falar! Só você quer falar! Eu digo e sempre disse... (*Fala didaticamente*) Neste momento usar a violência é provocar a violência da polícia.

JÚLIA — E daí? É da polícia que você tem medo? Do exército? É claro! A gente vai fazer provocações mesmo! O exército, então, cai em cima. E pronto. Um belo dia, aí estamos nós na guerra de libertação nacional. Lembre-se do Chê: UM, DOIS, TRÊS VIETNÃS...

ZÉ — Eu sei... Eu sei... Ai, meu Deus... Será que eu falo grego? Eu sei que a guerra de libertação nacional é inevitável, irreversível... a puta que pariu! Eu sei isso tudo! Mas uma guerra não se faz sem povo! SEM MASSA! Criatura de Deus, você me entende?

JÚLIA — O Fidel fez a guerra com onze caras.

ZÉ — Pra começar não fez com onze. E depois, nas condições dele até eu fazia.

JÚLIA — Eu não tenho que responder às tuas teorias reacionárias. Você é um covarde oportunista. Um apavoração de marca maior. Nem os problemas políticos nem os TEUS problemas você enfrenta com peito.

ZÉ — (*Pausa longa*) Bom. Entendi. Vocês me destituíram... Me deram um golpe, porque a ÚNICA COISA QUE ATRAPALHAVA A GUERRILHA BRASILEIRA ERA UM POBRE COITADO CHAMADO JOSÉ FREITAS.

JÚLIA — Não só você. Todos os líderes reacionários do mundo. Todos os revisionistas. Mas eles caem um dia. Um dia todos caem. Trate de fazer a sua autocrítica. Você não é mais nem nosso presidente nem nosso líder. E a passeata vai sair. Como a massa quer. Não como as cúpulas apavoradas desejam.

ZÉ — Vocês vão arrebentar o movimento nesta passeata. Além disso, se a polícia resolve mesmo reprimir, aí vocês vão ver o que é a violência.

JÚLIA — Ah... Mas pra isto, nós vamos sair armados até os dentes.

ZÉ — Armados como? Vocês vão saquear os quartéis?

JÚLIA — Armados como der! Com pau... com pedra... com estilingues! Sei lá, o importante é que desta vez nós é que vamos ficar na ofensiva.

ZÉ — *(Zé fica parado um bom tempo, na mesma posição. Está em silêncio. Parece não acreditar. De repente começa a gritar).* Vocês todos participaram deste golpe baixo? Venham todos aqui!

JÚLIA — *(gritando)* Você não vai fazer drama, vai? Numa hora dessas em que todo mundo está na maior tensão? Com a repressão pela frente? Vai fazer drama pra confundir ainda mais a cuca desse pessoal?

ZÉ — *(Todos se acercam de Zé)* Vocês participaram deste golpe baixo?

MÁRIO — Não foi um golpe “baixo”. Foi um golpe de morte nas lideranças pacifistas.

CEBOLA — Devia ter-se tocado que o teu prestígio estava pifando.

FREDI — Olha, Zé... Eu quero deixar bem claro que na assembléia de hoje à tarde, quando mais de mil caras votavam a tua destituição de cargo de presidente, eu fui contra. Eu achei que você devia estar presente pra se defender.

ROSA — Eu também! Fui fundamentalmente contra!

FREDI — Eu achei um desrespeito humano!

JÚLIA — Larga de ser democrata-cristão. Se uma pessoa não serve mais aos interesses do movimento, cai fora. A história mostra isso.

ZÉ — Quer dizer então, Júlia, que você e teus cupinchas conseguiram enfiar minhoca na cabeça de todo mundo pra me dar este golpe? Por isso é que estavam atirando bolinha de papel em mim lá fora! Por isso que me vaiaram sem a

menor consideração. Você envenenou a massa contra mim.
Por uma vingança pessoal. A mais pessoal das vinganças!

JÚLIA — Ninguém consegue convencer uma massa de mil criaturas a votar contra a vontade.

ZÉ — (*Pausa longa*) Vocês vão à passeata? Vão atirar bomba na polícia... E vão permanecer aqui, amanhã quando os tiras vierem massacrar todo mundo. Vão fazer todas as loucuras possíveis e imagináveis. (*Ri, amargo e cínico*)
EU é que atrapalhava a revolução de vocês...

MÁRIO — Ora, Zé, até Napoleão caiu um dia... larga de ser demagogo.

ROSA — (*Contrariada*) Vocês não vêem que o Zé está arrasado? Parem de pisar em cima dele!

VILMA — Depor o cara, vá lá... Mas esta pichação barata... Já é demais.

FREDI — Respeitem o sofrimento dele.

ZÉ — Não preciso de carpideiras. Entenderam? Isto é política, não é enterro nem novela de televisão, como sempre digo.

JÚLIA — Tem razão o Freitas. Rei morto, rei posto. E esse negócio de sofrimento é muito relativo (*ri*). Poesia tem hora.

ZÉ — Eu tenho a dizer uma coisa. (*Pausa, todos o escutam*). Hoje fiquei tanto tempo fora... porque tinha um encontro com uns caras importantes... uns caras que estão por dentro da jogada política... em geral.

JÚLIA — Foi conchavar. Tá aí. Foi conchavar. Não falei? Aposto que foi falar com algum generalzinho progressista... por aí, pra deixar a juventude protestar à vontade... Isto se sobrou algum "generalzinho progressista"... depois da limpeza que eles fizeram...

ZÉ — Não. (*Parece cansado, anestesiado, aturdido*) Mesmo porque, você sabe, isto não seria mais possível. Eles não querem saber de agitação de espécie alguma. Nem de estudantes nem de ninguém. Vão descer o pau pra valer. Sem dúvida alguma...

MÁRIO — (*Entediado*) Tá... tá... isto TODO mundo aqui já sabe. Aqui ninguém deixa de ler jornal.

48455

50

BIBLIOTECA

HISTÓRIA - FFLCH

USP

JÚLIA — Daqui a pouco nem jornal mais a gente vai ter pra se informar das coisas. Freitas... Do jeito que vai... Até isso vai acabar. Até a imprensa. E você me vem com este negócio de conchavar deputado, general, delegado de polícia... governador até...

ZÉ — (*Enfurecendo-se e quase agredindo fisicamente Júlia*) Vá à merda! Porralouca... Cretina! Não fui conchavar delegado nenhum... OUVIU BEM? Heim? Eu não fui concha-var ninguém! Eu não sou de conchavos!

JÚLIA — (*Sentindo-se um pouco ameaçada, porém segura de si*) Na passeata do ano passado, em setembro, você foi sim! Não nega!

ZÉ — (*Violento*) Cale a boca! Cale esta boca e pare de torrar o meu saco. Você de política entende tanto quanto eu de álgebra. Chega. Não suporto mais a tua história.

JÚLIA — E eu não suporto mais o desespero das lideranças decaídas.

MÁRIO — Ei, vai, não baixem o nível... Afinal, Freitas, que raio de reunião foi essa que você ficou tanto tempo?

DARTAGNAN — (*Dando de ombros*) Coisa de burocrata... Coisa de burocrata... Eles precisam de fazer quatrocentas reuniões pra decidir até se soltam um peido.

MÁRIO — Olha o nível... olha o nível...

ZÉ — Se interessa saber... A reunião foi com uns caras que têm clareza do que está acontecendo no país. São pessoas que não ficam enfurnadas numa trincheira idealista, brincando de *cow-boy* com a polícia.

(*Risos para Zé*).

JÚLIA — E quem eram... essas (*ironizando*)... “CONSCIÊNCIAS ILUMINADAS”? Que é que esses caras lhe disseram? Chegaram à conclusão de que existe repressão? Imperialismo? Exército?

ZÉ — (*Não suportando mais os ataques de Júlia, joga os cabelos para trás. Treme os lábios, está se contendo para não se atirar sobre ela*) Fique quieta. Fique quietinha... (*Ela se cala, um pouco amedrontada*) Escutem todos. Vocês sabem que estão explodindo greves operárias em todo o país?

JÚLIA — Eu sei. O Cebola sabe. Todo mundo aqui lê jornal.

ZÉ — Vocês não acham que ao invés de ficar aqui, esperando o massacre e a morte quem sabe, a gente devia ir lutar do lado deles?

CEBOLA — Exatamente isto que vamos fazer. A passeata será também de solidariedade no movimento grevista. Manjou?

ZÉ — Ótimo. (*Cansado, senta-se*) Estou cheio de discussão. Mas aí está bem. E quanto à violência? Como é que ficou resolvido? Quem atira a primeira pedra?

JÚLIA — Vai depender da massa. A massa é quem resolve. Nós não gostamos de decisões cupulistas. Se na hora alguém resolver atirar uma pedra, paciência. A primeira pedra estará lançada.

ZÉ — Vocês vão ficar na ofensiva. Estão a fim de *puxar* a briga.

CEBOLA — É. Vamos incendiar carro da polícia, apedrejar os bancos imperialistas etc. Até matar um milico, se for o caso.

ZÉ — Vão se entubar. (*Dá de ombros*) Paciência. E o pior de tudo, é que são capazes de estragar o movimento grevista dos operários, com esta palhaçada toda. Paciência...

JÚLIA — (*Para todos*) Bom, gente. Tem muita coisa pra fazer. Não dá pra ficar neste blá-blá-blá mais tempo. O pessoal está todo aglutinado lá no pátio, esperando alguém começar a organizar os trabalhos. Eu vou subir. Onde está o megafone? (*Alguém lhe dá o megafone. Ela sobe as escadas, decidida e ágil. Zé começa a descer lentamente até o palco, Grêmio, onde pára indeciso. A luz diminui nos outros andares e um foco ilumina a figura de Zé, parada, no centro do palco. Ele demonstra, calado, a perplexidade, a indecisão e a raiva que sente pelo golpe que sofrera, sendo deposto. Depois de uma longa pausa, decide-se. Sai a passos largos pelo corredor da platéia, dá um último olhar para o cenário, de costas, vira-se e bate a porta principal do teatro, com violência.*)

(*Luz em Júlia, no terceiro andar.*)

JÚLIA — Não vai ter choradeira aqui, que eu não vou permitir. Ou isso é uma atitude política, ou não é.

ROSA — *(Olhando para cima)* Júlia... Júlia... Onde será que ele foi?

JÚLIA — Não sei e não me interessa *(Sobe até o telhado. De costas para a platéia, começa a gritar para o pessoal do pátio)* Atenção! Cada um de nós tem que sair em grupos de dez, pra não dar na vista da polícia... *(Um vozerio vindo de fora, aumenta)* Organizem-se em grupos de dez, então. Maiores informações peçam à comissão de segurança. *(Deixa o megafone e volta-se para os que ainda não deixaram o palco e os outros andares)* Todo mundo pro pátio! É bom catar o material todo aqui.

FREDERICO — Rosa, quer dar um giro aí pra procurar o Zé?

JÚLIA — *(Detendo-se um pouco, perto deles)* Não tenho nada a ver com a vida de vocês. Mas acho que deviam largar o pé do Zé Freitas, pelo menos enquanto ele sai da fossa.

ROSA — *(Choramando)* Você foi cruel!

JÚLIA — Já me expliquei o suficiente. E não é pruma grã-fininha cretina como você que eu vou ficar me abrindo em copas feito trouxa.

(O vozerio aumenta, lá fora, denotando que a aglomeração crescerá).

JÚLIA — *(Subindo rapidamente as escadas, por trás da caixa-d'água, de costas pra platéia, berra com o megafone)* COLEGAS! Haverá repressão sim, e nós vamos enfrentá-la! *(Palmas e tumulto, vindo de fora)* Tenho que comunicar a vocês que o Freitas já tomou conhecimento de sua deposição. Está é mais uma vitória que os verdadeiros revolucionários obtêm sobre os falsos líderes.

GRITOS, FORA — A violência organizada derruba a ditadura!

JÚLIA — *(De pé, ainda de costas, falando para fora)* Nós permaneceremos aqui e lutaremos... até o fim! *(Tumulto fora, palmas. Ela se volta e vem descendo as escadas até Rosa e Frederico, que são os únicos que ainda não saíram de cena)* Vocês dois aí. Não vão lá pro pátio?

ROSA — Nós ficamos muito chocados com o que você fez com o Zé.

FREDERICO — Achamos muito desagradável a maneira como você fez a coisa. Você, Cebola. . . Todos. Estamos muito chocados. Muito chocados mesmo.

JULIA — Então choquem à vontade. Não vão fazer a mínima falta. Lugar de burguesão grã-fino é no Ton-Ton Macoute.

(Desce de uma vez e sai por uma porta no fundo do palco. O vozerio continua aumentando lá fora. Sós, no palco, Rosa e Frederico estão atônitos. O telefone toca. Frederico atende).

FREDI — Alô? 51-4725. Seu Jarbas? É Frederico, sim. Aqui vai tudo na mesma. *(Olha para Rosa, que não sabe o que fazer)* É. . . vai haver uma passeata sim. Daqui a pouco. Sim. . . Não sei. Vou falar com ela. *(Tapa a boca do telefone)* Rosa, o seu pai quer falar com você. Quer saber se você quer que ele mande o chofer te buscar. Resolve com ele.

ROSA — *(Segurando o telefone na mão)* Mas eu não sei ainda! Como é que você quer que eu resolva de uma hora pra outra?

FREDI — *(Segurando o telefone)* Seu Jarbas! Espera um momentinho! *(Tapa a boca do telefone)* Fala. Diz pro seu pai que não precisa mandar chofer nenhum aqui. Diz que você vai à passeata.

ROSA — *(Confusa)* Eu. . . devo ir mesmo? Você vai também?

FREDI — *(Dando o telefone a ela)* Vou. Fala com ele.

ROSA — Alô. . . *(Longo silêncio)* Não grita comigo! *(Longo silêncio)* Eu vou à passeata. O Frederico vai comigo. Ora bolas. Eu faço o que eu quiser. Sou maior de idade. Como? O pai do Fredi? Está vindo pra cá? *(Fredi se preocupa)* Ah. . . está pra vir. . . Pode dizer a ele que não adianta nada. E o senhor, pára de telefonar duzentas vezes por dia pra cá. O pessoal já está me gozando. *(Desliga)*

FREDI — Ele está muito aborrecido, é?

ROSA — *(Aturdida e confusa)* Aborrecido? Está na maior fossa do mundo.

FREDI — É. Chato isso.

ROSA — Foi você que me mandou dizer tudo aquilo pra ele.

FREDI — Bom, e daí? Não tinha cabimento você deixar de fazer o que acha que deve, só por causa do seu pai. Era a única atitude razoável.

ROSA — Que é que te deu na telha de repente? (*Olha pra Fredi indagando*) Por que é que você resolveu ir à passeata? Não estou entendendo você, Fredi.

FREDI — (*Rindo nervoso*) Por que? Por que é que você acha que eu estou aqui esse tempo todo?

ROSA — Não vai me dizer que é por causa da tua “consciência política”. Você ficou aqui por minha causa. Porque eu fiz vestibular e logo que entrei já estava essa confusão instalada aqui. Você achou que tinha que me vigiar pra não fazer besteira. Foi por causa disso que você ficou. Não vem bancar o herói por cima de mim.

FREDI — Eu fiquei só pra te fazer companhia. Mas agora o negócio é diferente.

ROSA — Diferente como?

FREDI — Não sei. Eu acho que a gente tem que ir com eles. Seria muita covardia sair da coisa numa hora dessa.

ROSA — Covardia? Que covardia nada! A gente nunca teve nada a ver com isso. Antes ainda tinha o Zé. No fundo eu ficava aqui porque acreditava nele, agora o Zé foi deposto. Nós não temos mais porque ficar aqui e ser massacrado nessa passeata. E olha que amanhã a polícia vem aqui arrebentar tudo.

FREDI — Não sei de nada! Só sei que a gente não pode tirar o corpo fora, numa hora dessas.

ROSA — Romantismo! Alguma coisa de muito diferente de tudo o que conheci está acontecendo com eles.

ROSA — É claro. Eles são comunistas, você não!

FREDI — Só sei que a gente não pode ir embora agora. Nós vamos à passeata.

ROSA — Eu não vou! Eu não quero levar tiro à-toa. Eu quero ir pra minha casa e você vai comigo. A gente não tem nada a ver com eles.

FREDI — Você está com medo. É muito normal. Eu também estou.

ROSA — E por que é que a gente tem que ir se está com medo?

FREDI — Você não entende que está todo mundo com medo? Mas escuta. Rosa. . . eles vão à passeata mesmo sabendo que vai haver repressão. Eles vão ficar aqui amanhã, mesmo sabendo da invasão da polícia. Você está entendendo bem o que significa isso?

ROSA — Eu estou é te estranhando muito.

FREDI — Eu também estou me estranhando.

ROSA — Ora, quer saber de uma coisa? Nós dois estamos fazendo o papel de bestas. De massa de manobra, como diz a Júlia. Eu acho que a gente devia voltar pra casa. Isso sim. Voltar pra casa. . . e marcar a data do nosso casamento o mais depressa possível.

FREDI — Você acha que com isso a gente esquece tudo?

ROSA — Esquece o que? Essa embananação? Essa sujeira? Esse suicídio que eles estão programando? A sacanagem que fizeram com o coitado do Freitas? Que é que você vê de tão maravilhoso nisso? Eu, por mim estou cheia. Se eu soubesse que ia ser essa complicação não fazia o meu maldito vestibular. Faz um mês que eu não vou ao cabeleireiro. Um mês que eu não ando no meu carro.

FREDI — (*Tentando explicar*) É porque você mudou Rosa. Você está mudando. E isto é muito bacana.

ROSA — Eu não quero mudar. Aí é que está. Quero voltar à minha vidinha de antes e acabou-se.

FREDI — Você vai voltar à sua vidinha de antes. A gente vai casar. Você vai tornar a andar no seu carro. Mas você mudou, Rosa. Você mudou. . . Você viu um montão de coisas, que não vai poder esquecer nem querendo.

ROSA — Me diz uma coisa só. Que é que você acha que mudou em mim?

FREDI — Por exemplo. Antes o máximo de rebeldia que você chegava, era dançar iê-iê-iê, enquanto o seu pai dançava tango. Ou então chegar um pouco mais tarde no horário que ele marcava.

ROSA — E daí? Que é que mudou?

FREDI — Faz um mês que você está plantada aqui, contra o teu pai, contra a polícia, contra um milhão de coisas. Entendeu agora?

ROSA — Ah, vai. . . Você está distorcendo tudo. Não sei o que te deu. O negócio é que depois disso tudo que eles fizeram com o Zé, a gente não tem mais coisa nenhuma a fazer aqui.

FREDI — O Zé foi deposto. Foi chato, foi cruel, mas aconteceu. A gente não podia ficar na dependência dele o resto da vida.

ROSA — Que onda! (Ri) Nem eu nem você entendíamos bulhufas de política. E continuamos não entendendo nada. O pouco que sabemos foi ele que ensinou. E você vem com essa conversa? Ora bolas, era só por causa dele que a gente estava aqui!

FREDI — Então você nunca chegou a entender nada do que ele mesmo nos explicou. O problema não é o indivíduo, mas a idéia, Rosa. Você ficou aqui por causa dele. Eu fiquei aqui por tua causa. Mas a gente FICOU aqui e já temos idéias que não pertencem ao Freitas, ou à Júlia apenas. Pertencem a nós dois. À nossa consciência. A tudo o que vimos e não esqueceremos nunca mais.

ROSA — Puxa! Que discurso! Você está entusiasmado mesmo com o heroísmo deles. Mas isso passa. No fundo a nossa vida é aquela mesma. Eu estou com saudade do meu pai. Eu. . . Eu preciso falar com Frei Marcílio. Minha mãe deve estar doente de preocupação. Eu quero voltar *já* pra casa.

FREDI — Nós vamos à passeata. Nós vamos à passeata e acabou-se o papo. Depois você volta pra casa. E fala com quem bem entender. Mas agora nós *vamos* à passeata.

ROSA — Eu não quero levar tiro à-toa. Eu estou cheia disso aqui! Desse grêmio sujo! Desses manifestos irritantes que falam sempre a mesma coisa! Que é que eu, Rosa Prado, filha do dono da fábrica de latas Vitória, tenho a ver com o imperialismo americano? Pra mim chegou.

FREDI — Você vai comigo. Escuta o que estou te dizendo. . .

ROSA — Você não manda em mim.

FREDI — Mando. Sou teu noivo há quatro anos. Não esqueça isso.

ROSA — Mas eu não sou obrigada a fazer o que você quer. Não tenho nada a ver com essa mania de guerrilheiro que te deu de repente.

FREDI — Você tem um compromisso com essa gente toda. Você ficou aqui com eles. Tem que ir até o fim agora, pra não ficar chato.

ROSA — *Pára de cagar regras!*

FREDI — *Olha a boca!*

ROSA — A boca é minha. Falo quantos palavrões eu quiser.

FREDI — Não é o que resolve. Você pode falar a palavra *bosta* cinco mil vezes, que o poderio capitalista não sai do lugar.

ROSA — *(Pausa)* Você quer mesmo ir com eles?

FREDI — Quero.

ROSA — Mesmo sabendo que a gente vai levar paulada pra burro? Você acha que isto adianta alguma coisa? Que com isto *(rindo)* o “poderio capitalista” sai do lugar?

FREDI — Sai. Como diz o Freitas! O dever de todo revolucionário é fazer a revolução.

ROSA — Não foi o Freitas que disse isto, seu tonto. Foi o Guevara...

FREDI — Tanto faz. Está dito. *(Pausa)* Vamos embora. *(Segura-a pela mão)*.

Rosa — Então vamos de uma vez. *(Irritada)* Droga! *(O vozerio aumenta lá fora)* Você vai ver o cano que nós vamos entrar! Você vai ver!

(Eles descem e saem pela porta dos fundos. Imediatamente, pela platéia entram Zé Freitas e Júlia, discutindo aos berros).

ZÉ — *(Andando apressadamente, jogando os cabelos para trás)* Eu não vou falar com ninguém!

JÚLIA — Você pode limpar a tua barra se quiser!

- ZÉ — Depois da cagada que você fez? Nunca!
- JÚLIA — É só você mudar de posição.
- ZÉ — Eu não vou mudar de posição. Eu já disse que sou contra esse negócio de violência numa hora dessa.
- JÚLIA — Pelo menos *diz* pra eles que você mudou.
- ZÉ — Que me interessa? Eu vou mentir pra que? Só pra continuar presidente? Perdeu a noção das coisas? Pra que eu quero o poder? “Poder pelo poder” . . . Ah, vai, Júlia, você parece que está no mundo da lua mesmo, viu . . .
- JÚLIA — Você podia manerar um pouco. Eu fiz isso tudo pra ver se você se mancava, que com esse pacifismo ainda ia entrar pelo cano.
- ZÉ — Não adianta. (*Subindo para o palco*) Eu vou à passeata com vocês, mas não vou mudar de posição.
- JÚLIA — Você é quem sabe. Estão todos lá fora. Se você quisesse, a gente podia dar um jeito.
- ZÉ — Não estou entendendo porque você resolveu de repente me botar de novo na presidência dessa geringonça.
- JÚLIA — Não interessa. Isso não interessa.
- ZÉ — Você muda muito de opinião.
- JÚLIA — Você sabe os meus sentimentos. Você me conhece.
- ZÉ — Conheço. Conheço muito bem. Só que nunca imaginei que você fosse capaz de fazer uma sacanagem destas.
- JÚLIA — Não foi sacanagem. Todo mundo estava contra você.
- ZÉ — Chega de falar nisso. Eu vim aqui pra avisar o pessoal que a cidade está toda policiada. Vim de lá agora.
- JÚLIA — Isso a gente já sabe. E se é pra botar medo no pessoal faça-me o favor de não falar nada.
- ZÉ — Cadê todo mundo que estava aqui?
- JÚLIA — Foram pro pátio. Você queria falar com quem?
- ZÉ — Ninguém em particular.
- JÚLIA — A sua namorada foi embora com o noivo dela.

ZÉ — (*Sorrindo ligeiramente*) Foi, é? Eu sabia que na hora agá eles iam cansar de brincar de comunistas.

JÚLIA — Eu também sabia.

ZÉ — Você viu eles indo embora?

JÚLIA — Quando eu saí daqui, a Rosa me disse que não queria ir à passeata, porque tinha ficado muito aborrecida com o golpe que te deram.

ZÉ — Ficou muito aborrecida mesmo. Tanto que participou da sacanagem.

JÚLIA — Justiça seja feita. Ela e o noivinho foram uns dos únicos que votaram contra a tua destituição.

ZÉ — É. Eles pegaram no meu pé. Foi duro enfiar qualquer coisa na cabeça deles. Só pensavam em boate, piscina... Tinham medo de tudo.

JÚLIA — E você ensinou o “papel histórico” que eles tinham... Só que na hora que o Frederico souber que você comeu a noiva dele, você vai ver o papel histórico... o papelão que ele vai fazer.

ZÉ — Ele não vai saber nunca. A Rosa morre de medo dele.

JÚLIA — Vai saber um dia, claro. Ou você acha que ele é trouxa?

ZÉ — Quando ele souber, os dois vão estar casados de véu e grinalda. Aí não dá mais pra voltar atrás.

JÚLIA — Pra isso existe desquite.

ZÉ — Eles não têm tanta coragem. Vão viver a vida inteira atarrachados um no outro.

JÚLIA — E nós?

ZÉ — E nós o que?

JÚLIA — Eu ainda gosto de você.

ZÉ — Você devia ter vergonha de dizer isto!

JÚLIA — Não confunda as coisas! Eu tomei uma atitude política contra você. Mas o resto...

ZÉ — Pra mim mixou. Mixou mesmo. Se era tão gamada como dizia, podia ter sido mais honesta. Devia ter se tocado. Devia ter me chamado, quando aqueles caras vieram

aqui me procurar. Não tinha nada que convocar esta assembléia golpista. E depois, se todo mundo estava contra mim, com o tempo a gente acertava isto. A massa é carneira. E este pessoal aqui, sempre gostou de mim. Eu sempre entendi a massa. Sempre dirigi a coisa mais ou menos tranqüilo. As divergências, com o tempo desapareciam. É claro, se não fosse você ter apressado o rumo dos acontecimentos. Mas eu não vou chorar, por causa disto. Minha posição continua a mesma. E depois que todo mundo se arrebentar de graça, aí então, vão entender que eu sempre tive razão. *(Zé liga o rádio, o repórter fala com voz excitada, com fundo de música de noticiário, muito patrioteira).*

O RÁDIO — EM SANTA CRUZ OS ESTUDANTES QUEIMARAM UM CARRO DA POLÍCIA. APEDREJARAM O CONSULADO AMERICANO E DIVERSOS VIDROS DO BANCO DA AMÉRICA FORAM DANIFICADOS. ESTA CARNIFICINA PRECISA ACABAR. OU O GOVERNO TOMA UMA PROVIDÊNCIA URGENTE, OU ESTE PAÍS, TÃO CATÓLICO, TÃO HONRADO, ACABA CAINDO NAS MÃOS DOS COMUNISTAS. A JUVENTUDE ESTÁ SOFRENDO A INFILTRAÇÃO DE AGITADORES PROFISSIONAIS, BANDOLEIROS TREINADOS EM DISTORCER AS MAIS SADIAS CONSCIÊNCIAS. SENHORES PAIS! IMPEÇAM SEUS FILHOS DE SAIR ÀS RUAS NO DIA DE HOJE! A REPRESSÃO SERÁ INEVITÁVEL, POIS A ORDEM PRECISA SER MANTIDA A QUALQUER PREÇO.

JÚLIA — *(Desligando o rádio)* Quem é que estava falando?

ZÉ — Alguma múmia aí. Por que você desligou?

JÚLIA — Masoquismo, pô!

ZÉ — Até a polícia marítima, eles vão mandar!

JÚLIA — Podem mandar o Pentágono, se quiserem.

ZÉ — Vocês vão ver o cano porque vão entrar!

JÚLIA — Um dia isto tinha que acontecer.

(O barulho recrudescce lá fora. Os dois sobem até o telhado. Zé olha para fora).

ZÉ — Eu preciso descer e avisar este pessoal do perigo de vida, que eles estão correndo! É uma irresponsabilidade deixar eles saírem com o exército todo de prontidão pra massacrar! Meu Deus! É um suicídio! Quantos têm? *(Está apavorado)*.

JÚLIA — Acho que uns três mil. Isto só daqui, fora as outras escolas.

(Pausa. Zé está confuso. Júlia se aproxima dele).

JÚLIA — Zé... Vamos passar um mata-borrão por cima de tudo? Agora que esta Rosinha sumiu do mapa, e você entendeu que ela não era de nada... Agora a gente podia pensar direito. Escuta. Eu sei que você está na fossa. Eu peço desculpa. Eu juro, Zé, eu te amo... Zé... Eu estava muito na fossa...

ZÉ — Já te falei. Não adianta. Eu não gosto mais de você. Quando essas coisas morrem, não adianta fazer força. E além disso, eu não ia conseguir esquecer o que você me aprontou. Mas o momento é grave demais pra gente pensar em amor.

JÚLIA — *(Chorando)* Grave pra mim também. Eu estou com um filho na barriga, estou gamada por você, com medo de fazer o aborto...

ZÉ — Você não tinha resolvido ter a criança? Mas você é complicada mesmo, heim?

JÚLIA — Eu não sei o que vou fazer. Estou desnorteada. Está tudo errado comigo. Meu pai me pôs pra fora de casa. Estou sozinha.

ZÉ — Chega de choradeira, faça o favor.

JÚLIA — Você não podia ter deixado de gostar de mim de uma hora pra outra.

ZÉ — Mas deixei.

JÚLIA — Eu sei, a Rosa é muito bonita. Mas ela foi embora. Não vai deixar o conforto burguês pra viver do teu lado. Ela é de outro mundo.

ZÉ — É o mesmo mundo, ela é jovem também. É claro, é inconsciente, mas não faz mal, a gente... Eu...

JÚLIA — Zé, a gente tem uma luta pela frente. A gente podia fazer tudo junto. Não era isso que você dizia?

ZÉ — Águas passadas. Mas o que você tem na cabeça? Você enfia todo mundo numa situação suicida. Provoca um golpe político contra mim. Diz que vai ter um filho. De repente muda de oito a oitenta. Oras, você está precisando de um psicanalista.

JÚLIA — Se você quiser reaver o teu posto é só subir aí e dizer que voltou atrás.

ZÉ — Mas eu não voltei atrás.

JÚLIA — Então volta. Volta atrás, Zé. A hora é de briga mesmo. Você não viu em Santa Cruz? Todo mundo está querendo partir pra briga no duro. Sem apelação! Você não vê que a gente tem que aproveitar o descontentamento geral e criar uma crise? É o começo de uma guerra civil, quem sabe? A gente não podia escapar disso.

ZÉ — Você que acha. Engraçado. Guerra Civil só com estudantes. Ótimo. (*Ri muito*)

JÚLIA — E os operários que nos apóiam? E a quem nós apoiamos também?

ZÉ — Você acha que algum operário vai entrar nessa fria de hoje? Nessa onda de violência que vocês enfiaram na cabeça? Pra que? Não é todo mundo que está a fim de arriscar a pele, minha filha.

JÚLIA — É assim que começa. E as greves? Esqueceu-se das greves?

ZÉ — Greve é greve. Luta por salário é uma coisa, luta na rua, com sangue e tudo, é outra.

JÚLIA — (*Quase piedosa*) Começa assim, já disse...

ZÉ — Consciência política não brota que nem capim.

JÚLIA — Você fala, fala em operário, mas aposto que nunca viu um de perto.

ZÉ — Milhões! Eu faço política não é de hoje. Nem do teu tempo.

JÚLIA — Ah... viu sim... esqueci. (*Cínica*) Sexta-feira passada mesmo você estava lá em Santo André, distribuindo

panfleto pra eles. *(Ri)* Engraçado. Nem a marmita dos caras você podia olhar, que ficava com ânsia de vômito.

ZÉ — De onde você tirou isto?

JÚLIA — Você mesmo disse. Esqueceu?

ZÉ — Ah... você também estava lá. *(Cínico também)* Não era você que estava falando em... *(gesticula, ironizando)* infra-estrutura... superestrutura... pra um coitado lá, que estava boiando completamente? *(Ri, alto)* É isto mesmo! Era você sim... Ah... Ah... Ah... Me lembro a cara de susto que o operário fez, quando você desembestou a falar difícil! *(Ri, mais alto ainda)* Ah... *(Tentando imitar o operário. Faz uma cara de idiota, espantado)*... “Como? Dona, não entendi o que foi que a senhora falou aí... num entendi, desculpe...” *(Ri mais alto. Júlia está furiosa)*

JÚLIA — Imaginação fértil você tem!

ZÉ — *(Ainda rindo)* É isto que acontece. Você vê? Não está havendo... consciência política. Está havendo uma terrível ilusão. Uma ilusão de poder. Uma ilusão social. Vocês pensam que o operário está muito interessado em derrubar o governo e instaurar o socialismo, mas o operário nem está sabendo disso, infelizmente.

(Pausa longa. Zé continua rindo, meneando a cabeça, enquanto Júlia se aproxima dele. Toca-lhe o ombro, timidamente).

JÚLIA — Não quero discutir isto de novo. *(Sua voz está mais suave, um pouco)* Quero falar de coisa séria.

ZÉ — *(Vira-se de chofre para ela, fingindo espanto)* Mais séria ainda que a ditadura do proletariado?!! *(Sorri)*

JÚLIA — *(Ainda suave)* Não me goza.

ZÉ — Não estou gozando. Você é que está com mania de gozação.

JÚLIA — Zé... Eu... *(Começa a chorar. Zé segura-a com força)*

ZÉ — O que é que te deu agora?

JÚLIA — *(Agarrando-se com força a ele)* Zé... Eu estou numa confusão... *(Chora)* Se você imaginasse... Sabe *(Agarra-se mais a ele, que apenas a segura, amparando-a, mas não retribui o abraço)*... Sabe... Zé... Não consigo esquecer, entende? *(Ele meneia a cabeça)* Não consigo sei lá... por mais que eu faça, você não me sai da cabeça. Olha. *(Tenta explicar-se, gesticulando e chorando)* Eu... eu tento estudar... não consigo. E mesmo aqui, onde tenho um papel a cumprir... Não sei, às vezes eu tenho vontade de chorar tanto... Zé... *(Zé faz um gesto contrariado)* Eu sinto um troço apertando aqui... *(Aponta o peito)* Uma angústia... quando eu vou dormir... Eu sei que você não vai chegar hora nenhuma. Nem as 2, nem às 3. Nem no telhado, nem na sala 19. Em lugar nenhum você vai chegar. *(Chora)* Fico com vontade de... *(Tenta a palavra)* Não sei... É horrível. Eu te amo! *(Sorri envergonhada, por ter dito palavras tão "pequeno-burguesas")* É... É simples, não é?

ZÉ — Júlia... Júlia, pára com essa choradeira, por favor. Olha. *(Pega o rosto dela e fixa-o, sem ódio, mas seriamente)* Não dá pé. Quando essas coisas acabam... Não adianta choro, desespero, nada... nada mesmo. Acabou, acabou. Tem que passar um mata-borrão e esquecer.

JÚLIA — Zé... *(Ela meneia a cabeça, desalentada)*

ZÉ — Além do mais, eu te entendo sim. Fossa por fossa, a minha está bem durinha de agüentar. A Rosa me deixou meio baratinado, também. *(Sorri, amargurado e exausto)*

JÚLIA — Ela foi embora. *(Olha pra ele, com esperança)* Zé, a gente podia... pelo menos tentar de novo...

ZÉ — *(Subitamente se levanta como se acabasse de perceber o absurdo da situação. Torna-se brusco)* Oras... imagine só. Júlia, você me sacaneou até onde pôde. Me fez de palhaço. Envenenou todo mundo aqui, contra mim. Tanto virou, que mexeu, acabou me depondo. Me deram um golpe, comandados por você, Cebolinha e os teus cupinchas. Que mais você quer?

JÚLIA — Zé, não confunda as coisas. Zé, eu...

ZÉ — Quer que eu te dê um beijo e fique por isto mesmo, que nem filme americano?

JÚLIA — Se eu não tivesse feito o que fiz, você. . .

ZÉ — Ia dar na mesma. Eu já não sentia nada por você. E depois, você me armou poucas e boas. Vivia apavorada. Mentia pra mim, que estava tomando a pílula, e não estava. Resultado: engravidou. Ah, e fora isto, aposto que nunca me perdoou por eu ter. . . (*Faz pompa*) “tirado a tua virgindade”!

JÚLIA — Nunca! Nunca fui tão idiota! Eu estava consciente dos meus atos, quando fui pra cama com você!

ZÉ — Foi o que pensei. Pensei que se tratasse de uma mulher. Mas era uma menina, com medo do pai e da mãe e com vergonha. Vergonha de tudo. Até de ficar nua.

JÚLIA — Isto é normal, nas primeiras vezes.

ZÉ — Você sempre teve vergonha, Júlia. De tudo. Até de si mesma. Você nunca teve a coragem de se sentir mulher. Inclusive, quando engravidou começou a fazer chantagem sentimental comigo.

JÚLIA — Você disse que queria o filho!

ZÉ — Mentira! Eu nunca ia dizer um absurdo desses. Imagine você. (*Ri*) Filho! Numa hora dessas. Quem sou eu pra botar mais um inocente no meio desta merda toda?

JÚLIA — Você ficou comovido quando eu te trouxe o exame. Você disse que queria ser pai.

ZÉ — Mentira! Mentira! Eu nunca fui romântico!

(Júlia chora, convulsivamente. Zé permanece impassível).

JÚLIA — Então a romântica sou eu.

ZÉ — Sem a *menor* sombra de dúvida.

JÚLIA — Eu quero ter o filho.

(Pausa longa. Zé está perplexo, depois de alguns instantes, vira-se para ela).

ZÉ — Resolveu?

JÚLIA — Resolvi. Vou ter o filho.

ZÉ — Você é livre. Maior e vacinada. Utilize a sua liberdade e resolva. Se quer ter tenha, se não quer tira. Eu não quero me envolver mais nessa história. Vou avisando. Não me responsabilizo por nada. Depois, não quero choradeira por cima de mim.

JÚLIA — Meu pai já está sabendo. E me pôs no olho da rua. Mas eu resolvi enfrentar a fúria da minha família. Do mesmo jeito como eu vou enfrentar a repressão, eu vou enfrentar a minha família.

ZÉ — E os dois jeitos são românticos, suicidas e infrutíferos.

JÚLIA — Meu pai vai me matar. Você conhece algum moralista pior do que meu pai?

ZÉ — Conheço. O meu. O meu é bem pior do que o teu. Além de ver o Repórter Esso todo dia, e ser reacionário feito uma porta... é quase padre, em matéria de sexo. E daí? Que é que eu fiz? Larguei todo mundo lá em casa. Não sou de bater em ponta de faca.

JÚLIA — Pessoalmente... O que você acha? (*Tenta ser calma*) Você acha que eu... devo tirar a criança?

ZÉ — (*Levantando-se, andando de um lado pro outro, nitidamente irritado*) Meu Deus! Que complicação que você arranja! Você fala e desfala. Quer ter tenha, não quer ter tira. Estou falando chinês? Poxa! Você é embananada mesmo, hein? Júlia?

JÚLIA — (*Chora, soluçando*) A Belinha me marcou o aborto hoje, às 10 horas da noite. Um cara recém-formado em medicina. Eu estava decidida a tirar. Mas na última hora... (*Soluça mais*). Na última hora eu pensei... Me deu um desespero... Um medo, Zé... Um medo tão grande... Um medo que me tomou por inteira... Eu não conseguia nem respirar de pavor...

ZÉ — (*Toca-lhe o ombro, gentilmente*) Não há problema. Quanto a isto, não precisa ter medo. Hoje em dia, se faz aborto aos milhões. Todos os dias.

JÚLIA — É horrível!

ZÉ — A Belinha te marcou o negócio pra hoje?

JÚLIA — É. Ainda está marcado. Eu fiquei de ir... Depois da passeata.

ZÉ — Larga a passeata de lado. Descansa. Toma um calmante. E depois vai. Você tem com quem ir?

JÚLIA — A Belinha. *(Continua soluçando. Ele acaricia-lhe o rosto, ainda gentilmente)*

ZÉ — Então. Coragem. Seria uma loucura ter a criança, Júlia, uma loucura mesmo. Pra mim, pra você... e pra criança. Concorda?

JÚLIA — *(Pausa longa)* Concordo. Eu vou tirar. Às 10 horas. Mas eu vou à passeata. Não posso deixar de ir. Eles precisam de mim. *(Levanta-se ainda chorando. Pela porta principal entram os estudantes. Alguns, pelas portas do fundo do palco. Trazem cartazes. Outros carregam sob os braços canos, sacolinhas com bombas molotov. Eles cantam animadamente).*

TODOS MENOS ZÉ E JÚLIA — AVANTI O POPOLO, A LA RISCOSSA

— BANDIERA ROSSA TRIUNFERÀ!

— BANDIERA ROSSA TRIUNFERÀ!

ZÉ — Que festividade é essa? Por que essa alegria? Já tomaram o poder?

CEBOLINHA — É pra não dar pânico. O alto-falante lá do pátio anunciou que até a polícia marítima vai entrar no jogo.

MÁRIO — *(Enquanto os outros continuam cantando)* E parece que os cacetetes cresceram.

ZÉ — E é por isso que vocês estão nesta felicidade toda?

VILMA — Quem canta os males espanta. E o medão também!

ROSA — Zé... Você voltou?

LUÍS — “O boêmio voltou novamente... saiu daqui tão contente”.

FREDERICO — Saudações universitárias, senhor presidente!

ZÉ — Saudações! *(Ri)* Camarada Frederico! Embora eu não seja presidente mais, obrigado. Muito me alegra ver você e Rosa participarem da luta corajosa destes defensores do povo!

(Alvorço. Alguns ainda cantam. Júlia está quieta. Zé, sorri, tenso).

ROSA — Você vai à passeata, Zé?

ZÉ — Claro que vou. E vou ficar aqui, com vocês amanhã, esperando a repressão chegar: Agora, como não sou mais o presidente e não sou mais responsável pelas decisões de vocês, eu lavo minhas mãos mesmo! Acho uma burrice usar a violência hoje na passeata, assim como permanecer aqui amanhã esperando a repressão chegar. Aviso que a cidade está toda policiada. Vim de lá agora. Provavelmente vamos ser trucidados. Ou, como diziam certos generais: vamos ser AL-MO-ÇA-DOS! (Faz um gesto como se comesse)

VILMA — Ai, que horror... Meu Deus!

ZÉ — Eu fiz o possível pra evitar o massacre. Implorei pra vocês desocuparem a escola. E pra manerarem um pouco, hoje na passeata. Mas já decidiram morrer de bestas. Então... Até a próxima encarnação.

CEBOLINHA — Matar eles não vão. Você acha que o governo é besta de permitir que eles matem alguém de nós, pra depois ganharem a fama de fascistas?

ZÉ — Você vai ver. Eles estão cagando montes pra fama que vão ter. Estão com tudo na mão. Poder, armas e apoio externo também. Isto é fundamental. Vão arrasar com a gente e com quem vier atrás da gente.

DARTAGNAN — Eles sabem que o movimento estudantil é que nem merda. Quanto mais mexe mais fede.

ZÉ — E vão deixar feder. O poder está com eles. Não tenho ilusões.

JÚLIA — (Recuperando a força perdida) Vamos resistir! Vamos resistir e pronto! (Sorri, forte e decidida. Seu riso contamina a todos, que repetem com ela)

TODOS — RE-SIS-TI-RE-MOS!
— RE-SIS-TI-RE-MOS!

(Alguém liga o rádio, todos se calam para ouvi-lo. A tensão é geral. No entanto,

quando ouvem os últimos acordes de um iê-iê-iê de Roberto Carlos, riem).

O RÁDIO — *(Após os últimos acordes)* A JOVEM PAN, QUE SEMPRE FOI A RÁDIO DA JUVENTUDE “PRA FRENTE” FAZ NESTE MOMENTO UM APELO AO JOVEM: NÃO SE DEIXE LEVAR POR ESTES MOVIMENTOS DE RUA! O DEVER DO JOVEM É APROVEITAR SUA JUVENTUDE, NÃO PERTURBAR A TRANQUILIDADE DA NAÇÃO. CANTAR, VIVER, SONHAR! ISTO SÃO COISAS QUE A JUVENTUDE DEVE FAZER! E AGORA, ALERTAMOS A POPULAÇÃO DE SÃO PAULO: A CIDADE ESTÁ TODA POLICIADA, JAMAIS SE VIU APARATO MILITAR TÃO PODEROSO, NOS ÚLTIMOS ANOS. A TARDE PROMETE SER VIOLENTA, POIS HAVERÁ CONFLITOS. SIM, SENHORES OUVINTES: HAVERÁ CONFLITO: POIS COMO FAZER PARA MANTER A ORDEM SENÃO DEFENDÊ-LA?

ANA — Desliga esta merdaaaa!

(O rádio é desligado, toca o telefone).

JÚLIA — *(Atendendo)* Alô? Quem? Latas Vitória? Que é isso?

ROSA — *(Correndo até o telefone)* Me dá aqui. É a secretária do meu pai.

CEBOLINHA — *(Falando-lhe no ouvido, em tom de brincadeira)* Electra começou assim!

ROSA — *(No telefone)* Alô... Pai! Que é que o senhor quer de novo? Eu sei... eu ouvi. Aqui tem rádio. Como? Ah... papai... faça o favor de não fazer drama. Eu já estou nervosa.

DARTAGNAN — *(Enquanto Rosa continua no telefone, apenas escutando)* Está na hora, pessoal. Muita calma. Quinze pras seis.

VILMA — Lá fora estão todos em grupos de dez.

LUIS — Nós podemos sair juntos. Dá treze. Não tem grande importância. Três a mais, três a menos...

CEBOLINHA — Chi! Cadê o amoníaco?

(Correria geral, procurando o amoníaco. Zé e Júlia permanecem parados, quietos).

ALBERTO — Se aqueles carneiros resolvem explodir bomba de gás, quero ver como é que a gente se arranja sem o amoníaco!

ROSA — *(Ainda no telefone)* O senhor não manda em mim...
(Bate os pés nervosamente)

JÚLIA — Vamos embora pessoal, dez pras seis.

FREDI — Desliga, Rosa. Depois você fala com seu Jarbas.

ANA — Ninguém achou o amoníaco?

ALBERTO — Nem as rolhas. Basta de comissão de segurança! Quero ver. Vai ser aquele pau, se chegar a cavalaria. Sem rolha quero ver a gente fazer os cavalos escorregarem. E o pior de tudo é que as bolinhas de gude também desapareceram. A gente já tem pouca coisa pra se defender, e ainda desaparece tudo?

VILMA — *(Comendo as unhas)* E os cachorros? Aqueles cachorrões, da outra vez? Será que...

ZÉ — Isto já é masturbação mental, pô! Não era violência que vocês esperavam? Então que medo é esse? Que venham os cães, os cavalos, os cacetetes da polícia marítima, e o demônio em pessoa!

CEBOLA — Ninguém está com medo. Não precisa ficar pensando que a gente está com medo. Não é isso...

ROSA — *(No fone)* Eu volto quando quiser. Já disse. O carro? O meu Karmanghia? Mas o senhor me deu de presente porque eu entrei na faculdade... *(Pausa)* Ah... vai vender... Vende! Não faz mal. Amor com amor se paga. E pára com este negócio de enfarte. O senhor não tem consciência política. *(Bate os pés, nervosamente. Todos riem dela)*

FREDI — Desligaaa!

ROSA — (*Desligando violentamente*) Chantagista! (*Para Fredi*) Você viu a chantagem sentimental? Disse que vai ter um enfarte. Ah... disse que vai vender o meu carro, o meu título do clube, vai me cortar a mesada... Isto tudo fora o tal do enfarte.

FREDI — Como se enfarte fosse só programar e ter.

JÚLIA — Vamos pessoal. Coragem. Tá na hora.

ZÉ — Vamos lá. (*Passa as mãos nos ombros de Júlia*) Se a gente não se ver mais, até a próxima encarnação mesmo.

ROSA — (*Para Vilma, nervosa*) Já pensou o meu remorso se o meu pai tem mesmo o enfarte?

VILMA — Eu só tenho medo dos cachorros. Juro mesmo. Só dos cachorros.

ALBERTO — Tem que meter os peitos. Você leu as instruções de segurança? Se os cachorros vierem, você fica paradona. (*Fica parado. Duro. Com as mãos coladas no corpo. A cena é cômica*). Não corre, não olha pro chão. Fica assim, como se estivesse embalsamado. Eles não pegam em você. Só pegam na tua roupa, e ficam esperando a polícia te apanhar.

VILMA — Eu hein? E se dá na louca de um cachorrão daqueles de resolver mudar de hábito? Se ele muda de hábito, me tira um pedaço, e eu paradona feito besta? Eu corro e corro mesmo!

ALBERTO — Se vierem os cavalos, atirem as rolhas e as bolinhas de gude.

CEBOLA — Se alguém achar... faça bom proveito.

ROSA — E... se tiver... tiro mesmo? Que é que a gente faz?

ZÉ — (*Sorrindo*) A gente abre o peito assim... (*Abre o braço*) e deixa o sangue escorrer à vontade. Como em todos os filmes de guerra que você viu. Só os heróis morrem assim. Os heróis ou os idiotas como nós.

FREDI — Os heróis, Zé? Você sabe muito bem que isto é heroísmo. Não sei porque ridiculariza assim o movimento.

ZÉ — (*Desleixado*) Já expliquei minha posição. E vai haver tiro. Portanto, abrir o peito e deixar a bala entrar é a

última palavra de ordem! *(Ri)* E isto eu acho i-di-o-ta.
(Faz um gesto com as mãos). Paciência.

JÚLIA — *(Andando para a porta dos fundos)* Vamos, gente!
Lá fora o pessoal está esperando ordens!

ZÉ — *(Segurando novamente no ombro de Júlia)* Vamos embora!

(Saem em bloco com Júlia e Zé abraçados à frente e gritam todos).

- A violência organizada derruba a ditadura!
- A violência organizada derruba a ditadura!
- Libertem nosso presos!

(Enquanto vão saindo pelo corredor principal do teatro, Frederico, que ficara para trás, dá um berro).

FREDI — Se Deus quiser não vai acontecer nada!

ZÉ — *(Já quase para sair, na frente do bloco, pela porta principal do teatro, grita)* Deus? Deus está do lado das forças armadas? Não sabia?

(Eles saem, gritando os slogans, enquanto uma música violenta, wagneriana, sobe cada vez mais de volume. A música se mistura aos gritos de: O POVO ORGANIZADO DERRUBA A DITADURA!)

QUADRO 3

Música wagneriana. Slides com letras enormes. Como um jornal visto por lentes de aumento. Os slides se sucedem, narrando os acontecimentos da passeata, ao som de música violenta.

SLIDES — “Seis horas da tarde. Os estudantes aglutinaram-se na Praça da República, ao redor do coreto. Ali discursaram José Freitas e Júlia Silva, líderes do movimento. Houve controvérsias entre os dois, a respeito do uso da violência na passeata. Mas Júlia Silva foi mais aplaudida, quando convocou os presentes a “FICAR NA OFENSIVA”. Belmiro Gomes, jovem conhecido como Cebolinha, ateou fogo a uma bandeira norte-americana, sob aplausos fortíssimos. Um operário discursou em nome de seu sindicato.

Às seis e dez, a passeata começou sob os gritos de “ABAI-XO A DITADURA”. Os participantes entraram pela Ipiranga, carregando faixas e cartazes com dizeres contra o governo, a guerra do Vietnã, o arrocho salarial etc. Ao descer a Avenida São João, Júlia Silva incitou alguns estudantes a incendiarem uma viatura da polícia, que estava estacionada no local. O carro foi incendiado. A marcha ia prosseguir, quando pela Ipiranga chegam os primeiros contingentes militares. Cavalaria, polícia marítima e polícia civil, cercam os manifestantes. Cães são atirados sobre os jovens. Tiros e bombas de efeito moral acabam por dispersar momentaneamente a passeata. Na fuga um estudante cai e é espancado por policiais. Populares tentam impedir o espancamento e são detidos. Um cavalo tomba morto, com um tiro na cabeça.

Seis e quarenta. A passeata se rearticula, como por milagre e manifestantes começam a subir a Avenida São João com faixas e cartazes. Novamente a polícia do exército, a cavalaria e a polícia marítima reprimem o movimento. Há pancadaria, tiros e bombas. Populares e estudantes são chicoteados. Novos tiros, vindos de um destacamento que acabara de chegar pela Ipiranga, fazem com que a deban-

dada seja frenética. Todos fogem. Apenas alguns poucos, comandados por Júlia Silva, tentam resistir. Atiram molotovs sobre o contingente da cavalaria. Mais tiros. Neste embate, são presos dez estudantes, fora a centena de outros que já haviam sido detidos nas duas primeiras tentativas de manifestações. Há dezenas de feridos. Um estudante ao tentar atirar uma bomba molotov sobre um elemento da polícia montada, recebe um tiro no estômago. É imediatamente conduzido ao Hospital das Clínicas, onde se encontra em estado grave. Júlia Silva e José Freitas conseguem escapar à perseguição da polícia, e os últimos manifestantes detidos, são atirados para dentro de uma viatura da polícia. Sete e quinze. A avenida está repleta de policiais. Toda a cidade está em polvorosa. Carros incendiados ainda expelem fumaças. Os populares, escondidos dentro das casas comerciais, começam a sair. É o fim da passeata.

(A luz se acende fragilmente no cenário todo. O clima é de desalento. No telhado, Cebolinha, com esparadrapos no braço, está de vigilância, encostado à caixa-d'água. Na cozinha, Dartagnan toca lentamente no violão uma música caipira. Ao lado de Dartagnan, numa cadeira velha, Alberto se embriaga. Na sala da congregação, Vilma chora baixinho, soluçando, nos ombros de Ana. À esquerda, na varanda, Mário e Fernando vigiam a rua, armados de revólveres. No Grêmio, Rosa, Frederico e José ao redor da mesa jogam baralho. José traz um esparadrapo no olho e Frederico traz o braço todo enfaixado. No Grêmio, a luz é mais forte, incidindo diretamente sobre os três que jogam. O relógio marca onze horas).

ROSA — O cara que morreu, foi o Luís, não foi?

FREDERICO — A Vilma acha que foi. Está chorando desde a hora que chegamos.

ROSA — (*Procurando uma carta para jogar*) É natural. O Luís era noivo dela.

ZÉ — Sua vez, Rosa.

ROSA — Cadê o meu coringa que estava aqui?

FREDERICO — Procura direito. Toda hora você perde uma carta.

ROSA — (*Procurando aflita*) Não achei. Pra variar, vocês me roubaram.

ZÉ — Ah, vai, quem vai querer roubar um coringa?

ROSA — Então como é que eu não acho?

ZÉ — (*Achando o coringa de Rosa*) Olha aqui o seu coringa. Joga.

ROSA — (*Jogando*) Joguei. Pronto.

(*Zé está tenso, distraído. Joga uma carta fora.*)

FREDERICO — Ei, Zé. Você jogou um coringa. (*Ri*) Ficou louco?

ZÉ — Vamos parar com isto, tá? Estou cheio deste jogo.

FREDERICO — Você quem sabe. Quem resolveu jogar foi você.

ZÉ — Senão eu enlouquecia. (*Atira as cartas*) Mas não dá pé. Meus nervos não deixam. Estou estourando. (*Atira outras cartas*)

ROSA — E agora? A gente vai fazer o quê? Vai ficar sem fazer nada?

ZÉ — Eu vou. Vocês dois façam o que quiserem.

ROSA — Eu vou ter um troço se ficar parada. Estou morrendo de medo. (*Cobre o rosto*) A polícia... vem mesmo, não é? Já aconteceu alguma vez de ela avisar que vem e não vir?

ZÉ — Já. Mas desta vez não tem engano. Ela vem.

ROSA — E... E depois?

ZÉ — Você não via na passeata? Vai ser igual.

ROSA — (*Ameaçando chorar*) Cães, cavalos, tiro... Tudo igual?

FREDI — Calma amor... calma...

ZÉ — (*Gritando*) Tudo igual. Cães, cavalos, tiros... tudo. E feridos, e presos. E até mortos. Entende? E não adianta ter chilique.

ROSA — Eu não vou ficar!

ZÉ — Acho bom. (*Pausa. Para Frederico*) Aliás, um conselho. Vocês dois... por que não vão embora? Vocês não têm porque ficar aqui agüentando o tranco. Não é por nada, mas... Na verdade, eu me julgo diretamente responsável pelo que acontecer com vocês. Sei que é pequeno-burguês de minha parte esse tipo de preocupação. Mas vocês estão aqui meio de sapo. E cururu só entra pelo cano de bobo. Entende? Eu sei que você, Fredi, já entendeu as coisas. Mas o negócio, hoje, é pra valer. Você podia ir pra casa, e reformular suas idéias. Não acha? Além do mais não é nem isto de vocês estarem por fora. O negócio é que é besteira ficar aqui. Besteira pra todo mundo. Principalmente pra vocês dois.

ROSA — Eles têm razão, Fredi! Vamos embora, pelo amor de Deus!

FREDI — Nós ficamos até agora. Vamos ficar até o fim. O mesmo eu pergunto pra você, Freitas. Porque você não vai embora também, já que acha besteira ficar?

ZÉ — Não sei. Francamente. Talvez eu consiga convencer o pessoal a evacuar a escola. Acho que é por isto que eu fico.

ROSA — Desde que a gente voltou da passeata você já falou quatro vezes com eles... E não adiantou nada. Acha que falar mais uma vez vai adiantar?

ZÉ — Vou tentar.

ROSA — ... Está berrando ai, feito louco desde as oito horas. E que adiantou? São onze horas agora. Os cretinos estão aí. Esperando a polícia, convictos de que vai haver uma guerra.

ZÉ — Não vai haver uma guerra. Vai haver um massacre.

ROSA — Eu sei. Frederico, vamos embora daqui... Vamos embora! (*Recomeça a chorar*) Parece um pesadelo... Meu Deus... Nunca vi tanta tragédia. Sabe, quando eu vi aquele cavalo morrer... me deu vontade de... não sei...

ZÉ — Oras... E o resto? Você ficou comovidinha só com o cavalo? Você é de associação protetora dos animais ou é louca mesmo? Não viu o cara levando o tiro? Não viu os caras atirando em tudo? Não viu os feridos chorando, os espancamentos, a ganância dos cães, rosnando atrás de nós, como se nós fôssemos carne fresca?

ROSA — Eu sei. Eu vi tudo. (*Chora, alto*) Vi e não vou esquecer mais. (*Chega-se a Zé*) E se o cara que morreu for o Luís mesmo? Que será da Vilma? (*Soluça*) Coitada... Coitadinha...

ZÉ — Ela vai ter que aceitar. Vamos ter que aceitar os mortos e os feridos. Vamos ter que guardá-los conosco, para que o ódio cresça bastante... Nunca vamos esquecê-los. E isto é o bastante para que a gente saiba que não pode desistir. E temos que aceitar o que eles vão fazer conosco hoje. Não adianta chorar. Quem entra no fogo é pra se queimar.

FREDERICO — Não sei onde você arranja tanta calma, Zé. Você não ficou chocado com a carnificina de hoje?

ZÉ — (*Amargo, cínico*) Por quê? Você pensa que eu sou de aço inoxidável? (*Pausa*) Claro que me choquei. Estou desesperado. Mas o meu desespero é lúcido. Um desespero de saber as coisas. E não só senti-las doendo no peito. Isto é para poeta e pequeno-burguês. A gente sente o que: Ficar parado, chorando ou vomitando de nojo. Não serve pra nada. (*Cerra os pulsos*) Mas o que é que eu posso fazer? Eu preciso fazer alguma coisa. Mas o quê? Neste momento, diante deste bando de suicidas eu me sinto um fraco. Estou rouco de tanto berrar e eles não me escutam. Estou começando a ficar cansado. Muito cansado. E isto não pode acontecer. (*Ri*) Se eu fosse o Capitão Marvel, como diz o Albertinho... (*Ri*) Se eu fosse o Super-Zé... Eu ia voando até o xadrez, tirava os presos de lá. Tirava a bala do estômago do cara e dizia: Erga-te, Lázaro! Mas eu não sou Cristo nem Capitão Marvel. E não posso convencer estes dementes a sair desta bodega.

ROSA — E nós? O que vai ser da gente? (*Grita*)

ZÉ — Seja o que Deus quiser. (*Sorri*)

FREDI — E este, está do outro lado. Do lado das forças armadas, não é, Freitas? (*Bate amigavelmente no ombro de Zé*)

ZÉ — Meu discípulo dileto está fazendo progresso.

ROSA — Progresso sim. Repete tudo o que você diz, que nem papagaio.

FREDI — Que agressividade é essa?

ROSA — Isto mesmo! Você imita o Zé o tempo todo. Não te conheço mais!

ZÉ — Você está histérica. Aliás nada original. A Vilma também está. A Ana, o Fernando. Todo mundo aqui. Acho que até eu.

FREDI — Eu e Rosa não vamos embora. Só se você conseguir fazer todo mundo ir, Zé.

ROSA — Eu vou de qualquer jeito. Não quero morrer de besta.

FREDI — Cala a boca.

ROSA — Não calo. A boca é minha. Você não manda em mim!

FREDI — Mando. Repito, sou teu noivo.

ROSA — Mas não é meu dono.

ZÉ — Estes probleminhas de propriedade privada... Vocês discutem mais tarde, por favor.

(Pausa longa. Rosa pega as cartas, nervosamente, começa a jogar paciência. Frederico se aproxima dela. Zé senta-se numa cadeira, longe deles, fumando, quieto. Após uma longa pausa).

FREDI — Eu sei que você está nervosa. Mas olha... Eu não tenho culpa de nada, não é? Rosa, olha pra mim...

ROSA — Não me amole.

FREDI — Fala o que você quer que eu faça, Rosa.

ROSA — Eu quero ir embora daqui. E você vai comigo.

FREDI — Isto não. Pede outra coisa. Isto não.

ROSA — Então eu saio sozinha.

FREDI — Sai coisa nenhuma. Você só vai se o Freitas e todo mundo que está aqui sair também.

ROSA — (*Nervosa, batendo na mesa*) Não sei que raio de mania te deu! Não entendo este heroísmo besta, Fredi! Você não tem nada a ver com isto aqui. Quer fazer o favor de entender? Você é grã-fino, seu pai é capitalista. Eu sou grã-fina, o meu pai é capitalista. Nós não fomos educados para sofrer. Nós fomos criados na piscina do clube e na igreja. Nós estamos aqui de sapos e vamos morrer de sapos. Entende? De sapos!

ZÉ — Sua voz me dá dor de cabeça, Rosa. Quer calar a boca, por favor? E largue o Fredi em paz. A porta está aberta. Se quiser ir, é só sair.

ROSA — Não vou sem ele. Ele é meu noivo. Não vou deixá-lo aqui, sozinho, com este bando de alucinados. E nas tuas mãos, o que é pior. Você vai acabar enfiando mais minhocas na cabeça dele.

FREDI — Quais foram as minhocas que o Zé pôs na minha cabeça?

ROSA — Que você tem um papel a cumprir na Revolução Brasileira. Esta Revolução que não vai sair nunca. (*Zé bate na mesa e olha com raiva para ele*) Ensinou que você tem que mandar sua família plantar fava. Que casamento é instituição falida.

ZÉ — (*Sorrindo*) Isto não sei se o Fredi levou a sério. (*Pisca para ele*) Você acha que é falida a instituição do casamento, camaradinha Fredi? (*Fredi ri*) Acha, não é? Não vai mais casar com a Rosinha, então? (*Pisca outra vez*)

FREDI — Vou casar com ela sim, Freitas. (*Bate no ombro dele*) Isto eu vou. Eu gosto demais dela, pra achar que o casamento é coisa do passado. Vou casar de véu, grinalda, igreja, padre e cartório. Como manda o figurino. E como ela quiser. Ela quem manda.

ROSA — Ainda bem. Não que eu esteja louca pra casar. (*Zé ri*) Ainda bem que o Zé não te transformou por inteiro.

Não pensem que estou doida pra casar não, viu, Seu Freitas? E não fique aí rindo com esta cara de tonto!

ZÉ — Não está louca pra casar?! (Ri)

ROSA — É da tua conta?? Por que quer saber?

ZÉ — Por nada. (Torna-se indiferente) Estou preocupado com outras coisas.

ROSA — (Após uma pausa) Com a Júlia, suponho.

FREDI — (Fazendo um gesto de reprovação à Rosa) Psiu... Não fala dela, que o Zé te enforca.

ZÉ — É. Com ela mesmo. Estou preocupado. Ela saiu comigo da passeata. Nós escapamos juntos. Depois, fomos tomar uma coca-cola num bar. Ela pegou um táxi. Disse que tinha hora marcada no médico. Às dez horas... Ela ia fazer um aborto. Eu não sei se fez, se não fez... Se correu tudo bem. Pode ser que pegaram ela quando ela saiu do bar. Tinha milico à beça no lugar. Por isso estou preocupado.

ROSA — Preocupado não. Você está é com remorso.

FREDI — Rosa...

ROSA — Com remorso, sim. Fez o que quis com a menina.

FREDI — E ela fez o que quis com ele. Até depôs o Zé da presidência.

ZÉ — Vocês dois não se metam na minha vida particular. E não estou com remorso. Isto é coisa de pequeno-burguês. De cristão idiota. Eu sempre medi as conseqüências dos meus atos.

ROSA — Mediu? E como é que esse filho foi parar na barriga dela?

ZÉ — A culpa foi dela. Mentiu que tomava as pílulas e não tomava coisa nenhuma. Depois disse que não tomava porque a pílula dava câncer.

ROSA — Câncer não dá. Mas engorda... Minha irmã depois que casou e começou a tomar esta maldita pílula, engordou dez quilos.

ZÉ — Eu já sei o caso da tua irmã. E dos dez quilos que ela engordou!

FREDI — Ué! Pra que é que você contou isso pro Zé?

ROSA — Por... Sei lá... *(Ela e Zé entreolham-se. Rosa está embaraçada)*

ZÉ — Que hora mais idiota de falar em pílula anticoncepcional... *(Gesticula com as mãos)*

ROSA — Tenho pena da Júlia.

ZÉ — Cuida de sua vida. Tenha pena de você, que vai precisar muita.

ROSA — Idem... Idem... Eu, pelo menos, tenho família.

ZÉ — Grande merda! *(Ri)* Ah, não só família você tem. Tem clubes, cabeleireira etc... Ah... e o Frei Marcílio. Ia me esquecendo dele!

FREDI — Quanta coisa a Rosinha te contou! *(Ri)*

ROSA — Eu... Eu gostava do Zé. Acreditava nele. Quando eu era amiga dele, contei toda a minha vida... É isto, Fredi...

ZÉ — E agora, por que é que criou este ódio de mim?

ROSA — Porque você é o responsável por eu estar aqui, metida nesta confusão. Eu e o Fredi... Tenho raiva de você porque você virou a cabeça dele. Por isso.

ZÉ — A consciência é um negócio sério.

ROSA — Que quer você dizer com isto?

ZÉ — Que ninguém brinca com a consciência. O Fredi, eu e você... ninguém. Ninguém. Me explico. Agora vocês já viram muita coisa, que não vão esquecer. E já sabem de outras tantas coisas difíceis de tirar da memória, do coração... Tudo o que vocês viram, ficou aqui *(Mostra a cabeça)*. E vai doer muito. Vai doer muito tempo, até se transformar em idéia. Depois, então... em...

ROSA — Recordação, nada mais.

ZÉ — Não. Depois tudo isto se transforma em consciência política. Em vontade de luta.

ROSA — Pra nós foi uma aventurinha trágica. Um pesadelo.

ZÉ — Talvez. Mas eu tenho fé na inteligência e na consciência do meu "camarada" Fredi. *(Ri)*

FREDI — Eu também. No começo eu não entendia muito porque estava aqui. . .

ROSA — Estava aqui pra tomar conta de mim!

FREDI — E estou agora porque todo mundo está. Assim como só saio daqui quando todo mundo sair. Ficou claro?

ROSA — Burro! Relógio de repetição! Burroooooo! (*Grita*)

ZÉ — Cala a boca! Tua voz me irrita! Eu já estou nervoso. . . Vão brigar na Congregação. Vão beber. . . Olha. . . Façam como o Alberto. Tomem um porre. Pronto.

FREDI — Zé. . .

ZÉ — Você também, Fredi. . . Sobe com a Rosa. Vão beber, vão trepar. . . Vão fazer alguma coisa, mas me deixem sozinho aqui, pelo amor de Deus. . . Não é por você, Fredi. É ela que me irrita.

ROSA — Trepar?! (*Tapa a boca horrorizada*)

FREDI — Zé, você esqueceu que a Rosa não pode ouvir certas coisas? (*Chateado*)

ZÉ — Ela que vá à merda. Com os preconceitos, o Frei Marcílio. Mais o catecismo. Eu falo o palavrão que quiser!

FREDI — Calma, Zé. . .

ZÉ — Você não vê que eu estou estourando, hein? Sabe quantos caras estão em cana? (*Pausa*) Cento e cinquenta! Sabe quantos feridos?

FREDI — Eu sei tudo isso. . . Mas se você também perder a cabeça, a gente não sai daqui nunca e. . .

ZÉ — Eu é que não vou tentar convencer estes cretinos a fazer mais nada. Querem ficar? Que fiquem. Para quem gosta de sangue, é um bom prato. (*Pausa*) E a Júlia? Será que abortou? Será que foi presa? Será que. . . (*Meneia a cabeça desesperado*) Não! Não suporto mais isto aqui. . . (*Agarra Fredi*) Vou ficar louco de podre, juro! Estamos para ser massacrados! E eu impotente diante deste bando de suicidas! E eu aqui! E esta dúvida. . .

FREDI — Zé. . . Se a Júlia foi fazer o aborto, se é isso que te preocupa tanto, Freitas. . . posso te garantir que não tem galho. Olha, eu conheço mil casos. . . não tem o menor perigo este negócio de aborto. Você sabe. . .

ZÉ — Você entende disso?

FREDI — Mais ou menos. Eu sei que não tem problema.

ZÉ — Ela estava de três meses e lá vai pedrada. (*Aflito tentando entender*) Isto não complica?

FREDI — Não... Acho que não. Aborto hoje em dia é como parto normal... Até mais simples.

ZÉ — (*Horrorizado*) Como parto normal? Mas então dói pra burro!

ROSA — Claro que dói.

FREDI — Você não sabe nada a respeito disso! (*Para Zé*) Não é como parto. Eu me enganei. Eu quis dizer que é mais simples que parto. É natural como parto. Mas é mais simples. Entende? (*Respira fundo*) Poxa, Zé... Desculpe se te afligi... Olha... É com anestesia geral... Não dói nada.

ZÉ — (*Pausa. Ri, amargo*) Doer... E se doer, não é? Deve estar doendo tanta coisa em tanta gente agora. O pé do Oto, que levou um tiro. O estômago do cara que ninguém sabe se é o Luís ou não. Tanta coisa deve estar doendo.

FREDI — E a consciência de muita gente.

ZÉ — É. Pra estas dores não há anestesia geral. A consciência do Cebola deve estar doendo a estas alturas. Ou então ele é burro mesmo. Se ele não percebeu ainda que esta passeata foi uma loucura... E que é mais loucura, ainda, ficar aqui... É porque é louco. Ou então é burro.

ROSA — Não culpe o Cebola, apenas. A Júlia é a maior responsável por esta bagunça.

ZÉ — Eu sei disso. Ela também. Ou é burra, ou louca. Mas a consciência dela deve estar doendo, agora. Talvez mais que o aborto.

CEBOLA — (*No telhado, começa a gritar*) Atenção pessoal! (*Todos se agitam*) São eles! É a repressão! (*Alvorço. Zé não sabe se sobe ou desce. Antes que todos subam ao telhado, Cebola grita*) Fiquem onde estão! (*Pausa*) Me enganei. Desculpem. Enxerguei mal. Vi um monte de gente lá longe, e...

DARTAGNAN — Que é que era, então, idiota?

CEBOLA — Uma procissão. Imaginem só.

ZÉ — Vai dar alarme falso no inferno! Cebola de merda! Como é que uma criatura em pleno uso das faculdades mentais confunde procissão com batalhão de exército?

ROSA — O Cebola ficou louco.

ZÉ — Ficou não. É louco. Louco e cego, o que é pior.

CEBOLA — Não torra! Você não disse que era pra avisar tudo o que eu visse na rua?

ZÉ — Nem tudo. Se você vir um gato, por exemplo, não precisa avisar.

ZÉ — Procissão... procissão... Era só isto que faltava.

FREDI — Só faltava ser uma procissão... para nós.

ZÉ — Para nós como?

FREDI — Pra pedir pra gente sair daqui... Em nome de Cristo.

ZÉ — Cristo não ia conseguir nada com estes obstinados, além do mais... como te falei... *(Faz um gesto com a mão indicando, mistura, confusão)* Igreja, exército, tal e coisa... É tudo a mesma merda. E estão todos unidos, contra nós.

ROSA — Ainda bem que o Fredi é suficientemente católico pra não entrar nessa onda anticlerical. Ainda bem. Pelo menos isto sobrou nele, depois que você passou ele a limpo com sua ideologia.

FREDI — Não recomecemos... Não recomecemos... Chega de briga já...

ZÉ — O Cebola precisa ser substituído lá em cima. Está míope. Outro dia confundiu um pedreiro com o delegado da polícia! *(Todos riem. Zé tenta brincar com Cebola. Olha pra cima e grita alto, pra que Cebola o escute)* Ei, Cebola! É cegueira ou caganeira?

CEBOLA — *(Olhando para baixo)* Vão encher a avó! *(Pausa longa. Dartagnan na cozinha, retoma o violão)*

ALBERTO — *(Bêbado)* Ei, Dartagnan... Ei... Pára com este violão... Desculpe. Desculpe muito. Mas não dá pé. Repressão policial... *(Conta nos dedos)* Repressão

sexual... Repressão clerical... Mais você tocando violão, é demais.

DARTAGNAN — Então toca você. Alguém precisa tocar. Este ambiente precisa de música pra não parecer um túmulo.

ALBERTO — Se não me engano, é QUASE um túmulo. Daqui um pouco pelo menos, vai ser um túmulo.

DARTAGNAN — Não dramatiza (*Continua tocando*).

MÁRIO — (*Da varanda*) Ei, Dartagnan... Pára com esta droga! A tua voz é capaz de dispersar um exército!

DARTAGNAN — Então. Viu? Pelo menos minha voz é SUPERPOTENTE!

ALBERTO — (*Arrancando o violão dele*) Se não vai por bem, vai por mal. (*Grita, para baixo*) Ei, Frederico! O negócio aqui vai mal. Não é você que toca violão? Não quer tocar pra gente e tirar o próprio da mão do Dartagnan?

FREDI — Toco sim.

ALBERTO — Venha então. O Dartagnan está estragando o teu violão. E além disso precisamos, precisamos levantar o moral... (*Abre os braços, bêbado, cambaleante*)... das tropas...

FREDI — Vamos subir? (*Para Rosa e Zé*)

ZÉ — Sobe você.

ROSA — Não estou com vontade de ver ninguém tocando violão.

FREDI — Eu vou. (*Começa a subir as escadas*) Tchau. Vou ver se me acalmô um pouco. (*Lá chegando, ele pega o violão e começa a tocar uma música animada, Alberto começa a gritar*)

ALBERTO — Gente! Vem todo mundo aqui pra cozinha! Vamos ver se melhoram os ânimos! Se continuamos a chorar o tempo todo, quando a polícia chegar, não vamos ter força nem pra... (*Ri*) atirar uma molotovezinha...

DARTAGNAN — Está bêbado feito um porco! (*Todos vão até a cozinha. Vilma está muda. Ana vai subindo as escadas com os braços em redor da cintura dela, como se a consolasse. Eles se aglutinam. Frederico continua a tocar, aos*

poucos, começam a cantar juntos, fazendo enorme força para esquecer a chegada da polícia. A cantoria é frenética. O único que não está lá é Cebola, que continua vigiando o telhado. Zé e Rosa continuam no Grêmio. A luz se apaga no cenário todo, ficando um foco, sobre Rosa e Zé).

ROSA — Por que não sobe com eles?

ZÉ — Porque cantar não adianta picas.

ROSA — E que adianta ficar aqui? Remoendo, remoendo... Que adianta remoer?

ZÉ — Estou raciocinando. Estou tentando achar um argumento pra tirar eles daqui.

ROSA — Qual?

ZÉ — Eu disse que estou... TENTANDO... Não disse que tinha.

ROSA — Pelo menos o Fredi, não custava nada você convencer a sair daqui. Só você pode convencer ele disso.

ZÉ — Ele tem consciência. É maior e vacinado. Ele sabe o que faz.

ROSA — Não sabe nada!!! Está totalmente fascinado por você.

ZÉ — Ué, ele é bicha, é?

ROSA — Eu disse fascinado... noutro sentido, seu idiota! Fascinado... pelas tuas idéias... pelo teu domínio... sei lá!

ZÉ — Como você estava, então...

ROSA — Não toque nesse assunto, já disse.

ZÉ — Não adianta esconder de você mesma. Você gosta de mim. Você dormiu comigo. Você... (*Abraça-a*) Você é minha... (*Abraça-a. Ela repele*)

ROSA — Numa hora destas você pensa nisto?

ZÉ — Numa hora destas é que as pessoas precisam de amigos! (*Fala com sinceridade*) De amor... De socorro... Entende? (*Aperta-a contra si*) Eu estou apaixonado por você, Rosa, No meio de tudo isto, eu estou apaixonado por você (*Rosa se afasta*).

ROSA — Não me interessa a tua paixão. Só me interessa uma coisa. Sair daqui. Deste inferno. Minha mãe deve estar

doente por minha causa. E meu pai. . . Deve estar tendo o enfarte de que falava tanto. (*Balbuçia, quase chorando*) Estou com saudades do Frei Marcílio. E nem sei como vou contar pra ele que. . . não sou mais. . . virgem. (*Chora*) Viu? (*Volta-se para Zé*) Viu o que você fez? (*Ele não a escuta. Tem o rosto coberto pelas mãos*) E o Frederico? Quando souber de tudo. . . Santo Deus! Foram quatro anos de noivado que você destruiu!

ZÉ — Você também quis, Rosa. . . Você topou a parada. Eu não forcei a nada. . . Eu não te estuprei. . .

ROSA — Você me forçou sim. Você me convenceu. E os teus argumentos são fogo!

ZÉ — Você quis, Rosa. . . Você quis. Não te forcei (*Anda até ela*) E depois. . . depois. . . o negócio é que eu preciso de você. Só você pode me ajudar. Incrível. Você burra, burguesa, grã-fininha. . . Você, com todas as tuas fraquezas. Só você pode me ajudar. (*Abraça-a com desespero*) Me abraça! (*Impositivo*) Me abraça! (*Ela não obedece, fria*) Me abraça, anda! Eu estou desesperado! Eu preciso que você me abraçe! (*Agarra-a*).

ROSA — Me solta. Eu não gosto de você! Eu quero ir embora daqui! Eu estou com medo! Eu estou com medo da polícia, da minha mãe, do meu pai! Eu não quero mais ver a tua cara. . . (*Chora*)

ZÉ — Medo. Eu também estou com medo. (*Franco*) Um medo horrível. Eu não quero morrer. Eu estou com vontade de fazer muita coisa, ainda. Eu preciso lutar tanto, Rosinha. . . (*Abraça-a*) Morrer feito um rato, aqui. Ou então entrar em cana pro resto da vida. Porque eu não escapo. Tenho uma ficha sujíssima. Uma ficha daquelas, lá com eles. Se me pegam, é pra valer. Estou com medo de eles atirarem em mim. (*Agita-se*) Eu estou com medo também, como você. Lembra do cavalo que morreu? Não foi aquele que te cercava? (*Segura-a, emocionado*) Eu não quero ficar cheio de sangue feito um pedaço de filé! Rosa. . . (*Abraça-a mais desesperado*) Juro por tudo que você quiser. Por incrível que pareça, eu preciso que você me abrace.

ROSA — Não acredito em você. Estes teus amores são fogo de palha.

ZÉ — Acredita sim, olha (*Põe a mão dela, nos olhos para provar que está chorando. Sorri*) Viu? Freitas, o líder, o comandante, o que tinha a cabeça fria e nunca, nunca se apaixonava. . . . Eu preciso de você. Você é a mulher mais errada do mundo! (*Ri*)

ROSA — Errada mesmo. A gente não combina.

ZÉ — (*Fazendo esforço para brincar*) Você vai casar com o Frederico? (*Ri*) Vai comprar. . . . uma casinha branca, com jardimzinho verde e tudo. . . .

ROSA — Vou. Se sair viva daqui, vou fazer isto. É mais uma porção de coisas que você nem imagina. (*Aproxima-se dele*) Você uma vez disse que os teus sentimentos eram sempre. . . . transitórios. Que você nunca ficava com a mesma mulher muito tempo. (*Pausa*) Isto foi o que me fez raciocinar. E tirar você da cabeça. Eu quero. . . . estabilidade, sossego. Um homem só pra mim.

ZÉ — E uma casinha branca, com jardimzinho verde, onde você e seu maridinho possam esconder a cabeça do mundo. . . . E esquecer.

ROSA — É. Esquecer.

ZÉ — (*Abraçando-a*) Mas eu quero que você me abrace. Depois, não faz mal. Não faz mal as tuas idéias idiotas a respeito de tudo. Nem me importa que você case com o Fredi. (*Humilde*) Eu preciso de você. É. . . . uma necessidade. Estou desesperado, Rosa. E sozinho. Você é capaz de entender isto? (*Abraça-a com força. Parece sincero e muito desesperado mesmo. Ela apenas aceita o abraço, um pouco desconcertada por aquela súbita declaração de amor*).

ROSA — (*Lentamente*) Por favor, Zé. Me solta. . . . É melhor a gente não tocar mais neste assunto. (*Pausa longa*) Eu nunca viveria ao lado de um homem. . . . com sentimentos tão transitórios.

ZÉ — (*Tentando brincar*) A gente ama e desama. É a vida. (*Ri*) Tudo pode se transformar! (*Ri*) É a dialética.

ROSA — Muito triste esta dialética toda. . . .

ZÉ — (*Sorrindo ele tenta o tempo todo, por todos os meios, conquistar Rosa. Está sendo sincero, tanto quando chora, quanto quando ri. Suas reações são descontroladas. Ri,*

chora, brinca e fala sério. Mas ela permanece impassível)
Mas é assim . . .

ROSA — Você amou a Júlia?

ZÉ — *(Assente com a cabeça)* Hum . . . hum . . .

ROSA — E de uma hora pra outra, esqueceu.

ZÉ — Logo que eu te vi. *(Abraça-a)* Você entrou na escola, com aquele seu *blue-jean* justo. Um óculos escuro deste tamanho. *(Parece que vai brincar com ela, mas está falando sério)* Parecia que estava entrando num outro planeta. *(Ri. Ela está ainda mais tensa, esperando o final da frase)* Tinha um fichário de três quilômetros debaixo do braço . . . *(Ri, alto)* Acho que pensou que ia estudar muito este ano. *(Ri, mais ainda)* Era o primeiro dia de aula. É, a gente sempre tem esta ilusão, não é?

ROSA — Seria o primeiro dia de aula. Se não fosse essa bagunça que vocês fizeram.

ZÉ — Nós não. ELES . . . Eles querem acabar com tudo aqui. Nós tínhamos que reagir. *(Pausa)* Bom, isso tudo já é um passado bolorento. O momento é diferente, diferente mesmo. *(Ri. Começa a rememorar)* Lembra? *(Pegando nos cabelos dela)* Você entrou no saguão da escola . . . Ficou ali, parada, feito besta olhando pra mim e pros duzentos caras que estavam ali. Todo mundo gritava ao mesmo tempo. Eu olhei pra você. Vi, por baixo dos teus óculos escuros, um olhar de inocência e de perplexidade. Um olhar de medo. *(Pausa)*

ROSA — *(Um pouco animada com a recordação)* E depois? Não me lembro mais direito deste dia.

ZÉ — Você parou no meio do pessoal. Ficou escutando o que eu dizia.

ROSA — . . . Ah, é! É mesmo! Você me deu uma piscada de conquistador . . . *(Ri)* Continuou falando, e jogando os cabelos pra trás. O pessoal batia palma pra você.

ZÉ — Daí você tirou o óculos, quando foi na hora de votar . . . *(Faz um gesto de quem procura lembrar alguma coisa)* Que é que a gente estava votando?

ROSA — Se mandava ou não o professor de Estatística embora.

ZÉ — Ah, isso... O Gofredo bicha. Aquele chato. *(Ri)* Você bateu palma e olhou pra mim. Foi aí que eu não te tirei mais da cabeça. Depois, quando a ocupação começou, veio o teu noivo e...

ROSA — Chega de recordação. Você parece velho! Nós temos mais o que fazer que ficar lembrando isso. Eu...

ZÉ — Fica comigo... Fica comigo, estou dizendo!

ROSA — Você esqueceu a Júlia, não foi? Você me esquece também! Não é assim a tua dialética?

ZÉ — Tese, antítese e síntese. Eu te amo, você não me ama. Síntese. Você vai embora com o Frederico. Acabou-se o que era doce. Quem comeu que se melou. *(Ri, alto)* Azar! Se o Marx me escutasse falando assim da dialética... *(Ri)*

ROSA — *(Rindo, tímida)* Saía do caixão e vinha agora mesmo tirar satisfações com você.

(Os dois riem. Abraçam-se. Parecem ter esquecido as divergências e o medo).

ZÉ — Você vai embora, então *(Ainda agarrado a ela)*.

ROSA — Vou.

ZÉ — Eu não vou agüentar.

ROSA — *(Sorrindo)* Vai. A dialética te ajuda.

ZÉ — É. A dialética me ajuda. *(Beija-a no rosto)* Você é uma burguesinha cretina. Vive de sonhos e de preconceitos. Tudo o que está na tua cabeça linda, fede mofo. *(Solta-a)* Ainda bem que é assim. Eu não ia mesmo suportar por muito tempo uma mulher tão frágil. Um bibelozinho apavorado e egoísta como você!

ROSA — E eu não ia suportar um homem sem profissão definida, sem casa, sem nada. Um... ex-líder estudantil, cheio de lembranças de antigas passeatas. Um líder cujo futuro é viver às custas de um partido político qualquer, ou então, de empréstimos caridosos desta burguesia que você tanto odeia. *(Ri)* Eu vou me casar. Não sou mais virgem. Mas vou me casar. Vou ter minha casa, meus filhos. O Frederico vai compreender, eu sei que vai. Ele

tem que compreender. *(Pausa)* E vou esquecer esta tragédia que vi hoje, Freitas.

ZÉ — Vai esquecer tudo. *(Ri)* O cavalo ensangüentado na rua e a bala no estômago do cara.

ROSA — Pra mim, vai ser só um pesadelo. Um pesadelo do qual vou ter notícias através de jornal, apenas.

ZÉ — Bem, sobe. . . Vai lá buscar o teu noivo. Eu tenho nojo de você.

ROSA — *(Pausa)* Tchau. . . *(Sobe)*

(O telefone toca).

ZÉ — *(Atendendo)* Alô? 51-4725 *(Pausa)* Zé Freitas. *(Pausa longa)* O senhor discute com ela este problema. *(Pausa)* Não obriguei ninguém a fazer coisa nenhuma, seu Jarbas. *(Pausa)* Leu no jornal? *(Ri)* É. A imprensa burguesa me fez famoso! *(Ri)* Não estou gozando ninguém. Já disse que o senhor deve falar com ela e discutir com ela. Eu tenho mais o que fazer, que explicar pro dono da fábrica de latas Vitória que focinho de porco não é tomada. *(Ri)* E que um dia esta tua fábrica vai ser do po-vo! do povo! O quê? Idealista? *(Pausa. Ele ri alto)* Rosinha! *(Pausa longa. Tapa a boca do telefone)* É o seu pai, Rosa! Desce rápido!

ROSA — *(Descendo)* Já vou! Já vou!

ZÉ — *(Ao telefone)* Até lá, seu Jarbas. Tua filha vem vindo. Não acho a menor graça no que o senhor disse. Aliás, pra mim, o senhor é absolutamente sem-graça. É um cretino. . . *(Ri)* HIS-TÉ-RI-CO! *(Fala tudo isto pra amolar o pai da Rosa, mas não dá ênfase a nada. A aparência de Zé é de displiscência total, reflete desespero, descontentamento).*

(Rosa pega o telefone. Zé sobe as escadas).

ROSA — Alô. . . *(Pausa longa)* O Freitas é assim mesmo. Não tem educação. *(Pausa longa)* Eu sei. Eu quero sair daqui, mas o Frederico é quem não quer. *(Pausa)* Não grita! *(Tapa a boca do telefone)* Fredi! *(Olha para cima. Ele*

põe a cabeça para fora do praticável) Papai falou que se você não me levar embora, ele rompe o nosso noivado.

FREDI — *(Pegando o telefone, já no primeiro andar)* Seu Jarbas... *(Pausa)* Se ela quiser, que vá. *(Pausa)* Vou ficar. *(Pausa)* Chame um médico, então seu Jarbas. Não posso fazer nada pelo senhor. *(Pausa)* Obstinado? Pode ser. *(Pausa)* Enfarte não é assim, seu Jarbas. Calma... *(Pausa)* E quem rompe ou não rompe o nosso noivado somos nós dois *(Desliga)*.

ROSA — Que... foi que ele disse?

FREDI — Que ia mandar o chofer te buscar na marra. Que pra ele eu não sou mais o teu noivo. Que eu sou um mole. Que me deixei levar pelo papo dos outros. E que isto aqui é loucura. Sei lá o que ele disse. *(Pausa)* Ah... o negócio do eterno enfarte. Disse que dona Verônica já mandou um médico. Que sua casa está um inferno... por sua causa.

(Ela começa a chorar).

ROSA — Eu quero sair daqui! Eu quero ir embora daqui! Eu quero ir... Fredi! Frederico! São quatro anos de noivado... Você sempre fez o que eu pedi! Eu quero ir embora daqui! Eu estou com medo. Morro de medo! Eu quero sair daqui! *(Histérica)*. SAIR DAQUI! *(A luz se apaga no cenário)*.

(Foco em Zé, Vilma, Alberto etc.).

ALBERTO — ... Quem quer? *(Mostra uma garrafa de pinga)*

ZÉ — Me dá isto aqui. *(Agarra a garrafa dele)* Você desmoraliza o movimento. E depois, isto não adianta nada.

ALBERTO — Me dá a garrafa. Eu quero beber. Você não tem nada com isso.

ZÉ — Vai beber lá fora. Por que você insiste em ficar aqui? Você está a fim de defender a escola da invasão policial?

ALBERTO — Estou.

ZÉ — Bêbado deste jeito?

ALBERTO — Me dá a garrafa.

(Zé não responde, pega a garrafa, tapa o gargalo e guarda-a a seu lado).

ALBERTO — Me dá a garrafa... Se a polícia chegar? Você quer saber o que é que eu faço? (Com dificuldade, coloca os braços para cima, como se segurasse uma metralhadora). Assim. (Fala com dificuldade) Senhor comandante do exército, não vem que não tem! (Começa a dançar iê-iê-iê, cambaleante) rata-ta-ta! (Metralha todos) “Era um ragazzo que come io”... (Para todos) Quando eu era menino e brincava de mocinho e bandido... os meus inimigos morriam todos (Metralha de novo) Você pensa que eu tenho medo da polícia? (Ri) Não... Eu acho que a polícia é que tem medo de mim. (Ri alto) Eu é que vou acabar com ela... Vou acabar com a polícia, com o esquadrão da morte, com o sistema capitalista, com a miséria, o analfabetismo, o câncer! (Procura a garrafa) Vou! Eu sou poderoso! (Metralha todos). (Metralha novamente) Um por um. Todos mortos... (Ri, como criança) Era assim que eu brincava de soldado. (Olha para todos, esperando resposta) Era assim... vai me dizer que ninguém aqui nunca brincou de soldado, quando era pequeno... (Metralha de novo) Hoje, de tarde, eu fui repetir a dose. Fui brincar de soldado e entrei pelo cano. (Ri) Mas quando a polícia chegar, eu falo assim... (Prepara-se para recitar) Senhor comandante do exército, com esta tua farda, o senhor parece um periquito. O senhor é ridículo. O senhor e a sociedade que o senhor defende. (Dança). Pode vir. Pode vir quente que eu estou fervendo!

ZÉ — Quando acabar com esta falação, me dá a palavra. Tenho uma coisa séria a discutir com todo mundo.

ALBERTO — ... (Continuando sem escutar) E se os caras atirarem em mim, como atiraram lá na São João naquela porrada de gente... Eu grito: SHAZAAN! E viro o capitão Marvel! E saio voando... E salvo todo mundo! E do alto, dou um berro pra nação inteira: OPERÁRIOS DE TODO MUNDO! UNI-VÓS CONTRA A POLÍCIA, O EXÉRCITO, A IGREJA... E A PUTA QUE OS PARIU! E...

ZÉ — E seremos todos felizes para sempre, até que a morte nos separe e até o dia do juízo final...

ALBERTO — ... Amém. Vai ser lindo o dia do juízo final. *(Cambaleia)* Fogo por todo canto. Tudo incendiado. Que nem o carro da polícia que o Cebola incendiou. Que nem aquele caminhão de coca-cola. Fogo! Fogo em tudo! E que Deus tenha piedade de nós!

ZÉ — Não entendi até agora porque vocês incendiaram o caminhão de coca-cola!

ANA — Coca-cola o que é?

ZÉ — Refrigerante, pelo que me consta.

ANA — Imperialismo americano.

ZÉ — Não diga! Que moça esclarecida! E daí que é imperialismo americano? Neste caso, vocês deviam estragar o país todo, porque tudo aqui é deles.

ALBERTO — Aos poucos... Zé, aos poucos. Calma... As coisas se resolvem aos poucos. Hoje um caminhão de coca-cola, amanhã a coca-cola inteira...

ZÉ — ... Depois de amanhã vocês dinamitam o prédio do Pentágono e finalmente... *(Abre os braços, teatral, brincalhão)* Finalmente a CASA BRANCA. *(Fala sério)* É este o plano? Podem se abrir... Eu sou um túmulo! *(Ri)*

ALBERTO — Mais ou menos. *(Ri)* Você não achou um exemplo histórico? *(Ri)*

ZÉ — Um exemplo histórico.

ALBERTO — Histórico. Insisto. Histórico não. Histórico. UM EXEMPLO DE CORAGEM E OUSADIA!

ZÉ — Da porralouquice da mais cretina.

ALBERTO — Só os porraloucas fazem a história!

ZÉ — Eles atrapalham! Os porraloucas só atrapalham! Nós, vocês, estamos atrapalhando a história com este suicídio coletivo. Vamos virar lenda. Lenda e piada.

ALBERTO — *(Gaguejando, bêbado)* Cuba, por exemplo, Tá aí. Uma porralouquice histórica. Que deu certo.

ZÉ — Se o Fidel te visse falando isto... te botava no paredão. Ou então, te misturava lá com os bichas, e te punha de escanteio da sociedade. Cuba não é a mesma coisa que a Faculdade de Filosofia. É um negócio muito sério.

ALBERTO — *(Rindo)* Não confunda Cuba com a Faculdade de Filosofia, Freud com a Cassandra Rios...

(Risos).

ZÉ — Você devia trabalhar na televisão. No programa do Chacrinha. Tem senso de humor. Só que agora já está enchendo o saco. *(Levanta)* Pessoal... Só uma pergunta. Vocês estão sabendo que não vai ser uma luta igual, não estão?

FERNANDO — Como assim?

ZÉ — Vocês estão sabendo que a polícia vai acabar com isto aqui. Que não há... possibilidade de a gente vencer a batalha. *(Fala com ironia. Mas está desesperado com a confinção do grupo)*

ANA — Encerra, Zé. Não adianta. Ninguém arreda o pé daqui.

FERNANDO — Daqui não saio e daqui ninguém me tira.

MÁRIO — Ainda bem que todo mundo melhorou de humor!

ANA — A gente tem que agüentar até o fim. Se houver tiroteio, paciência.

ALBERTO — ... Ficaremos na história.

ZÉ — *(Gritando)* Na história dos loucos. Como lendas. Anedotas, que se contam nos bares de Pequim, Havana... Piadas de bêbados do Eduardo, aquele bar podre... Piadas, da noite! Só isso.

CEBOLA — *(Gritando)* Pessoal! Agora é! Santo Deus! Vem lá longe... Mas... Não tem corre. Um bando de gente a pé. Com faixas. Acho que é o CCC! Credo!

(Todos se movimentam, em pânico).

ANA — Olha direito, Cebola... Se for alarme falso, eu acabo com você!

CEBOLA — *(Olhando pra baixo, de costas pra platéia)* Ah... Ah... Ah... *(Ri, sem parar)*

ALBERTO — Que foi? Cretino, o que foi?

ZÉ — Fala logo, cururu!

VILMA — Cebola, pelo amor de Deus, aqui ninguém está brincando...

(Cebola continua a gargalhar).

CEBOLA — *(Após uma pausa)* Adivinhos. Só faltava essa.

TODOS — Fala logo e não enrola!

— Quem é? O CCC?

— Outra procissão pra implorar pra nós sairmos daqui?

— O governador?

(Cebola nega a tudo, fazendo suspense e rindo)

— O Arrelia e o Pimentinha?

— O espírito do Chê?

— Fala, Cururu!

CEBOLA — Uma comissão de mães! Umaz quinze mulheres!
TODAS COM FAIXAS E CARTAZES CONTRA A
VIOLÊNCIA! *(Ri)*

(Todos riem. Rosa e Frederico sobem as escadas, correndo).

FREDI — Minha mãe deve estar lá!

ROSA — A minha também! *(Todos se aglutinam no telhado, de costas para a platéia)*

ROSA — Mamãe... A senhora está aí?

VOZES FEMININAS, FORA — Estudantes! Nós viemos aqui em nome da família brasileira! Somos mães de alunos! Entre nós estão quase todas as mães de vocês! Viemos implorar a vocês que saiam da escola! Tenham amor à vida! *(Chorosa)* Não maltratem mais o coração de seus pais!

CEBOLA — *(Com a cabeça pra fora do telhado, falando pra baixo)* Minhas senhoras... Retirem-se. A repressão pode chegar a qualquer momento e não queremos fazer mais vítimas.

VOZ LÁ FORA — CEBOLINHAAAAAAA! Meu filho! É você que está aí em cima deste telhado? Você vai pegar uma gripe daquelas! Meu filho! Meu filhinho! Tenha pena de mim!

CEBOLA — Mamãe! (*Todos riem dele. Ele procura o que dizer, furioso*)

ALBERTO — “Ser mãe é desdobrar fibra por fibra o coração”.

CEBOLA — (*Furioso*) Mamãe... Faça o favor de sair desta comissão cretina!

MÃE DE CEBOLA — Eu vou aí falar com você!

CEBOLA — Ou a senhora sai desta comissão... ou eu vou pra Venezuela fazer guerilha e não volto nunca mais pra casa! (*Está furiosíssimo*)

(Vozerio feminino fora. Cebola volta-se para os estudantes).

CEBOLA — Elas vão entrar. Selecionaram uma comissão pra falar com a gente. Ai, meu saco! Pra que eu fui nascer filho desta chata!

ZÉ — Minha mãe está no meio?

CEBOLA — Primeiro. Não conheço sua mãe. Segundo. Não tenho lente de aumento nem binóculo. Terceiro. Não gosto nem da minha, que dirá da tua. (*Cebolinha volta a olhar para fora. Há uma longa pausa. O vozerio feminino continua*)

ZÉ — Que é que elas estão fazendo?

CEBOLA — Acho que estão tirando no palitinho pra ver quem entra.

ROSA — (*Gritando, no telhado, chorosa*) Mamãe... A senhora está aí? É a Rosa, mamãe... Estou no telhado, aqui, com o Cebolinha...

VOZ LÁ FORA — Onde está minha filha Júlia? Zé Freitas? (*Voz forte imperiosa*) Seu aproveitador! Zé Freitas! Eu sei o que você fez com a minha filha! ONDE ESTÁ JÚLIA?

ZÉ — (*Voando até o telhado*) Não sei também, dona Jurema. E não sou aproveitador! Sua filha é maior e vacinada. Tudo o que ela fez, é de livre e espontânea vontade.

OUTRA VOZ — Zé, meu filho. Meu filho! Desça um minuto daí, e venha abraçar sua mãe! Só te vejo pelo jornal ou pela televisão, no Repórter Esso! Não suporto mais de saudade de você, meu filhinho! Eu entendo os teus ideais! Seu pai era mais ou menos assim no tempo dele... Mas não se mate, meu filho! Não adianta nada! O mundo nunca foi diferente! (*Chora alto*) Meu filho! Um líder estudantil! Perdido... para sempre!

ZÉ — Mamãe... Não seja ridícula!

CEBOLA — Chi... (*Põe a cabeça mais pra baixo, curioso para ver alguma coisa que acontece fora*) Zé... Sua mãe se pegou a tapa com a mãe de Júlia... (*Ri*) Chi... que rolo! Uma deve estar acusando a outra de ter errado na criação dos filhos. A mãe da Júlia te chamou de estuprador pra baixo!

(Pela platéia, entram três senhoras com uma faixa enorme erguida. Na faixa estão os dizeres: EM NOME DE DEUS, DO AMOR, DA FAMÍLIA E DA SOCIEDADE. CONTRA A VIOLÊNCIA, À IMORALIDADE E A POLÍCIA. OS ESTUDANTES FICAM ESTÁTICOS NO TELHADO. ELAS VÊM ANDANDO, LENTAMENTE, PELO CORREDOR DA PLATÉIA, SÉRIAS, COMO EM MARCHA FÚNEBRE. SE ENCAMINHAM AO PALCO).

CEBOLA — Mãe de quem?

ZÉ — Não enxergo.

ROSA — Mamãe... a senhora está aí?

(Elas não respondem)

VILMA — Dona Gumercinda... (*Tenta enxergar*) É a senhora?

ANA — (*Cutucando Vilma*) Acho que é a mãe do Luís.

VILMA — Dona Gumercinda?

FREDI — Dona Verônica?

ROSA — Acho que não... (*Elas continuam, lentas*)

CEBOLA — (*Tendo um ataque de raiva, ao perceber que entre elas, está sua mãe*) Ai, mamãe... Não... A senhora **TINHA** que entrar... Que é? Eu não vou sair daqui, se é isto que a senhora vem pedir! Eu vou pra Venezuela... E nunca mais volto!

(Elas chegam até o palco. São conhecidas. Continuam mudas).

ZÉ — Dona Jurema... Dona Jurema...

DONA JUREMA — Seu conquistador barato. Eu me acertei com a sua mãe...

MÃE DO CEBOLA — O momento não é de ódios... O momento é de fraternidade. Viemos aqui implorar pra vocês saírem disto e voltarem pra casa.

ROSA — Quem é a senhora?

MÃE DE LUÍS — Eu sou a mãe de Luís (*Olha em todos os cantos*) Ele... Onde está? (*Os estudantes se entreolham, vão descendo, com jeito de que não há outra saída, senão ouvir as três mulheres desesperadas*)

VILMA — Dona Gumercinda... (*Emocionada*) O Luís... Não está aqui. Desde o fim da passeata que eu não sei onde ele está. Dona Gumercinda, (*Chorando*) Foi preso... Foi preso...

DONA GUMERCINDA — Deve estar sendo torturado... (*Chora*) (*Olha pra Vilma subitamente, como que tendo um lampejo de desespero*) E... Se o rapaz... baleado... (*Tapa o peito como se o coração fosse pular*)... Coração de mãe não se engana... **E SE FOI O MEU FILHO QUEM LEVOU AQUELE TIRO!** (*Grita e chora, Vilma vai até ela. A cena é tragicômica. Elas se abraçam chorando. Os outros estudantes estão todos no palco, atônitos. Cebola repele a mãe, que tenta abraçá-lo e beijá-lo. A mãe de Júlia olha para Freitas com ódio*).

MÃE DE CEBOLA — Dona Gumercinda... O destino sabe o que faz, Deus tem tudo escrito. Se tinha que ser o seu

filho... Só Deus sabe... (*Piedosa*) Todas as mães que estão lá fora estão temerosas pelo mesmo motivo. Todas acham que foi o próprio filho quem levou o tiro. (*Para todos*) Vocês não vêem que vão matar seus pais? (*Chora*) Que não vão conseguir nada com este heroísmo? Que o mundo nunca vai mudar. (*Chora*) Oh... Meu Deus! Dai-nos força, a nós mães, pra não sucumbir... Que foi que fizemos para que nossos filhos tivessem essas idéias? Cruzes? (*Faz sinal de prece*) Fazer com que esta loucura passe. Com que eles voltem ao lar.

CEBOLA — Mamãe... (*Ameaçador*) Mamãe... Pare com isto, se a senhora não parar... eu nunca mais vol-to! Estou dizendo. Juro pela alma do vovô Péricles! Juro por São Judas, que a senhora acredita tanto! Juro por tudo! (*O vozerio feminino lá fora, aumenta. Ouvem-se choros, gritos, nomes que as mães chamam: Vilma! Fernando! A cada nome os estudantes sobressaltam-se*)

ZÉ — (*Para as três, tentando manter a calma*) Minhas senhoras, isto é uma faculdade. Não é uma igreja, nem uma procissão. (*Pausa*) A faculdade está para ser invadida. Eu fui contra desde o início a permanência nesse recinto, depois do *ultimatum* da polícia. Fui contra a passeata. (*Pausa*) Aliás... Fui contra o uso da violência, na passeata.

DARTAGNAN — As mães da gente não adianta conchavar, Zé. Elas não são do movimento. E não vão se apaixonar por você.

MÃE DE JÚLIA — Menininho atrevido! Aproveitador!

ZÉ — Minha senhora. Este momento é grave demais pra este tipo de discussão. Sua filha não está aqui. Eu também não sei onde ela está. (*Faz um gesto com as mãos*) Juro como gostaria de saber, também, infelizmente estamos todos sem informações sobre os presos, os feridos... e os mortos. Mas as senhoras devem retirar-se o mais depressa possível, senão entrarão no bolo.

MÃE DE CEBOLA — Morreremos com nossos filhos, então! Já que é impossível salvá-los, nós ficaremos com eles!

MÃE DE JÚLIA — Até a última gota de sangue!

MÃE DE LUÍS — Até a última gota de sangue!

CEBOLA — *(Olha para Zé. Todos se entreolham, cúmplice-mente)* Mamãe... Dona Gumercinda, Dona Jurema: ouçam: Se as senhoras se retirarem agora... Nós prometemos... *(Olham-se todos os estudantes)* Nós prometemos... *(Os estudantes acenam com a cabeça)* sair daqui e voltar para casa. Mas... só se *todas* forem embora. Já. *(As três se entreolham desconfiadas)*.

TODAS — *(Após uma longa pausa)* Vocês prometem? *(Falam ao mesmo tempo)* Mesmo?

MÃE DE JÚLIA — Prometem mesmo? Jurem por Deus.

CEBOLA — *(Os estudantes assentem)* Juramos por Deus.

MÃE DE CEBOLA — Nós esperamos lá fora por vocês, então.

CEBOLA — Não. Não senhora. Vão as mães primeiro...

DARTAGNAN — Depois os filhos. Depois!

MÃE DE JÚLIA — *(Para as outras mães)* É um golpe! Eles querem enganar a gente. Eles vão ficar.

MÃE DE CEBOLA — *(Com gestos ameaçadores)* Eu sei! Eu conheço o Belmiro... *(Faz o gesto de palmada)* Olha aqui quando você chegar em casa. Olha aqui! *(Pausa. A mãe de Belmiro olha para as outras mães)* Eles não vão sair nada. São obstinados. Eu falo pelo meu filho. Meu Jesus, com o perdão dos céus, era tão obstinado.

CEBOLA — Mamãe. Acredite em mim. Em nós. Nós prometemos.

TODOS — Juramos! Podem ir sossegadas. Por Deus. Podem ir que nós vamos depois. *(As três se olham)*

MÃE DE CEBOLA — *(Pausa longa)* Podemos acreditar em vocês?

CEBOLA — Podem. Podem ir em paz.

ZÉ — Confie em nós.

VILMA — *(Abraçando dona Gumercinda)* Até a vista, dona Gumercinda.

ROSA — Minha mãe... não veio... *(Chora)*

FREDI — Nem a minha, nem a sua.

(As mães se retiram. Mãe de Cebolinha faz gesto ameaçador para ele, como se dissesse: "Vou te dar a maior surra da tua vida". Mãe de Júlia, olha com ódio para Zé. Mãe de Luís sai chorando)

MÃE DE JÚLIA — *(Quando todas estão para sair pela porta principal do teatro, no fim do corredor da platéia)* E você vai casar com minha filha, para reparar o mal que lhe fez, seu ordinário! *(Saem, carregando a faixa, os estudantes suspiram aliviados)*

ZÉ — Que choradeira, credo!

CEBOLA — Minha mãe me paga esta palhaçada!

DARTAGNAN — *(Fazendo o mesmo gesto que a mãe de Cebola)* Não quero nem ver a surra que ela vai te dar.

FREDI — Minha mãe me esqueceu. *(Ri)*

ROSA — A minha também. . .

CEBOLA — Felizardos! Burguesão é sempre assim, mais. . . razoável. A classe média é que é dramática. Um drama! *(Para Zé)* Tua mãe e a mãe da Júlia devem estar se descabelando lá fora. Eu queria ver a cena. *(Ri)*

ZÉ — A pequeno-burguesia tem que se estourar. *(Ri alto)* Tem que se entubar! *(Exalta-se e fala alto)* *(Rindo alto)* Eta, classe besta, meu Deus! Não tem refinamento para ser alta burguesia, nem sofrimento para ser proletariado. Ela vai se estourar, de verde e amarelo. Vai se estourar e eu vou morrer de rir.

CEBOLA — *(Às gargalhadas)* A tua mãe e a mãe de Júlia. . . Ah. . . Ah.

ZÉ — Não acho a menor graça, Cebolinha. . .

(Todos vão subindo outra vez até o telhado. Cebola olha pra baixo. De repente, uma cantoria se ouve lá fora).

CEBOLA — Eles estão cantando música religiosa! *(Dá uma gargalhada)*

VOZES LÁ FORA — “Queremos Deus, Oh Senhor”

“Queremos Cristo Redentor”

(As vozes desaparecem. Pausa longa. Dartagnan, Alberto e Fernando vão para a cozinha. Mário vai para a varanda, continua espiando a rua. Cebola permanece de vigia no telhado, encostado na caixa-d'água. Ana e Vilma na Congregação. Vilma chora desalentada, e Ana a consola. Rosa, Zé e Frederico descem até o Grêmio. Dartagnan pega o violão e começa a assobiar a Internacional, melancolicamente. A luz vai-se apagando quase totalmente no cenário todo, ficando apenas o Grêmio iluminado).

ZÉ — Faltava sair uma comissão de padres, comandada pelo Frei Marcílio. . . Uma comissão de pais, comandada pelo seu Jarbas.

FREDI — Não brinque com o seu Jarbas. Pode ser o que for mas é um homem corretíssimo.

ZÉ — Corretíssimo, mas explora a mais-valia dos operários dele.

ROSA — Não se atreva a falar no nome de meu pai.

ZÉ — “Não usarás o seu santo nome em vão”

ROSA — Goze à vontade. É meu pai e exijo respeito.

FREDI — Não vamos brigar, gente. *(Liga o rádio começa a tocar um iê-iê-iê)*

ZÉ — Bota no noticiário.

ROSA — Não. Acho que é masoquismo. O dia inteiro vocês ficam grudados nesse rádio. Pra que ouvir as mesmas notícias? Que é que adianta ficar sabendo das coisas?

ZÉ — Quero saber o nome do cara baleado. Quero saber se era o Luisinho. *(Pausa)* E. . . se morreu ou não. . .

(O iê-iê-iê continua tocando. Fredi faz gestos com as mãos. Parece dançar).

ROSA — Em vez de ficar aí dançando devia dar um jeito de a gente sair daqui.

ZÉ — É só abrir a porta e sair.

ROSA — Fredi... (*Abraça-o e aponta a porta*) É simples... Vamos embora, hein? (*Anda até ele*) Vamos? (*Abraça Fredi novamente*) Pára de dançar, Fredinho... Vamos embora... (*Ele, puxa-a. Ela, a contragosto faz gestos de iê-iê-iê*) Vamos, tá? (*Tenta convencê-lo na base do carinho, torna-se sensual*) A gente sai daqui e vai direto pra casa. (*Ele meneia a cabeça, sorrindo e continua dançando*) Depois a gente dá um pulo até o clube. (*Abraça-o. Ele continua fazendo gestos de iê-iê-iê*) Não ia ser uma delícia ir ao clube? (*Sua voz é quase suplicante. Vê-se que ela está no auge da tensão*).

O RÁDIO — (*O iê-iê-iê vai diminuindo. Interrompe a música, a voz de nosso repórter do primeiro ato. Voz fanhosa, uma música patrioteira de fundo, ele começa...*)

... E SENDO, SENHORAS E SENHORES, QUE ESTA FACULDADE SERÁ INVADIDA DENTRO EM BREVE. O EXÉRCITO E A POLÍCIA ESTÃO A CAMINHO. FAZEMOS UM APELO AOS JOVENS. SUA CORAGEM SERÁ EM VÃO. TODAS AS OUTRAS FACULDADES FORAM EVACUADAS PACIFICAMENTE. O RESULTADO DA PASSEATA ESTÁ AÍ PARA QUEM QUISE VER. FERIDOS... PRESOS... PARA QUE TUDO ISSO? (*A voz se torna doutrinária, a música patrioteira, torna-se frenética, os três: Fredi, Rosa e Zé, cercam o rádio, que está em cima da mesa*).

O RÁDIO — Para quê? A qualquer provocação por parte de vocês, jovens, haverá uma justa reação por parte da polícia e do exército. Uma reação violenta. Jovens! (*O repórter se prepara para doutrinizar mais um pouco. Zé desliga o rádio*).

FREDI — Idiotas. Pensam que com estas bichas falando o dia inteiro no ouvido da gente... Com estas marchinhas nojentas, vão convencer a população de que nós somos baderneiros e loucos.

ZÉ — Não sei se eles... (*Aponta o rádio*) Mas o que temos feito... deve ter assustado a população. Eles devem estar com medo de estudante. Tenho a impressão de que não há ninguém do nosso lado. Lembre-se da comissão de mães. A polícia, o exército e o CCC, contra, é claro. (*Ri*) Os operários? Talvez a favor. Mas de longe... (*Ele faz ges-*

tos cautelosos) Muito de longe... A Igreja? *(Ri alto)*
Pergunte ao Frei Marcílio, Rosa!

ROSA — Frei Marcílio é progressista!

FREDI — Nem todos os padres são o que você pensa! Acho que não está por dentro das modificações, das brigas internas da Igreja. *(Fredí torna-se didático)* Há padres, e padres...

ZÉ — Sei... sei... Alguns são até a favor da guerrilha. É isso? *(Ri)* Muita esmola o santo desconfia. Eu não posso acreditar na mistura de Cristo com Marx. Mas o Frei Marcílio é progressista, é? *(Ri olhando zombeteiro, para saber de Rosa)*.

ROSA — É. É. Não me olhe com esta cara de gozação. Estou por aqui com você.

ZÉ — É progressista mesmo? Tem certeza? *(Empolga-se)*

ROSA — *(Gritando)* É progressistaaaaa! Não me irrita!

ZÉ — Então não há tanto problema assim, quando ele souber que você não é mais virgem, não vai fazer escândalo nenhum. *(Zé falara com naturalidade, mas depois percebe o desastre que fizera, Rosa se vira bruscamente para ele, Fredí dá um salto. Assustado e perplexo. O clima é de absoluta tensão. Pausa longa. Fredí olha para Rosa, Rosa olha para Fredí, apavorada. Zé, sem jeito, tenta fingir que não percebe o desastre que fizera. Muito nervoso, acende um cigarro e oferece a Fredí, que nem vê o gesto. Zé começa a andar de um lado para outro. Fredí está atônito)*

FREDI — Repete o que você disse, Freitas. *(Trêmulo)* Você falou por falar... *(Está pálido e tenso)* Falou por falar... ou então como é esta história?

ROSA — *(Tentando consertar)* Falou por falar, sim. Fredí, você não acreditou no que ele disse, não foi? Fredí! Olha pra mim. *(Frederico vai até Zé. Segura-o com o braço que não está enfaixado, fortemente, Zé permanece quieto)*.

FREDI — Me explica, Zé. Por favor, me explica...

ZE — Não é hora de falar em problemas sexuais. Solta o meu ombro. Não gosto disso.

- FREDI** — Quem te disse isto que você acabou de dizer aí?
(*Grita*) Eu quero saber a verdade?
- ROSA** — Fredi! Eu juro por Deus! Fredi! (*Começa a chorar*)
- ZÉ** — (*Desvencilhando-se de Fredi*) Pois bem, quer saber?
- FREDI** — (*Tenso*) Fala tudo.
- ZÉ** — Vou falar tudo.
- ROSA** — É mentira! É mentira, Fredi!
- ZÉ** — Não grite você aí! (*Irritado*) Estes problemas burgueses me enervam mais que a repressão policial! Quer saber se a sua noiva é virgem ainda, não é, Frederico?
- FREDI** — (*Trêmulo*) É...
- ZÉ** — Não é mais. Pronto. Não é mais virgem. Não vai poder usar o vestido de noiva! (*Grita, profundamente enojado*) Que merda!
- ROSA** — (*Desesperada, aos prantos*) É mentira! Fredi! Acredite em mim!
- FREDI** — (*Para Freitas*) Prove... prove isto...
- ZÉ** — Provo sim... Ela dormiu comigo, Fredi. A prova está comigo. Eu estava apaixonado por ela. E ela estava a fim de ter uma aventurazinha com um líder estudantil. Dormiu comigo. E daí? (*Chacoalha Fredi, profundamente enojado*) Vai fazer um duelo de espadas? Vai ter um enfarte também? Que merda... Ela não perdeu o valor de uso ainda.
- FREDI** — (*Empurra Zé com o braço são. Zé cai no chão, desprevenido*) Cafajeste... (*Está quase chorando. Sua decepção, seu ódio, sua mágoa são evidentes*) Você me fez de palhaço... Você, o meu melhor amigo... E todo mundo aqui sabia...
- ZÉ** — Não quero dramas! Não admito dramas! Chega de novelas aqui! (*No chão tenta levantar, mas Fredi chuta-o e ele torna a cair*)
- ROSA** — Zé... Fredi... Pelo amor de Deus... AGORA NÃO!

(*Os dois começam a rolar no chão.*)

ROSA — O Fredi está com o braço quebrado, Freitas!

FREDI — *(Para Zé) Cafajeste, imoral... Você vai ter o que merece! Vou acabar com você!*

ZÉ — Ela também quis! Você devia dar uma surra nela também... *(Continua rolando. Fredi geme cada vez que bate o braço em algum lugar. A cena é violenta. Fredi dá um murro na cabeça de Zé, que cai meio sem sentidos. Lentamente Fredi se levanta, calado)*

ROSA — Fredi... *(Suplicante) Fredi... Olha pra mim... Vamos embora. Eu te explico tudo lá em casa.*

FREDI — *(Frio) Sai da minha frente. (Fala sem tremer, chorar ou gritar) (Indiferente) Sai já.*

ROSA — Frederico. *(Chora, ele não olha para ela. Lentamente, tira a aliança do dedo. Atira no chão com ódio. Pega o telefone. Pensa em discar, depois desiste) Pra quem você ia telefonar, Frederico?*

FREDI — *(Frio) Por uma questão de honra eu ia ligar pro teu pai, pra avisar o nosso rompimento. Mas nem isso vou fazer. Faça você mesma. (Ele desce até a platéia, sob o olhar desesperado de Rosa. Olha ainda uma vez para ela, quer falar, ela está muda, olhando para ele. Fredi bate a porta da platéia, violentamente)*

ZÉ — *(Acordando) Rosa...*

ROSA — *(Perdida, chorando) Perdi meu noivo... (Chorando, mais violentamente agora, convulsa) Se eu pudesse, se eu pudesse. (Para Zé) Eu te matava. (Vai até o telefone, decidida, treme e liga com dificuldade, um número) Alô... mamãe... (Pausa longa) O quê? O papai? Nãoooooooooo (Grita) (Desliga o telefone totalmente apavorada)*

ZÉ — O que foi? Fala! Que foi?

ROSA — Meu pai... *(Balbuciando) meu pai...*

ZÉ — Que é que ele tem?!

ROSA — *(Descendo para o corredor da platéia, gritando) Meu pai teve um enfarte. Meu pai vai morrer! Meu pai! Meu pai! (Para a platéia, desesperada, desamparada, falando diretamente com os espectadores) Alguém tem um carro aí pra me levar?! (Chora, alucinada) Meu pai vai morrer! (Para a platéia, algum velho espectador) Perdão, papai!!!*

(Vai trêmula até a porta da platéia, bate-a violentamente. Sai de vez)

ZÉ — Rosa! Você não pode sair neste estado! *(Zé fica longo tempo parado, sem saber o que fazer. Passa a mão no olho, machucado pelos murros de Fredi)*

ALBERTO — *(De cima)* Que berreiro foi esse?!

ZÉ — *(Gritando para ele)* Tragédias burguesas! Tragédias nojentas! A Rosa perdeu o pai, e o noivo jogou a aliança fora porque descobriu que ela não era mais **VIIIIIRGEM!** O Fredi quase me matou aqui embaixo. *(Tenta ironizar, revoltado)* O pai dela... sofreu um enfarte. O tal enfarte que vivia anunciando. *(Sobe as escadas)* E vocês aí? E vocês aí, hein? *(Furioso)* Que é que vocês querem? Mais tragédias? *(Sobe até onde estão reunidos todos os outros estudantes)*

DARTAGNAN — O pai da Rosa morreu, então? Coitada. Coitado.

ZÉ — Sofreu um enfarte. *(Pausa)* E o Fredi atirou a aliança no chão. É incrível. O velho pode morrer, pode se salvar Mas como é o segundo enfarte... é incrível... é incrível.

DARTAGNAN — Incrível o enfarte? Acontece nas melhores famílias.

ZÉ — *(Sem olhar para ele, frio, doloroso)* Tudo. *(Nervoso)* Incrível a violência.

(Pausa longa. Zé demonstra um imenso cansaço).

VILMA — Você está mal, Zé. *(Carinhosa)* você está passando mal. Nunca te vi tão abatido. Nem tão cheio de olheiras. *(Sorri, cansada também)* Parece que de repente... a energia acabou. Eu me sinto velha. Cansada. Você também, não mente. *(Zé tenta menear a cabeça)* Toda hora eu penso no Luís. Tenho quase certeza que... o cara baleado foi ele. *(Senta-se ao lado de Zé)* Não consigo saber se o que sinto é dor, ódio, ou vontade de achar uma saída. Eu já não sei se continuar aqui, pra fazer uns cadáveres a mais... é a melhor coisa. Não sei. Eu fico, sim. Eu fico. Fico. Estou sem força pra arredar o pé. Vai ver eu quero

mesmo que a polícia me acabe de uma vez. (*Pausa. Ela se afasta. Freitas se levanta, e abraça-a fortemente*)

ZÉ — Isto não pode acontecer, Vilma. (*Segura-a pelos ombros. Pausa longa. Olha-a nos olhos*) O suicídio é reacionário. E covarde. Até o ponto que vocês insistiam em ficar, porque sonhavam que podiam reagir à polícia... eu entendia. Pelo menos era uma atitude legendária. Heróica. Mas ficar para morrer, de propósito... é covardia. É reacionário.

VILMA — Não tome os outros por mim. Eu sei que minha atitude é covarde. Sei que estou aqui porque quero morrer. Sei que é suicídio, sim. Os outros talvez não. Eles acreditam piamente que é correta a atitude de ficar até o fim. (*Agarra-se a Zé*) Eu... o meu problema é o desespero, só. Não me leve a mal, Zé!

ZÉ — (*Para todos, num impulso*) Gente! Ouçam de uma vez por todas! (*Todos o escutam*) Há uma luta real por se travar junto a todos os oprimidos. Os operários, os camponeses. Todos. Nosso movimento é importante demais pra acabar num suicídio coletivo. Como bonzos cansados. (*Está exausto. Fala lentamente, como se fossem as últimas palavras que é capaz de pronunciar*)

CEBOLA — Agora é tarde. Nós decidimos ficar e vamos ficar. Seja como for. Nós estamos dando um exemplo a todos os que ainda não conheciam a violência. Estamos provando a violência. Se a história do movimento estudantil precisa de bucha de canhão, estamos aí, ensangüentados.

ZÉ — Idiota!

DARTAGNAN — Não somos bonzos, Zé. Você vê errado...

ZÉ — Idiotas!

DARTAGNAN — Zé, escuta...

ZÉ — Bucha de canhão! Morrer anônimo, sozinho e feito bicho. Merda!

MÁRIO — Não vai haver morte aqui dentro. Vai haver prisão, isso sim. E vamos resistir, para que todos saibam que resistimos.

ZÉ — Menos treze. Menos treze criaturas conscientes. Menos treze, numa luta que deveria ser de muito, muito, muito

mais. Estamos nos desperdiçando. Vamos virar uma lenda estúpida. Só isso.

(Dartagnan continua tocando violão. Nostalgicamente. Toca e assobia a Internacional, Vilma chora no ombro de Zé. Estão todos desalentados. Cebola permanece em sua firme atitude de vigilância. Após uma pausa longa, pela platéia, entra Paulinho, andando a passos rápidos).

PAULO — Gente. Atenção. Eu tenho notícias...

TODOS — *(Rebuliço geral. Cessa o estado de apatia coletiva. Alguns descem até o palco central. Outros permanecem onde estavam. Mas todos ficam agitados com a chegada de Paulo).*

Diga lá!

— Era o Luís o cara baleado?

— Você sabe da Júlia?

— E o Oto saiu de casa?

— Quem mais foi solto com você?

— Morreu muita gente?

— Tem gente sendo torturada?!

PAULO — *(Subindo ao palco)* Saí de lá agora. Desde as oito, que foi quando me pegaram, que estão me interrogando. Consegui bancar o débil mental. Me fiz de cururu, eles perguntaram os troços, e me deixaram sair. Soltaram cinquenta. Os outros cem vão ficar presos até segundas determinações. A polícia vem vindo pra cá. A intenção deles não é matar, nem nada, mas se houver resistência eles atiram. Têm ordens. E têm ordens pra encanar todos vocês.

ZÉ — Isto já sabemos. Fala o que você sabe dos soltos. Quem mais foi solto?

PAULO — Tenho a lista aqui.

VILMA — *(Enquanto Zé lê a lista)* E o Luís? E o Luís?

PAULO — *(Finge que não escuta Vilma)* A lista está com os nomes dos soltos e dos feridos. Foi um custo conseguir isto...

ZÉ — Você sabe da Júlia? Fala cururu! Fala, tudo o que você sabe! Você está escondendo leite...

PAULO — *(Após uma longa pausa)* A Júlia... estava lá. Eu vi ela.

ZÉ — *(Agarra-o alucinado)* E daí? Ela estava bem? *(Paulo faz expressão de quem não tem coragem de confirmar o relato)* Por que está com essa cara? Conta logo, pô! *(Pausa longa)* Torturaram ela? Torturaram, hein?

PAULO — Torturaram sim. Não sei o que fizeram com ela. Sei que foi torturada. Não sei se arrancaram as unhas dela, se deram choque elétrico *(Nervosíssimo, cheio do interrogatório do pessoal)*, se espancaram... sei que foi torturada. E abortou. *(Zé cobre a cabeça, contorce-se, aflito, cheio de ódio)* Teve uma violenta hemorragia. Quando eu saí de lá ela estava passando muito mal. Custei a conseguir esta informação sobre ela, na enfermaria. Ela perdeu sangue à beça. Por isto eles disseram que ela não escapa. Mas quando eu saí de lá ela não tinha morrido ainda. Não fiquei sabendo de mais nada.

ZÉ — *(Após uma longa pausa, com muito afeto, perplexo e trêmulo)* E espancaram... trituraram... como se ela fosse um porco. Carniceiros. Ela vai morrer, sim. Vai morrer, na mão daqueles açougueiros. Vai morrer ensanguentada como uma vaca no matadouro. Fizeram o aborto por ela. Pois sabiam que ela queria ter o filho. Nem perguntaram se queria ou não! Não respeitaram a vontade dela, porque... não existe vontade. Existe violência, só isso. *(Ri)* *(Aperta as mãos)* descobri a América! Tudo está fedendo sangue. Carniceiros... *(Alucinado, fala baixo, e volta para todos como que descobrindo a violência de repente, em suas próprias mãos).*

PAULO — *(Para Vilma, relutante)* O cara baleado... *(Vilma vai até ele, desesperada e tensa)* Foi confirmado, Vilma, foi... o Luís *(Cobre o rosto para não ver o rosto de Vilma).*

VILMA — *(Após uma longa pausa, lentamente)* E... ele morreu? Paulo, ele morreu? *(Paulo assente com a cabeça, pesaroso, agoniado, Vilma dá um urro animalesco, com um vagido de dor, como um animal ferido de morte).*

(Após longa pausa, em que todos se entreolham desalentados, Zé abraça Vilma novamente, para segurá-la. Ela parece desmaiada. De repente, ela se solta dele e começa a andar como bêbada, de um lado para outro).

VILMA — Vamos ficar aqui. Todos nós. Agora vamos ficar aqui, eles vão se empanturrar. Vão se esbaldar. Vão vomitar de tanto sangue. Somos nove, agora. Nove animais para o matadouro deles. *(Ri, louca, enojada e amargurada)*. Vão jantar. Vão almoçar... Todo mundo vai ficar aqui. Atiremos neles. *(Está alucinada)* Atiremos neles e eles atirarão em nós. *(Ri)*. Claro, não? Não, Freitas? Todos saberão que nove jovens de vinte a vinte e três anos foram almoçados como porcos. Vamos ficar. Quem sair daqui leva bala. *(Decidida)* Ouviram todos?! Agora quem manda aqui sou eu! *(Ri)* Vamos vingar o Luís e a Júlia. Ninguém sai daqui e ninguém se entrega! Vamos resistir! *(Grita)* RESISTIR!

CEBOLA — *(Enquanto todos assistem à loucura de Vilma, impotentes)* Agora são eles. Três brucutus! Três brucutus! Dez carros da polícia. E a cavalaria. Tudo o que havia na passeata! Meu Deus! *(Sorri, fracamente)* Meu Deus!

ZÉ — *(Sério e sereno, quase)* Quietos! *(Decidido)* Ninguém se atreva a atirar neles, vamos nos preparar e ver o que eles vão dizer. Se for o caso todo mundo se entrega sem se mexer. Ou então viramos mesmo o almoço deles de vez. E isto não adianta nada. Nós precisamos achar uma saída e somos nove para pensar. A morte não adianta nada, nada!

FERNANDO — *(Subindo e olhando para baixo)* Eles vêm vindo para cá, já estão na esquina.

(Todos sobem cautelosa e apavoradamente até o telhado, o clima é de luta, tensão e desorientação) (Vilma continua falando baixo, enlouquecida).

ANA — Alguém tem que segurar ela, Zé. Gente, alguém tem que segurar a Vilma! *(Ana chora como uma criança com*

medo. Tenta segurar Vilma fracamente. Vilma escapole violentamente e sobe correndo até o telhado unindo-se a todos) Você tem razão, Zé. Vamos nos entregar, ou morreremos todos! Mas ajudem a (treme) Vilma. (Grita) Ela vai fazer uma besteira! Ela vai atirar! Ela vai atirar! (Ana sobe também)

MÁRIO — Não se atira merda nenhuma aqui, ouviram bem?

VILMA — *(Sem escutar) Cada um no seu posto. Quando eles chegarem de vez, atirar! Atirar as bombas, os explosivos, e metralhar um por um! (Todos olham-na perplexos) Sem medo e sem remorso. Como eles fizeram com o Luís, a Júlia e todos nós! Exatamente na mesma moeda! (Decidida, falando baixo, começa a empilhar as molotovs, falando baixo, enlouquecida)*

MÁRIO — Que... que é que nós fazemos com ela, Freitas? *(Ele fala baixo também; parece depender agora, totalmente, da resposta de Zé) Vamos levá-la para baixo. Ela pode fazer uma loucura, né?*

ZÉ — *(Segurando-a com força, enquanto ela reluta ferozmente) Deixem comigo.*

VILMA — *(Gritando) Ninguém me arranca daqui! Ninguém sai daqui!*

ZÉ — *(Aos berros como que querendo fazê-la raciocinar segurando o corpo dela com força, numa luta quase animal. Ela se debate alucinadamente) Não enlouqueça, Vilma! Você precisa entender que é isto que eles querem de nós! Não enlouqueça, pelo amor de Deus! Nem procure morrer, que nem a morte nem a loucura adiantam mais nada, agora! Pare com isto!*

VILMA — *(Enquanto os outros se atocaiam atrás da caixa-d'água e o ruído das tropas começa a se ouvir, barulhos de passos ritmados. Terríveis. Irreversíveis. Ruídos de brucutus se arrastando. Clima terrível. Os estudantes se entreolham apavorados, perplexos. Zé e Vilma continuam na luta corporal desesperada. Ele não se apavora com o ruído de fora; quer salvar Vilma da loucura que ela pode cometer) Zé, você sabe melhor que eu... você sabe... Zé... mataram o Luís e devem ter matado a tua Júlia. Nós precisamos atirar neles, Zé. Vamos ficar aqui e seremos mais cadáveres. Mais nove cadáveres. É um teste-*

munho, Zé. O povo saberá que existe a violência, Zé. Que ela não é ilusão, conversa fiada. Poesia. Em todos os cantos, a violência, Zé... E em nós. Ela não podia deixar de existir em nós, Zé. Atiremos neles. O massacre, vem de todos os lados.

ZÉ — Eu sei. Todos nós sabemos agora, isto. Mas o suicídio é uma solução reacionária. A morte não serve para nada Vilma! (*Grita*) Nada.

VILMA — (*Levantando o braço*) Eu preciso resistir! Eu preciso matar todos eles!

ZÉ — Você vai morrer, Vilma. Só isto que vai te acontecer!

ANA — Vamos nos entregar. (*Todos estão em pânico. Agem sorratamente pelo telhado, caminham como gatos e tentam ajudar Zé a remover Vilma, na marra; mas ela continua obstinada, resmungando baixinho a sua loucura*) Vamos... Vilma... Vilma... vamos... você sabe que não dá. Vamos, Vilma... (*Puxa-a. Ela resiste. A cena é terrível*)

(*Uma voz lá fora, no alto-falante*) Estudantes! Saiam sem resistência! Temos ordens para atirar ao menor sinal de provocação por parte de vocês! Evacuem a escola, pacificamente e nada lhes acontecerá...

VILMA — (*Enfurecida*) Fascistas! Carniceiros! Açougueiros! (*Ergue os braços e grita, louca*) Não nos entregaremos!

A VOZ — (*Continuando imperiosa*) Saiam em fila com as mãos para o alto! (*Todos começam a descer até a platéia com as mãos ao alto, envoltos nos seus cobertores. Zé continua segurando Vilma, numa luta ainda mais feroz. Ela escapole. Ele cai atrás da caixa-d'água. Ela vai atirar um molotov para fora, ele segura-lhe as pernas. Ela cai do telhado, violentamente*)

A VOZ — Saiam pacificamente com as mãos para o alto! Se houver resistência, haverá mortos! (*Os estudantes saem pela platéia em blocos. Olham para trás, mas não recuam. No palco, ficam apenas os dois em luta. Eles saem humilhados, mas têm uma expressão digna de quem fez o que pode. A imagem do cenário é de aniquilamento total*)

VILMA — (*Falando, para fora*) Companheiros! Voltem! Voltem! Vamos resistir! Isto não é suicídio não, companheiros!

É um ato histórico! O sangue precisa ser visto, senão ninguém perceberá que estamos sendo massacrados!

ZÉ — *(Segurando-a fortemente)* Nós vamos sair também. NÃO ATIRE!

VILMA — Vamos ficar, vamos ficar, vamos ficar...

ZÉ — Cala a boca!

A VOZ — Saiam imediatamente. *(Sirene toca muito alto)* José Freitas! Você e esta moça que está com você! Entreguem-se sem resistência! Ao menor sinal de violência, temos ordens para matar... isto é uma advertência!

ZÉ — Nós vamos nos entregar, estamos saindo, estamos saindo.

A VOZ — Não queremos fazer mais mortos! Estamos defendendo a ordem e a tranqüilidade da Nação! Estamos cumprindo ordens. Ordens. Ordens maiores que nós. Maiores que vocês. Em nome da lei, fazemos este apelo e esta advertência. Desçam daí e entreguem-se pacificamente. Não tentem resistir! Ou seremos obrigados a matar!

ZÉ — *(Desesperado)* Que ordem é esta que vocês estão defendendo? *(Gritando, decidido)* Que ordem nojenta é esta que vocês estão defendendo? *(Vilma vai atirar uma bomba. Zé fala obsessivamente a mesma coisa, advertindo sempre. Criam um clima insuportável. Vilma cai. Aparentemente vencida pelo cansaço).* Que ordem de merda é esta? Que ordem, se já está podre? *(Escarra)* Podre como câncer! Podre! Ensangüentada e podre! *(Cospe)*

VILMA — *(Erguendo-se mal e mal de trás da caixa-d'água)* Atire neles, Zé...

(Zé tenta empurrar Vilma para o lugar onde ela caiu, pois ela está exposta para fora. Vilma atira todas as bombas molotov para fora. Uma rajada de metralhadora corta o corpo de Vilma, que cai. Zé agacha, com as mãos na cabeça) (O cenário se enche de fumaça. A sirene toca furiosamente).

A VOZ — Entregue-se Zé Freitas, senão atiraremos em você também. *(Zé sai pelo corredor da platéia, segurando Vilma nos braços, sem uma só palavra)*

A VOZ — Se houver algum estudante escondido neste recinto, que se entregue, pois temos ordens para matar. Temos ordens para matar. Para matar. Isto é uma advertência. Entreguem-se todos, senão atiraremos. Estamos defendendo a ordem e a tranqüilidade da Nação. Temos ordens para matar. Entreguem-se todos. Com as mãos ao redor do pescoço. Temos ordens para matar. Para matar. Entreguem-se todos. Com as mãos ao redor do pescoço. (*Zé sai de cena a voz continua falando obsessivamente, como um disco quebrado, até que o último espectador se retire da platéia*).

FIM

48455
BIBLIOTECA
HISTÓRIA - FFLCH
USP

Composto e impresso em 1977, ano do
Cinqüentenário das atividades da
EMPRESA GRÁFICA DA REVISTA DOS TRIBUNAIS S.A.
Rua Conde de Sarzedas, 38 — Tel. 36-6958 (PBX)
CEP 01512 — São Paulo, SP, Brasil,



CONSUELO DE CASTRO

À Prova de Fogo

Consuelo de Castro projetou-se como dramaturga com *À Prova de Fogo*, sua primeira peça teatral, escrita em 1968, e premiada pelo Serviço Nacional de Teatro, em 1972. Em 1969 surgiu com *À Flor da Pele*, montada em todo o Brasil, depois tema de filme, premiado no festival de Gramado (1977) como melhor filme do ano. Ainda neste mesmo ano, Consuelo recebeu, com a primeira montagem de *À Flor da Pele*, o prêmio "Revelação de Autor" da Associação Paulista de Críticos Teatrais. *O Porco Ensangüentado*, escrito em 1972, ganhou, ao lado de *À Prova de Fogo*, o prêmio "Leitura Pública Nacional" no ano de 1974. Em 1973, nos deu o *Caminho de Volta*, que mereceu o prêmio "Molière" (Air France), "Melhor Autor Nacional" (APCA) e "Melhor Autor de Peça Brasileira" (CET — Governador do Estado). Já em 1975 escreveu *A Cidade Impossível de Pedro Santana*, que também recebeu o "Prêmio Leitura Pública Nacional", do SNT, mas não pôde ser lida... No mesmo ano surgiu com *Implosão e Último Capítulo*, escritos especialmente para a T.V., levadas ao ar pela T.V. 2 — Cultura, de São Paulo.



HUCITEC

CONSUELO DE CASTRO UM DESTINO: O TEATRO

Dez anos atrás eu cursava Ciências Sociais na USP, e me pretendia antropóloga. Queria ser Ruth Cardoso na Vida. Ou Gioconda Mussolini, ambas mulheres que me servem de modelo e, acredito, servirão sempre: modelo de entusiasmo pelo ofício que exercem, modelo de vida. Eu já tinha publicado sem o menor pudor um livro muito ruim de poemas, aos dezesseis anos, pela Martins Editora. E tinha mais dois, também de poemas, engavetados pela consciência crítica que a gente tem a bem-aventurança de conquistar um dia. Sempre escrevi. Sempre gostei de teatro. Mas teatro e mesmo qualquer outra forma de arte eram, ao meu ver, coisas mágicas manipuladas por gente mágica. Dez anos atrás eu escrevia, escrevia, escrevia. Mas nunca pensei fazer disso minha profissão, muito menos minha paixão fundamental. Conhecia gente do meio: Zé Celso, Miriam Mehler, Osmar Rodrigues Cruz, Boal, Ítala Nandi e gente de cinema: Khouri, Batista, Ramalho. Admirava as coisas (mágicas) que eles conseguiam produzir e cheguei a acompanhar duas vezes o Teatro Oficina ao Rio de Janeiro (montagens de *Galileu* e de *Pequenos Burgueses*), só de "penetra".

Nas férias de dezembro de 1977 fui com Plínio Marcos, Luís Gustavo, e Miriam Mehler ao Rio, como contra-regra da cia. que eles tinham fundado, para a produção do espetáculo *Quando as Máquinas Param*, (do Plínio). O convívio com o Plínio e aqueles dois atores foi importante para eu sentir uma vontade mais profunda de fazer teatro. Fazer do jeito que desse: como bilheteira, lanterninha, contra-regra, qualquer coisa. Entrei no teatro "pela porta do fundo", diz o Plínio. E foi mesmo. Eu manipulava o gravador. Limpava o cenário, ajustava os objetos de cena, tomava texto dos atores. E isto era tão fascinante que quando recomeçaram as aulas eu não queria mais ser Ruth Cardoso. Queria ser Plínio Marcos. Ou melhor, queria ser Consuelo de Castro. Porque gosto de meu teatro e acredito nele. No início de 68, escrevi *A Prova de Fogo*. Sobre aquilo que acontecia na minha faculdade, em todas as faculdades do Brasil, com toda a juventude. Digo, a juventude não corrompida ou comprada.

Escrevi como dramaturga e não como antropóloga. Sei disso porque fiz o Plínio ler umas dez vezes meu texto. Concluí a peça em três dias, no sítio da Susana Rodrigues, aquela mulher maravilhosa que praticamente implantou o teatro de bonecos no Brasil.

Escrita e copidescada a peça, tinha muita gente querendo montar. Osmar, Boal, e até o Zé Celso, que acabou com o texto, definitivamente encaixado no repertório do Oficina, mas quando o elenco estava fazendo as primeiras leituras, estudando os personagens, vem uma ordem de cima que manda parar a brincadeira. Não foi só esta a "brincadeira" que acabou em 68. Acabou principalmente a "brincadeira" que deu origem ao texto *A Prova de Fogo*. E muitas outras. Em 69, por encomenda da Miriam Mehler, escrevi *A Flor da Pele*, que não foi "brinquedo quebrado". Ao contrário foi para o palco inaugurando o "Teatro Paiol". Depois de *A Flor da Pele*, profissionalizei-me, no bom sentido. Passei a me ver como escritora de teatro. A faculdade não consegui levar até o fim, apesar dos esforços.

Não pude ser Ruth Cardoso nem Giocônda. Essas mulheres se debruçaram sobre os índios, os marginais, os dramas do humano do homem, a evolução das espécies. Eu me debrucei nos nossos semelhantes mais semelhantes e no hoje, aqui, agora. Elas optaram pela pesquisa, eu pelo diálogo dramático e a ficção realista. Enquanto elas fincaram sua paixão na relatividade das culturas eu finco minhas mãos na máquina de escrever para arrancar apenas retratos daqueles com quem convivo ou que me cercam, mas que me são iguais; em mordanças, valores, medo e coragem. Se está difícil fazer teatro? Do mesmo modo como está difícil exercer qualquer atividade que conte a verdade. Índios ou operários paulistas, são todos homens, brasileiros, latino-americanos, atirados num terceiro/décimo mundo de mendicância e pânico. Tudo isto é preciso contar. Com a boca dos personagens. Com a boca de nossa gente. Com a boca de nossos artistas, cientistas, cantores. E todos os que não foram acometidos de cegueira ou indiferença.

Consuelo de Castro